

ALICE A. BAILEY

OS PROBLEMAS
DA
HUMANIDADE

Título do original em inglês:
Problems of Humanity
Tradução: Núcleo Aquariano Brasil
1ª edição digital em português, 2021

ÍNDICE

	pág.
Prefácio	3
Introdução	4
A Reconstrução Física do Mundo	Capítulo I 6
O Problema das Crianças do Mundo	Capítulo II 17
O Problema do Capital, do Trabalho e do Emprego	Capítulo III 32
O Problema das Minorias Raciais	Capítulo IV 41
O Problema das Igrejas	Capítulo V 58
O Problema da Unidade Internacional	Capítulo VI 78

PREFÁCIO

A primeira edição deste livro, publicada em 1947, continha capítulos sobre sete problemas básicos da humanidade escritos e publicados em forma de panfleto entre outubro de 1944 e dezembro de 1946. Tratavam essencialmente das condições existentes durante e imediatamente após os anos de guerra de 1939 a 1945. Em 1953 foi publicada uma segunda edição que omitiu certos materiais desatualizados, em especial o primeiro capítulo sobre a reconstrução física do mundo, reduzindo assim o tema do livro a seis problemas de interesse contínuo para um mundo que lentamente se recupera dos drásticos efeitos da guerra moderna total.

Em 1964, o livro foi novamente revisado e publicado como livro de bolso (*paperback*). Nos anos decorridos desde 1953 a humanidade alcançou muito progresso nas áreas desses seis problemas e muitas mudanças práticas ocorreram durante esse período, que mais uma vez tornaram obsoletas partes do livro original. Em alguns casos, também a natureza dos problemas mudou. Por exemplo, o problema das crianças do mundo ainda existe na maior parte do mundo, mas de uma forma diferente e em condições diferentes ao que prevalecia no período posterior imediato da guerra, particularmente na Europa. Os problemas de capital, trabalho e emprego também diferem hoje, em um mundo cada vez mais automatizado e informatizado. Há mudanças ocorrendo em muitas áreas cristalizadas e reacionárias de ortodoxia e separação religiosas, criando novos problemas dentro das igrejas.

É possível traçar comentários semelhantes para todos esses problemas, com o fato adicional de que novos problemas estão surgindo nas condições atuais que são variações e extensões dos seis básicos discutidos neste livro. Portanto, quando em 1967 nos deparamos novamente com a necessidade de reimprimir o livro, percebemos que havia duas alternativas abertas: uma, revisar e atualizar o livro, o que para todos os efeitos, cortaria o texto original até ao osso e enxertaria na estrutura do esqueleto dados factuais e informações fornecidas por outros escritores; ou a segunda, reimprimir o livro como se apresentava, porque seu ensinamento básico sobre todos esses problemas ainda é tão sólido, tão dinâmico e tão necessário quanto era quando originalmente escrito. Foi este segundo curso que decidimos seguir.

É importante, porém, que aqueles que estudam o livro estejam cientes de sua história para que o ensinamento essencial possa ser reconhecido e absorvido e os fatores irrelevantes ignorados. Os princípios espirituais a serem aplicados aos problemas da humanidade como discutido neste livro são válidos hoje e permanecem largamente ignorados pela maioria da humanidade. A contribuição dos estudantes esotéricos na criação da “forma-pensamento da solução” para os problemas humanos em um mundo em ponto de crise é um serviço vital e prático.

Lucis Publishing Company, Nova York — 1967

PREFÁCIO

A primeira edição deste livro, publicada em 1947, continha ensaios sobre os problemas básicos da humanidade, que originalmente haviam sido editados na forma de panfleto entre outubro de 1944 e dezembro de 1946, e que tratavam essencialmente das condições havidas durante e imediatamente após os anos de guerra de 1939-45.

Em 1953 foi publicada uma segunda edição que omitiu material desatualizado. Uma nova revisão foi feita para a terceira edição em 1964. Desde então, o progresso feito pela humanidade foi tal que mudou acentuadamente a natureza dos problemas. Por exemplo, os problemas relacionados às crianças do mundo continuam a existir, mas de formas diferentes e em condições diferentes ao que acontecia no período pós-guerra. Os problemas de capital, trabalho e emprego mudaram muito em um mundo cada

vez mais automatizado e informatizado. Desenvolvimentos significativos em muitos ramos da religião ortodoxa estão apresentando novos problemas no âmbito das crenças do mundo.

É possível traçar comentários semelhantes para todos os problemas abordados. Além disso, novos problemas estão surgindo nas condições atuais, embora possam ser facilmente vistos como variações e extensões dos seis problemas básicos discutidos neste livro.

Assim, agora em 1993, quando precisamos reimprimir o livro novamente, tivemos que considerar se seria melhor cortar o texto original até o osso e enxertar na estrutura do esqueleto dados factuais e informações fornecidas por outros escritores ou se deveríamos reimprimir o livro como está. Como o ensinamento básico sobre todos os problemas ainda é tão sólido, tão dinâmico e tão necessário quanto era quando originalmente escrito, decidimos pela segunda opção.

É importante, porém, que aqueles que estudam o livro estejam cientes de sua história para que o ensinamento essencial possa ser reconhecido e absorvido e os fatores irrelevantes ignorados. Os princípios espirituais a serem aplicados aos problemas da humanidade como discutido neste livro são válidos hoje e permanecem largamente ignorados pela maioria da humanidade. A contribuição dos estudantes esotéricos na criação da “forma-pensamento da solução” para os problemas humanos em um mundo em ponto de crise é um serviço vital e prático.

Lucis Publishing Company, Nova York, Londres, 1993

INTRODUÇÃO

É essencial que todas as pessoas reflexivas dediquem tempo e reflexão à consideração dos sete problemas mundiais que estamos enfrentando atualmente. Alguns deles podem ser solucionados com relativa rapidez – dado o bom senso e um interesse pessoal corretamente apreciado; outros exigirão um planejamento prospectivo e muita paciência, à medida que, um a um, serão dados os passos necessários, levando ao reajuste dos valores humanos e à inauguração de novas atitudes da mente com relação às corretas relações humanas. No reconhecimento do aumento da consciência humana e no entendimento da diferença que obviamente existe entre o homem primitivo e a nossa moderna humanidade inteligente, residem os fundamentos para um otimismo inabalável quanto ao destino humano.

Eventos no primeiro plano imediato não apagam a longa história do desenvolvimento humano e obliteram o reconhecimento das mudanças de longo alcance que ocorreram na consciência humana, os quais basicamente condicionam os objetivos humanos, todos os contatos humanos e sublinham com compreensão e perspectiva as reações da raça dos homens.

Os lentos e restritos movimentos das raças primitivas da humanidade deram lugar à velocidade e ao rápido movimento (quase inacreditável) e aos meios de transporte aéreo. Os sons rústicos e o vocabulário limitado das raças selvagens evoluíram para os intrincados sistemas de linguagem das nações atuais; os diversos modos de comunicação primitiva por meio de tambores e fogueiras foram substituídos pelo telégrafo, o telefone e o rádio; as canoas de madeira dos ilhéus incultos transformaram-se no rápido navio do mar, movendo-se de porto a porto sob força mecânica e no espaço de alguns poucos dias; os iniciais modos lentos de viagem a pé, a cavalo ou em carruagem deram lugar aos trens que cruzam continentes inteiros a grande velocidade, a cem quilômetros por hora ou mais. As simples e primitivas civilizações foram sobrepostas pela complexa e altamente organizada civilização social, econômica e política dos tempos modernos; a cultura das eras, as artes, a literatura, a música e a filosofia de todos os tempos estão hoje à disposição do cidadão comum, que inevitavelmente sabe alguma coisa disso.

Os contrastes acima apresentam uma perspectiva e um background que inspirarão esperança para o futuro e confiança no destino final do homem. O passado na realidade, mais se parece com a etapa pré-natal do que com um processo da vida normal; é um preâmbulo de uma vida mais abundante e mais iluminada; é talvez só um período preliminar de uma cultura e uma civilização que redundarão na glória de Deus e constituirão um testemunho vital da divindade do homem.

Quando o processo de nascimento acabar, uma nova humanidade estará ativa na Terra, uma nova raça de homens – nova devido a uma orientação diferente.

Há necessariamente muitos problemas menores, mas aqueles tratados neste livro cobrem os principais com os quais a humanidade se defronta neste momento e para os quais deve encontrar alguma solução nos próximos 25 anos. Isso terá que ser feito pelo método simples (simples de escrever, mas difícil de implementar), o estabelecimento de corretas relações humanas entre os homens e entre as nações.

O problema espiritual imediato que todos enfrentamos é o problema de neutralizar gradualmente o ódio e iniciar a nova técnica de boa vontade treinada, imaginativa, criativa e prática.

Boa vontade é a primeira tentativa do homem de expressar o amor de Deus. Seus resultados na Terra serão a paz. É tão simples e prática que as pessoas deixam de apreciar sua potência ou seu efeito científico e dinâmico. Uma pessoa que pratique sinceramente a boa vontade em sua família pode mudar por completo as atitudes desta. A boa vontade realmente praticada entre grupos em quaisquer das nações, por grupos políticos e religiosos em qualquer nação e entre as nações do mundo podem revolucionar o mundo.

A chave do problema da humanidade (enfocando-se, como fez, nas dificuldades econômicas dos últimos duzentos anos e no impasse teológico das igrejas ortodoxas) foi tomar e não dar, receber e não compartilhar, acumular e não distribuir. Implicou na quebra de uma lei que colocou a humanidade em uma posição de culpa positiva. A guerra foi o lamentável preço que a humanidade teve que pagar por este grande pecado da separatividade. As impressões da Hierarquia foram recebidas, distorcidas, mal aplicadas e erroneamente interpretadas e a tarefa do Novo Grupo de Servidores do Mundo consiste em anular este mal.

A humanidade nunca viveu realmente à altura dos ensinamentos que lhe foram dados. A impressão espiritual, seja transmitida pelo Cristo, por Krishna ou pelo Buda (e legada às massas por Seus discípulos) ainda não foi expressa como se esperava. Os homens não vivem à altura do que já sabem; não convertem as informações em prática; curto-circuitam a luz; não disciplinam a si mesmos; o desejo ávido e a ambição ilegal controlam, e não o conhecimento interno. Colocando de maneira científica e do ângulo esotérico: a impressão espiritual foi interrompida e houve interferência no fluxo circulatório divino. É tarefa dos discípulos do mundo restaurar este fluxo e pôr fim a esta interferência. Este é o principal problema que enfrentam as pessoas espirituais neste momento.

Capítulo I

A Reabilitação Psicológica das Nações

Este problema é muito mais complicado e profundo do que poderia parecer à primeira vista. Se só tivéssemos que tratar das psicoses nacionais e das condições mentais induzidas pelos atos de guerra e pela participação neles, o problema já seria bastante agudo, mas poderia ser facilmente solucionado pela restituição da segurança, pelo sólido tratamento psicológico das distintas nacionalidades, por sua reabilitação física e pelo restabelecimento da liberdade, da oportunidade, do lazer e, sobretudo, pela organização dos homens e mulheres de boa vontade. Este último grupo deveria se mostrar disposto a implementar os necessários processos educativos e (o que é muito mais importante) deveria se mobilizar para transmitir inspiração espiritual – algo de que a humanidade necessita muitíssimo neste momento. Há homens e mulheres de boa vontade no mundo de hoje suficientes para realizar isto, *se* puderem ser contatados, inspirados e apoiados neste empenho, tanto material como espiritualmente.

A situação é muito mais difícil do que pareceria por uma análise superficial. O problema psicológico envolvido tem antecedentes seculares, inerentes à alma de cada nação individual e que hoje estão condicionando potentemente as mentes de todos os seus povos. Aqui reside a nossa grande dificuldade, a qual não cederá facilmente ante qualquer esforço ou mobilização espiritual, seja realizado pelas igrejas organizadas (que demonstram uma lastimável falta de apreciação do problema) ou pelos grupos e indivíduos orientados espiritualmente.

O trabalho a ser feito é tão urgentemente necessário e os perigos de seu não cumprimento são tão terríveis que é necessário indicar certas linhas principais de perigo e certas aptidões nacionais que representam uma ameaça para a paz do mundo. Esses problemas se enquadram naturalmente em duas categorias:

I. Os problemas internos, psicológicos, das nações individuais.

II. Os grandes problemas mundiais, tais como a relação entre as nações e operações empresariais e forças de trabalho.

Antes que o mundo possa ser um lugar mais seguro, mais harmonioso, mais sadio e mais belo, todas as nações devem fazer um balanço de si mesmas e começar a controlar as próprias debilidades e complexos psicológicos. Toda nação deve almejar uma saúde mental sólida e se esforçar para implementar objetivos psicológicos sólidos. A unidade internacional deve ser alcançada e esta deve ser baseada não apenas na confiança mútua, mas também nos objetivos mundiais corretos e no verdadeiro entendimento psicológico.

Homens e mulheres de todos os lugares já estão lutando pela melhoria individual; grupos em todas as nações estão motivados de maneira similar; o impulso de avançar para uma maior beleza de expressão, de caráter e de condições de vida é a destacada e eterna característica da humanidade. Nos primeiros estágios da história racial, esse impulso se mostrou no desejo de melhores circunstâncias materiais e ambientais; hoje, expressa-se em uma demanda por beleza, lazer e cultura; exprima a oportunidade de trabalhar criativamente e passa de maneira gradual, mas inevitável, para a etapa em que as relações humanas corretas se tornam de importância primordial.

Hoje, toda nação tem diante de si uma grande e excepcional oportunidade. Até agora, o problema de integração psicológica, de estilo de vida inteligente, de desenvolvimento espiritual e de revelação divina só foi abordado do ângulo do homem, a unidade. Devido às conquistas científicas da humanidade (como

resultado da expansão do intelecto humano), agora é possível pensar em termos muito mais amplos e ver a humanidade em uma perspectiva mais real. Nosso horizonte está se estendendo para o infinito; nossos olhos já não estão mais fixos em nosso plano imediato. A unidade familiar é agora reconhecida em relação à comunidade, e a comunidade é vista como parte integrante e efetiva da cidade, estado ou nação. Vagamente, embora ainda inoperante, estamos projetando este mesmo conceito para o campo das relações internacionais. Pensadores de todo o mundo estão atuando internacionalmente; é esta a garantia do futuro, porque somente quando os homens puderem pensar nestes termos mais amplos, a fusão de todos os homens de todas as partes será possível, a fraternidade virá à luz e a *humanidade* será um fato em nossa consciência.

Muitos homens hoje pensam em termos de sua própria nação ou grupo, o que para eles é o conceito mais amplo; progrediram para além da etapa de bem-estar físico e mental individual e avistam a possibilidade de aportar sua quota de utilidade e estabilidade ao todo nacional; estão procurando cooperar, compreender e promover o bem da comunidade. Isto não é raro, descreve bem muitos milhares de pessoas em toda nação. Este espírito e atitude algum dia caracterizarão a conduta de uma nação para com outra nação. No presente, *não* é assim, rege uma psicologia muito diferente. As nações buscam e exigem o melhor para elas próprias, não se importando com o custo para as outras; consideram isto como uma atitude correta e característica de boa cidadania. As nações estão matizadas por ódios e preconceitos, muitos deles hoje tão injustificados como a linguagem indecorosa em uma reunião religiosa. As nações estão segmentadas e divididas dentro de si mesmas por barreiras raciais, diferenças partidárias e atitudes religiosas, o que traz, inevitavelmente, desordem e, por fim, desastre.

Um intenso espírito nacionalista – assertivo e prepotente – caracteriza os cidadãos da maioria dos países, em especial na relação recíproca. Isto engendra antipatia, desconfiança e desconcertos nas corretas relações humanas. Todas as nações (e, mais uma vez, quero dizer todas) são culpadas dessas qualidades e atitudes, expressas de acordo com a cultura e o gênio individuais. É com esta premissa que quero começar. Todas as nações, como todas as famílias, contêm nelas grupos ou indivíduos que são fontes reconhecidas de contratempos para os demais bem-intencionados. Na comunidade internacional há nações que são e foram, durante longo tempo, agentes desintegradores.

O problema da ação combinada e interação das nações é, em grande parte, ou mesmo na totalidade, de cunho psicológico. A alma de uma nação é potente em seu efeito. A forma mental nacional (construída ao longo dos séculos pelo pensamento, objetivos e ambições de uma nação) é o seu objetivo ideal e muitíssimo eficaz para condicionar o povo. Um polaco, um francês, um americano, um hindu, um britânico ou um alemão são facilmente reconhecidos, independente de onde estejam. Este reconhecimento não se baseia apenas na aparência, no sotaque ou nos hábitos, mas principalmente na atitude mental expressa, no sentido de relatividade e em uma assertividade nacional geral. Esses indícios expressam reação à forma mental nacional específica, sob a qual o homem foi criado. Se esta reação o torna um bom cidadão cooperativo dentro das fronteiras nacionais, isso é bom e desejável. Se o torna assertivo, arrogante, crítico dos cidadãos de outros países e separatista em seu pensamento, ele então está contribuindo para a desunião mundial e, em massa, para a conturbação internacional. Isto ameaça a paz do mundo. O problema, pois, passa a ser um que todos os povos compartilham. As nações podem ser antissociais (e muitas vezes são), e todas as nações contêm tais elementos antissociais.

O interesse pessoal caracteriza a maioria dos homens neste momento, com debilidades concomitantes. Não obstante, em todos os países há aqueles que transcenderam estas atitudes autocentradas e há muitos que estão mais interessados no bem cívico e nacional do que neles próprios. Uns poucos, pouquíssimos em relação à massa dos homens, têm mentalidade internacional e se preocupam com o bem-estar da humanidade como um todo. Desejam ardentemente o reconhecimento de Um só Mundo, Uma só Humanidade.

A etapa de egoísmo nacional e de fixa determinação de preservar a integridade nacional – em geral interpretada em termos de fronteiras e expansão comercial – devem desaparecer gradualmente; as nações devem passar, a certa altura, a uma compreensão mais benevolente e chegar ao ponto em que consideram suas culturas nacionais, seus recursos nacionais e sua capacidade de servir a humanidade como as contribuições que devem fazer para o bem do todo. A ênfase nas posses mundanas ou nos extensos territórios não é sinal algum de maturidade; lutar para preservá-los ou expandi-los é um sinal de imaturidade adolescente. Do ponto de vista da integração como nação e civilização, a Alemanha é imatura, como também é a Itália moderna. O gênero humano só agora está crescendo; somente agora a humanidade está demonstrando um sentido mais amplo de responsabilidade, de capacidade de lidar com seus problemas e de pensar em termos mais abrangentes. A presente guerra mundial é sintomática de imaturidade, de um entendimento adolescente, de emoções infantis descontroladas e de uma demanda – por parte das nações antissociais – do que não lhes pertence. Como crianças, choram por “mais”.

O intenso isolacionismo e a política de “não intervenção” de certos grupos nos Estados Unidos, a demanda por uma Austrália ou África do Sul brancas, o clamor de “América para os americanos”, ou o imperialismo britânico e o alarido da França por reconhecimento são outros exemplos. Todos eles indicam a incapacidade de pensar em termos mais amplos; são uma expressão da irresponsabilidade mundial; indicam também a infantilidade da raça, que não consegue captar a dimensão do todo do qual cada nação é parte. A guerra e a constante demanda por limites territoriais, com base na história antiga, o aferramento às posses nacionais, materiais, à custa de outros povos, parecerão algum dia, a uma raça de homens mais madura, como disputas na creche infantil pelo brinquedinho favorito. O grito desafiador de “Isto é meu” algum dia não será mais ouvido. Entrementes, este espírito agressivo, imaturo, culminou na guerra de 1914-1945. Daqui a mil anos a história considerará isto como o cúmulo do egoísmo infantil, iniciado por crianças gananciosas que não puderam ser impedidas em suas práticas agressivas porque as outras nações eram ainda muito infantis para tomar medidas firmes quando foram observados os primeiros sinais de guerra.

A raça enfrenta uma nova crise de oportunidade, em que novos valores podem ser vistos como importantes, em que o estabelecimento de corretas relações humanas será considerado desejável, não apenas do ponto de vista idealista, como também do ângulo puramente egoísta. Algum dia os princípios de cooperação e de partilha substituirão os de ganância de posse e competição. É este o inevitável e próximo passo à frente da humanidade – para o qual todo o processo evolutivo preparou a humanidade.

O egoísmo e os interesses próprios impediram várias nações de se colocarem do lado das Forças da Luz; mantiveram uma neutralidade egoísta e prolongaram a guerra por anos. Quando a Alemanha marchou sobre a Polônia e quando a França e a Grã-Bretanha, em consequência, declararam guerra contra a Alemanha, se todo o mundo civilizado de nações (sem exceção) tivesse também declarado guerra e se unido para vencer o agressor, não seria possível que a guerra não tivesse durado tanto quanto durou? Política interna, ressentimentos internacionais, desconfianças e ódios antigos, medo e a recusa de reconhecer os fatos produziram desunião. Se todas as nações tivessem visto com clareza e renunciado ao egoísmo individual em 1939, a guerra teria terminado muito antes. Se todas as nações tivessem se posto em marcha quando o Japão entrou na Manchúria ou a Itália na Etiópia, a guerra que devastou todo o planeta não teria sido possível. Nesse sentido, não há nação sem culpa

É preciso deixar isto claro, de maneira que possa haver pensamento correto à medida que nos ocupamos do mundo pós-guerra e começamos a dar os passos que, em seu devido tempo, levarão à segurança mundial. Este período deve ser enfrentado por toda nação com um devido sentido de culpa individual e de falha psicológica inata. É difícil admitir que nenhuma nação (incluindo a própria) tem as mãos limpas, e que todas são culpadas de ganância e roubo, de separatividade, de orgulho e preconceito, como também

de ódios nacionais e raciais. Todas as nações têm muita limpeza interna a fazer, o que devem realizar ao lado de seus esforços externos para produzir um mundo melhor e mais habitável. Deve ser uma consciência mundial, motivada pela ideia do bem geral, em que sejam enfatizados valores superiores ao ganho individual e nacional e em que as pessoas sejam treinadas na correta cidadania nacional, de um lado e, de outro, na responsabilidade pela cidadania mundial.

Seria um quadro muito idealista? A garantia desta possibilidade reside no fato de que atualmente milhares de pessoas estão pensando segundo estas linhas idealistas; milhares estão ocupados no planejamento de um mundo melhor e milhares estão falando sobre esta possibilidade. Todas as ideias que emanam do divino no homem e na natureza oportunamente se tornam ideais (embora um tanto distorcidas no processo) e estes ideais finalmente se tornam os princípios regentes das massas. É esta a verdadeira sequência do processo histórico.

Poderia ser de grande valor estudar brevemente alguns dos ajustes psicológicos que as nações devem realizar dentro das próprias fronteiras, pois a reforma começa em casa; em seguida, observemos o panorama mundial e tenhamos uma nova visão. Há uma base científica para a antiga afirmação bíblica de que “onde não há visão, os povos perecem”.

A história assinala um longo passado de batalhas, de guerra, de mudança de fronteiras, do descobrimento e rápida anexação de novo território, implicando na subjugação dos habitantes originais, às vezes grandemente para seu benefício, mas sempre inescusável. O espírito de nacionalismo e seu aumento é a estrutura da história moderna, como ensinada em nossas escolas, nutrindo o orgulho nacional e engendrando inimizades nacionais, ódios e ressentimentos raciais. A história se ocupa das linhas de demarcação entre países e do tipo de governo que cada país desenvolveu. Estas linhas de demarcação são ferozmente mantidas e os passaportes, conforme instituídos neste século, indicam a cristalização da ideia. A história retrata a feroz determinação de cada nação de preservar suas fronteiras a todo custo, de manter sua cultura e sua civilização intatas, de anexar a elas quando possível e de nada compartilhar com nenhuma outra nação, exceto para lucro comercial, para o qual foi disposta uma legislação internacional. Ainda assim, todo dia a humanidade é uma só Humanidade e os produtos da terra pertencem a todos. Isto não apenas fomentou o sentido de separatividade, como levou à exploração de grupos mais fracos pelos mais fortes e ao desmantelamento da vida econômica das massas por uns poucos grupos poderosos.

Os antigos hábitos de pensamento massivo e de reação massiva são difíceis de superar. Aqui se encontra o principal campo de batalha do mundo pós-guerra. A opinião pública terá que ser reeducada. As nações já estão retrocedendo para os modos de comportamento e pensamento profundamente arraigados que as caracterizaram durante gerações. Precisamos, pelo interesse geral, enfrentar nosso passado, reconhecer as novas tendências, renunciar aos modos de pensar antigos e maus, e agir, para que a humanidade não desça a maiores profundezas do que nesta última guerra.

As vozes da antiga ordem e a demanda dos elementos reacionários já podem ser ouvidas em todos os países, além das demandas de determinados grupos radicais. Como há muito estão estabelecidas, as vozes dos conservadores têm peso e como a humanidade está cansada, praticamente será empreendida qualquer ação para assegurar o retorno, tão rápido quanto possível, para a normalidade, que pedem os conservadores, salvo se aqueles que têm a nova visão atuarem com presteza e sabedoria – e disto há pouquíssimos indícios nesses dias.

França

Já está se elevando um clamor na França, de que sua antiga glória seja reconhecida, de que sua antiga tarefa de representar a principal e civilizadora influência na velha Europa seja lembrada, e de que a França seja resguardada e protegida. Ela exige que nada seja feito sem consultá-la. No entanto, por décadas, a França deu ao mundo uma imagem de grande desunião, de corrupção e trapaça política; sempre demonstrou um profundo amor e desejo pela satisfação material, orgulhando-se do seu realismo, mas não de nenhum idealismo espiritual e substituindo as realidades subjetivas pelo brilhantismo do seu intelecto e aguda percepção científica. Teria a França aprendido com a sua queda no verão de 1940 que os valores do espírito devem substituir os que até agora a motivaram? Ela se dá conta de que deve recuperar o respeito do mundo – um respeito que perdeu quando se rendeu e prestou colaboração, demonstrando assim ser inatamente mais fraca que as nações muito menores que lutaram até ser obrigadas a aceitar a derrota? Pode a França emergir deste período de provação purificada e apta a demonstrar uma nova capacidade de pensar em termos de relações internacionais altruístas e não exclusivamente em termos da civilização material que ela muito bem demonstrou durante tantos séculos? Ela pode e, oportunamente, assim será. Seu brilhante intelecto (quando direcionado para o estudo das coisas do espírito) pode ultrapassar os estudos de mentes menores; a clara percepção e a capacidade de expressar pensamentos em termos concisos e cristalinos serão utilizadas para fazer entender muitas das verdades eternas. Quando França encontrar a sua alma espiritual e não apenas a sua alma intelectual, ela provará ser o meio através do qual virá revelação a respeito da natureza da alma do homem. No passado, a França revelou a natureza da alma humana na etapa do mais intenso individualismo e egoísmo. Através do fogo e da dor, a França demonstrará posteriormente as qualidades do espírito do homem. O destaque sobre os valores materiais e a intensa ênfase sobre a importância da França para o mundo, em lugar da importância da sua atitude internacional em termos de relações humanas altruístas, resumem o problema psicológico que a França enfrenta neste momento e do qual alguns dos seus melhores pensadores se dão conta. Pode a França aprender a pensar em termos daqueles que estão além de suas fronteiras e para eles, ou continuará a pensar em termos de França? Eis as perguntas que ela deve responder.

Alemanha

Das falhas da nação alemã há pouca necessidade de falar; mostraram-se dolorosamente claras para o mundo todo. A Alemanha dos poetas e escritores místicos da Idade Média voltará a surgir – a Alemanha dos festivais musicais, a Alemanha que deu ao mundo o melhor da música de todos os tempos, a Alemanha de Schiller e de Goethe e a Alemanha dos filósofos. A maior falha do povo alemão é uma extrema negatividade que os converte no povo mais facilmente “condicionado” de todos os tempos, além de uma capacidade de aceitar ditadura e propaganda sem qualquer questionamento ou rebelião e com um profundo senso de inferioridade. O povo alemão é, em consequência, facilmente explorado, facilmente convencido por aqueles que gritam e ameaçam; é facilmente arregimentado.

Esta negatividade deve ser superada, e é preciso efetivar uma cuidadosa formação do indivíduo para que pense e atue por si mesmo e dê mais importância às próprias ideias, e tudo isso no espírito de boa vontade. Esta deveria ser a nota-chave de toda educação futura do povo alemão. Dado isto e dada a propaganda idealista correta, o povo alemão pode ser levado a caminhos corretos e a desenvolver hábitos de pensamento corretos com a mesma facilidade como foi levado para caminhos malignos e para o pensamento perverso, separatista. A arregimentação do povo alemão não deve ser interrompida durante um longo tempo ainda, mas a motivação deve ser completamente alterada. Seu principal problema psicológico é reconhecer sua relação com todos os outros povos em termos de igualdade. A maior dificuldade diante das Nações Unidas será encontrar o dirigente forte e bom que possa aplicar essa arregimentação em um espírito de compreensão e boa vontade, até deixar de ser necessária e os homens e mulheres alemães puderem pensar por si mesmos, e não em resposta à propaganda de um grupo ou

casta militar. A responsabilidade dos Aliados é grande. Eles se aproveitarão da capacidade de resposta do povo alemão à propaganda e procurarão explorá-la adequadamente e espiritualmente? Providenciarão para que as instituições educacionais deste desditoso país sejam postas nas mãos daqueles com visão de futuro, que tenham uma firme determinação de formar a nova geração para conhecer a si mesma como homens e não como super-homens? Podem inculcar na consciência das crianças de hoje e naquelas que nascerão, o significado e a importância das corretas relações humanas? Podem então dar continuidade a este processo educacional durante o tempo que for necessário? Aqui reside a prova das verdadeiras intenções das Nações Unidas. As potencialidades espirituais do povo alemão não devem ser esquecidas em nosso horror pelo que fez; devemos olhar para a frente, para o que pode se tornar por meio da devida educação. Falando em termos práticos, sob os métodos corretos de ensino e condicionamento, pode mudar mais facilmente que qualquer outra nação na Europa. A Alemanha ainda expressa consciência de rebanho, a qual deve ser transmutada em consciência grupal – a consciência do indivíduo livre que colabora com outros homens de boa vontade para o bem do todo.

Grã-Bretanha

A Grã-Bretanha foi uma grande e imperialista potência. Seu espírito ganancioso, sua tenacidade e a firmeza de suas manobras políticas no passado justificaram esta acusação. Ela exerceu a “política de poder” e se tornou perita em agitar uma nação contra a outra, a fim de preservar o status quo e a integridade das Ilhas Britânicas. Trabalhou com diligência por uma estabilidade entre as nações que a habilitará a atuar sem problemas e a atingir seus próprios fins. Foi acusada de um intenso mercantilismo e a frase “uma nação de comerciantes”, lhe foi aplicada por outras nações. Os britânicos são frequentemente detestados por outros povos; seu esnobismo indiferente, seu orgulho nacional e sua atitude de donos do mundo afastam muitos. A Grã-Bretanha leva o sentido de casta a todas as suas relações internacionais, assim como o sistema de distinção de classes controlou suas relações internas durante séculos. Estas acusações se baseiam todas na verdade e os inimigos de Grã-Bretanha podem levar ao tribunal uma causa justa. Os britânicos, como um todo, têm sido reacionários, demasiado cautelosos e conservadores, lentos frente às mudanças e propensos a estar satisfeitos com as condições existentes, em especial se as condições forem rigorosamente britânicas. Todas estas características foram causas de extrema irritação para outros povos, especialmente para a nação que emergiu da Grã-Bretanha, os Estados Unidos. Este é um dos lados da imagem. Mas os britânicos não são antissociais; abriram caminho para as reformas sociais, instituindo medidas como o sistema de pensão por velhice, muito antes que outras nações o fizessem; são profundamente paternalistas no trato com as nações menores e menos desenvolvidas e realmente as ajudaram. Sendo conservadores, para eles é difícil saber quando retirar essa ajuda paternal. O lema da Casa de Gales é: “Eu sirvo”. A tendência inata da raça britânica é servir as nações e raças reunidas sob a bandeira britânica. É preciso lembrar que desde o início do século XX, grandes mudanças ocorreram no pensamento do povo inglês. Coisas antigas desapareceram; o sistema de castas, com seu distanciamento, sua separatividade e seu paternalismo está desaparecendo rapidamente, à medida que a guerra e a classe trabalhadora enfatizam a igualdade essencial. A Grã-Bretanha não procura mais por território; ela agora é uma comunidade de nações totalmente independentes.

O principal problema psicológico do povo britânico é ganhar a confiança do mundo e levar outras nações a reconhecerem a justiça existente e as boas intenções de seu pensamento e planejamento. Esta confiança foi perdida nos últimos séculos, mas agora está sendo lentamente recuperada. Hoje, sua atitude frente aos assuntos mundiais tem base internacional; deseja o bem do todo e está preparado para fazer sacrifícios em prol do todo; suas intenções são justas e sua vontade visa a cooperação; seus cidadãos são destemidos e de pensamento firme e lhes afeta a antipatia que lhes trouxe a história do passado. Se o surgimento de uma cautelosa e digna reserva puder se expressar livremente, a Grã-Bretanha e as outras nações do mundo poderiam percorrer juntas o caminho da vida com pouca discórdia.

Rússia

A Rússia continua sendo um grande enigma para o resto do mundo hoje em dia. Sua potencialidade para o serviço humano e sua capacidade de impor sua vontade em grande escala sobre o mundo todo superam as de qualquer outra nação. Isto, em si mesmo, nutre a desconfiança. Seu território cobre grande parte da Europa e todo o norte da Ásia. Passou por uma grande e cruel revolução e pelo subsequente período de reajuste. Está se preparando para a colaboração mundial e demonstrando o desejo de que isto se realize segundo seus próprios termos – os termos de um controle geral sobre outras terras, a começar pelas nações menores de sua fronteira ocidental. Está elevando os povos de seu próprio país da condição de ignorância e pobreza para a de conhecimento e suficiência. O resto do mundo desconfia sumamente da Rússia, em especial os elementos conservadores e isto por duas razões: primeiro, a crueldade com a qual foram iniciadas as primeiras etapas da sua revolução – o período ao qual damos a superficial denominação de “bolchevismo” – e pelo período subsequente, de deliberado e determinado isolacionismo por trás de fronteiras fechadas. No entanto, foi um silêncio criador. Depois a guerra forçou a Rússia a sair do silêncio para colaborar com o mundo. Ela se viu obrigada a participar da Guerra Mundial. A Rússia é o lar de uma revelação em germinação de grande valor espiritual e significação grupal – uma revelação para toda a humanidade. Foi a compreensão vagamente captada e um tanto inexata disso que gerou a sua insidiosa propaganda.

A Rússia gerou efervescência em outros países antes que ela mesma soubesse de fato qual é a revelação da qual é guardiã. Portanto, sua atividade é prematura. Cabe a ela dar ao mundo o verdadeiro segredo da fraternidade (um segredo até agora desconhecido e incompreendido), mas ela ainda não sabe o que é. Este fato, de que a Rússia é a guardiã espiritual de uma revelação, é sentido pelas outras nações no mundo; a primeira reação foi de medo, baseado em certos erros iniciais e em sua prematura atividade no plano físico. No entanto, todos os povos veem a Rússia com expectativa e vagamente se dão conta de que dela virá algo novo, porque a Rússia está amadurecendo e se integrando rapidamente, e mostrará que tem muito a dar.

O mundo está presenciando a ascensão e a mobilização de uma nação que realizou em um quarto de século o que outras nações levaram várias gerações para produzir. A Rússia é um gigante que começa a dar passos largos – um jovem gigante, ciente de grandes possibilidades, animado por um espírito profundamente religioso, embora não ortodoxo, com a debilidade de uma combinação de traços orientais com propósitos ocidentais; o mundo a teme, devido aos primeiros passos dados em falso. Tais passos foram a tentativa de se infiltrar em outras nações, com o fim de abalar sua estabilidade e assim debilitá-las para que pudessem ser facilmente impelidas para a casa da humanidade que a Rússia está procurando construir. Por dentro (embora ainda inconscientemente), a Rússia está motivada pelo desejo de trazer a fraternidade à existência. Podem vocês aceitar este diagnóstico dessa grande incógnita que é a Rússia? Somente o tempo pode provar a exatidão desta declaração, e mais uma judiciosa atividade e uma íntegra propaganda por parte da Rússia. O problema psicológico da URSS é, em última análise, ocupar-se de seus próprios assuntos, estabilizar e integrar sua imensa população e conduzir seus povos ainda mais para a luz. A Rússia também deve aprender a cooperar com outras potências em igualdade de condições. A Rússia não deve, com ambição e intenção, procurar arrastar as pequenas potências para a sua área de atividade contra seus desejos ou por meio de indevida pressão e força. A Rússia ainda tem muito a fazer pelos imensos territórios e seus habitantes que já estão em sua esfera de influência; as outras nações também devem elaborar seu próprio destino e não necessariamente ser regidas pela Rússia. Acima de tudo mais, o problema diante da Rússia é dar às outras nações do mundo um exemplo de governo sábio, isento de expressão de propósito individual e a aplicação de uma educação inclusiva e sólida, de maneira tal que as demais nações tomarão por modelo o que a Rússia tiver demonstrado e, ainda assim, preservarão a própria abordagem cultural, a própria forma de governo autoescolhida e o próprio modo de expressar a fraternidade. A Rússia representa, intrinsecamente, uma nova consciência mundial e, por

seu intermédio, de maneira gradual, uma nova expressão planetária será forjada no fogo da experimentação e da experiência. Esta grande nação (uma síntese de Oriente e Ocidente) deve aprender a governar sem crueldade, sem infringir o livre arbítrio do indivíduo, pois tem plena confiança na beneficência dos ideais que está desenvolvendo, mas que ainda não estão expressos.

Polônia

Com relação ao povo polonês, um longo passado histórico lhe impõe, inequivocamente, a responsabilidade de um efeito cultural sobre as nações circundantes e de uma doação espiritual da qual, ao que parece, ainda é desconhecedor. Sua contínua ênfase em posses territoriais o deixa cego ao verdadeiro valor de sua possível contribuição ao mundo. Sendo um povo fortemente emocional e individualista está, no interior de suas próprias fronteiras, em estado de constante desunião e fricção; não tem unidade interna. Seu problema psicológico é alcançar uma integração que terá por base a superação dos ódios raciais. Precisa resolver seu problema nacional em termos de boa vontade e não de interesses egoístas. No momento, enfoca a questão em torno das fronteiras e se preocupa com a delimitação de seus territórios, embora o verdadeiro problema seja alcançar corretas relações internas.

Embora o problema de fronteiras, posses, territórios, colônias e empreendimentos materiais avultam aos olhos de todas as nações, o fato da ênfase ser tão estritamente material indica sua relativa insignificância, quando considerado da verdadeira perspectiva. O único fator que realmente importa neste momento é a humanidade em si, e diante da agonia humana, da angústia humana e da penúria humana, focalizar questões fronteiriças é presunção desmedidamente enfática. Será preciso fazer ajustes; as fronteiras terão que ser determinadas, mas as decisões finais não devem ter base na história ou na antiga glória, mas no fundamento do que é melhor para os povos envolvidos. Eles próprios devem decidir o assunto.

A Guerra Mundial foi proclamada pelas melhores mentes e pelos idealistas das Nações Aliadas como uma luta travada, exteriormente, pela liberdade humana, embora todas as grandes Potências tenham entrado nesta guerra com motivações egoístas e para autopreservação; isto é de reconhecimento universal. Todas têm um sólido e altruísta idealismo subjacente em maior ou menor grau, que é libertar a humanidade da ditadura. Depois da guerra vem o teste do êxito da vitória. Se as nações de todo o mundo colherem os frutos da livre escolha; se os povos das zonas em disputa puderem decidir, mediante plebiscito livre, suas próprias lealdades e adesões, e se a liberdade de expressão, a liberdade de culto e uma imprensa e rádio realmente livres forem o resultado desta guerra, toda a família humana terá dado um grande passo para a frente.

Estados Unidos

O problema psicológico que enfrenta esta nação é o de aprender a arcar com a responsabilidade mundial. Tanto a Grã-Bretanha como a Rússia já aprenderam esta lição de alguma maneira.

O povo estadunidense – à medida que sai da etapa da adolescência – deve aprender as lições da vida através da experimentação e da resultante experiência. Trata-se de uma lição que todos os povos jovens têm que aprender. A raça germana é velha; a nação alemã é muito jovem. O povo italiano é de origem antiga; o estado italiano é historicamente de data muito recente. A acusação de juventude (se é uma acusação) também é válida para os Estados Unidos. Esta nação tem pela frente um grande futuro, mas não devido ao poder material ou à eficiência comercial, como pensam muitas pessoas de inclinação materialista. A razão reside em um inato idealismo, profundamente espiritual, em uma enorme potencialidade humanitária e – acima de tudo – porque uma estirpe virgem e sadia, de origem preponderantemente camponesa e de classe média, está determinando a raça. Paulatinamente, em todas as nações, o poder de governar e de determinar ideologias práticas está passando com rapidez para as

mãos do “povo” e saindo das assim chamadas classes dirigentes e da aristocracia. Países como a Grã-Bretanha e a França, que aceitaram as tendências evolutivas determinantes, podem avançar para o futuro com mais facilidade do que países tais como a Espanha e a Polônia que, durante séculos, foram regidos por uma aristocracia dominante e uma igreja de inclinação política. Os Estados Unidos da América não têm tal desvantagem, exceto na medida em que as leis do capital e as finanças procuram controlar; o mesmo é válido em grande parte a Grã-Bretanha.

As raízes do povo dos Estados Unidos se encontram em outros países, porque seus cidadãos vieram originalmente desses países. Não têm população aborígine, exceto o índio americano, que foi implacavelmente despojado pela onda de ofensivas procedentes de outras terras. Os grupos raciais dentro dos estados ainda levam as marcas de sua origem e herança racial; são psicológica e fisicamente de origem italiana, britânica, finlandesa, alemã e outras. Neste fato está parte da maravilha desta nação, que vai se integrando rapidamente.

Como todos os jovens, simbolicamente falando, o povo dos Estados Unidos exhibe todas as características da adolescência. Falando novamente de maneira simbólica, o povo dos Estados Unidos está entre os dezessete e os vinte e quatro anos. Grita liberdade e ainda não é livre; recusa-se a ouvir o que fazer porque isso infringe seus direitos, no entanto se permite guiar, muitas vezes, por políticos partidários, ineptos e inadequados; é amplamente tolerante e, ainda assim, muito intolerante para com outras nações; está sempre pronto para dizer a outras nações como tratar seus problemas, mas até agora não evidencia nenhuma capacidade de manejar os próprios, como atestam o inconstitucional tratamento dado aos negros estadunidenses e a negação de liberdade e oportunidade para eles. Incansavelmente, faz experimentações com todas as fases da vida, com todo tipo de ideia e todos os tipos de relações. O poder criador da raça se mostra no maravilhoso controle da natureza e nos grandes projetos de construção, que põem as águas sob controle ou que põem em relação todas as partes deste vasto país através de estradas e vias navegáveis. A América é um grande campo para experimentação em linhas criativas; está profundamente interessada em testar todo tipo de ideologia. A luta entre o capital e o trabalho alcançará o clímax nos Estados Unidos, mas também será travada na Grã-Bretanha e na França. A Rússia já tem a própria solução, mas as nações menores do mundo serão guiadas e condicionadas pelo resultado desta batalha na Comunidade Britânica de Nações e nos Estados Unidos.

A ordem deve ser fomentada nos Estados Unidos e esta ordem virá quando a liberdade for interpretada em termos de disciplina autoimposta; a liberdade que pode se transformar em libertinagem e que cada indivíduo interpreta como melhor convém aos seus interesses é um perigo a evitar. É um perigo do qual as melhores mentes estão profundamente conscientes.

Como todos os povos jovens, os americanos se sentem superiores às nações mais maduras; tendem a pensar que têm um idealismo mais elevado, uma perspectiva mais sadia e maior amor pela liberdade que outras nações; tendem a esquecer que, embora algumas nações estejam mais atrasadas, há muitas nações no mundo de mesmo idealismo elevado e um conjunto de motivações igualmente sadias, e com uma perspectiva mais madura e experiente dos problemas mundiais. E ainda, como todos os povos jovens, o americano é intensamente crítico aos outros povos, embora com frequência cego e ressentido frente às críticas. No entanto, há muito para criticar na América, como há em qualquer outra nação; todas as nações têm uma imensa limpeza a fazer na própria casa, e a dificuldade neste tempo é que devem fazê-la junto ao estrito cumprimento de suas relações internacionais. Hoje, nenhuma nação pode viver para si mesma. Se ousar agir assim, trilha o caminho da morte e é este o verdadeiro horror da posição isolacionista. Realisticamente, temos hoje um só mundo e, quando digo isto, estou resumindo o problema psicológico da humanidade. As corretas relações humanas são a meta; as nações subsistirão ou cairão apenas na medida que estejam à altura desta visão. A era à nossa frente – sob a lei da evolução e a vontade de Deus – verá o estabelecimento de corretas relações humanas.

Estamos entrando em um vasto período experimental de descobertas; descobriremos exatamente o que somos – como nações, em nossas relações grupais, por meio da nossa expressão da religião e em nossos modos de governo. Será uma era profundamente difícil e só sobreviveremos a ela com êxito se cada nação reconhecer as próprias falhas internas e as tratar com visão e deliberado propósito humanitário. Isto significa para cada nação a superação do orgulho e a conquista da unidade interna. Todo país hoje está dividido dentro de si por grupos antagônicos – idealistas e realistas, partidos políticos e estadistas sagazes, grupos religiosos, fanaticamente ocupados com suas próprias ideias, capital e trabalho, isolacionistas e internacionalistas, pessoas contra certos grupos ou nações e outras trabalhando furiosamente em favor deles. O único fator que, afinal, pode trazer, e em seu devido tempo trará harmonia e o fim destas condições caóticas, são as corretas relações humanas.

Todo país também tem muito a contribuir, mas enquanto tal contribuição for considerada, como é agora, em termos de valor comercial ou utilidade política, tal contribuição não será dada em prol das corretas relações humanas.

Todo país também deve receber de todos os outros países. Isto implica no reconhecimento de certas carências específicas, além da disposição de tomar de outros em termos de igualdade. Todo país tem sua própria nota característica a ser posta em unísono e aumentar o grande coro de todas as nações. Isto só será possível quando a religião pura for restaurada e o impulso espiritual, nascente em cada nação, tiver livre expressão, o que ainda não aconteceu; as formas teológicas ainda dominam a vida espiritual.

Toda nação, devido ao seu histórico e aos próprios atos e decretos, está estreitamente relacionada a toda outra nação, e os Estados Unidos expressam este fato talvez mais do que muitas, porque seus cidadãos procedem de todas as raças conhecidas. O isolacionismo foi derrotado antes mesmo de levantar a sua horrível cabeça, porque o povo da América é internacional por origem e legado.

A humanidade, como dito antes, é o discípulo mundial; o impulso por trás da desintegração das formas do velho mundo é um impulso espiritual. A vida espiritual da humanidade é agora tão forte que rompeu todas as formas atuais de expressão humana. O mundo do passado se foi, e para sempre, mas o novo mundo de formas ainda não surgiu. Sua construção será característica da emergente vida criativa do espírito do homem. O fator importante a ter em mente é que se trata de um só espírito e as nações têm que aprender a reconhecer esse espírito em si mesmas e dentro de cada uma das demais.

Para resumir: a tarefa de cada nação é, portanto, dupla:

1. Solucionar seus próprios problemas psicológicos internos. Fará isto mediante o reconhecimento de que eles existem, mediante a supressão do orgulho nacional e dando os passos que estabeleceriam a unidade e a beleza do ritmo na vida de seus povos.
2. Fomentar o espírito de corretas relações humanas. Realizará isto mediante o reconhecimento do mundo uno do qual é parte. Implica também, posteriormente, em dar os passos que a habilitariam a enriquecer todo o mundo com sua própria contribuição individual.

Estas duas atividades – nacionais e internacionais – devem se desenvolver lado a lado, com ênfase no trabalho do cristianismo prático, e não das teologias dominantes e controles sutilmente impostos pelas igrejas.

Do ângulo das Forças espirituais da Luz, o processo mundial imediato deveria ser como segue:

1. A iminente crise de liberdade. Implica na livre escolha, em todos os países liberados, de determinar o tipo de governo, as fronteiras nacionais (onde há esse problema) e um plebiscito em que as pessoas determinem suas nacionalidades e lealdades.
2. O processo de limpeza implementado em todas as nações sem exceção alguma, de maneira a produzir uma unidade salutar, baseada na liberdade e demonstrando unidade na diversidade.
3. Um processo educativo firmemente empreendido, pelo qual todos os povos do mundo possam ser fundamentados na única ideologia que se mostrará afinal e especificamente efetiva – a de corretas relações humanas. De maneira lenta, mas segura, este movimento educativo produzirá inevitavelmente correta compreensão e corretas atitudes e atividades em toda comunidade, em toda igreja e nação e, enfim, no campo internacional. Levará tempo, mas apresenta um desafio para todos os homens de boa vontade em todo o mundo.

Os guias espirituais da raça podem apresentar esta fórmula de progresso, mas não podem garantir que seja decretada, pois a humanidade é livre para decidir sobre seus próprios problemas. Contudo, surgem de imediato certas perguntas.

As grandes potências, a Rússia, os Estados Unidos e a Comunidade Britânica de Nações, se manterão unidas para o bem total da humanidade, ou cada uma continuará seu próprio caminho separado, visando os próprios objetivos egoístas?

Estarão as potências menores, assim como as grandes Potências dispostas a renunciar a uma parte da sua chamada soberania, pelo interesse do todo? Procurarão ver a situação mundial do ângulo da humanidade, ou verão apenas o próprio bem individual?

Deixarão o constante criticismo insidioso que caracterizou o passado e que gera um ódio crescente, e reconhecerão que todas as nações são compostas de seres humanos, em diferentes etapas de evolução, e condicionados pelas próprias circunstâncias, raça e ambiente?

Estarão dispostas a se deixar mutuamente livres para arcar com a responsabilidade individual e, ainda assim, prontas a prestar ajuda entre si como membros de uma só família e animadas por um só espírito humano, o espírito de Deus?

Estarão dispostas a compartilhar os produtos da terra, sabendo que pertencem a todos, distribuindo-os livremente como faz a natureza? Ou permitirão que caiam em mãos de umas poucas nações poderosas ou de um mero grupo de homens poderosos e peritos financeiros?

São estas apenas algumas das perguntas para as quais há de se buscar e encontrar respostas. A tarefa pela frente parece bastante árdua.

Entretanto, há hoje no mundo pessoas de inclinação espiritual em número suficiente para mudar as atitudes mundiais e introduzir o novo período espiritualmente criador. Estes homens e mulheres de visão e boa vontade surgirão com todo poder em cada nação e farão ouvir suas vozes? Terão a fortaleza, a persistência e a coragem para vencer o derrotismo, romper a cadeia das teologias impeditivas – políticas, sociais, econômicas e religiosas – e trabalhar para o bem de todos os povos? Vencerão as forças dispostas contra eles mediante a firme convicção da estabilidade e potencialidade do espírito humano? Terão fé no valor intrínseco da humanidade? Compreenderão que toda a tendência do processo evolutivo os está conduzindo para a vitória? O firme estabelecimento de corretas relações humanas já é parte determinada do propósito divino e nada pode deter seu aparecimento futuro. Este aparecimento, porém, pode ser

acelerado pela ação correta e altruísta. As Forças da Luz e seu líder, o Cristo, estão ao lado dos homens de boa vontade e do Novo Grupo de Servidores do Mundo.

Capítulo II

O PROBLEMA DAS CRIANÇAS DO MUNDO

Este problema é, sem exceção, o mais urgente que a humanidade enfrenta hoje. O futuro da raça está nas mãos dos jovens. São eles os pais das futuras gerações e os engenheiros que devem implementar a nova civilização. O que fazemos com eles e para eles tem implicações cruciais; a nossa responsabilidade é grande e a nossa oportunidade absolutamente única.

Este capítulo trata das crianças e dos adolescentes abaixo de dezesseis anos. Estes dois grupos são o elemento mais promissor em um mundo que se despedaçou diante dos nossos olhos. São a garantia de que o nosso mundo pode ser reconstruído e – se aprendemos algo da história passada e suas terríveis consequências no curso de nossa vida – deve ser reconstruído em linhas diferentes, com objetivos e incentivos diferentes e com metas bem definidas e ideais cuidadosamente considerados.

Lembremos, porém, que esperanças e sonhos visionários e místicos, a expressão de um desejo e a formulação de planos altamente organizados no papel são úteis na medida em que indicam interesse, um senso de responsabilidade e possíveis objetivos, mas são de pequena importância em toda empresa efetiva e transitória, a menos que o problema imediato e as possibilidades imediatas sejam captados, além da vontade de realizar os compromissos que prepararão o terreno para um posterior trabalho próspero. Tal trabalho é, em grande parte, a educação. Até agora, houve pouco esforço para fomentar uma relação entre as necessidades do futuro e as atuais formas de educação. Aparentemente, estas formas fracassaram em instrumentalizar a humanidade para um viver venturoso e cooperativo e para os aspectos mais novos de educação mental; não houve uma transposição científica e pouco se procurou fazer para correlacionar o melhor dos métodos atuais (pois nem todos são ruins) com futuras maneiras de desenvolver a juventude do mundo de modo que possa fazer frente a uma nova civilização que, inevitavelmente, está a caminho. Até agora, o idealista visionário lutou contra os modos de ensino estabelecidos, mas sua falta de sentido prático e a recusa a chegar a um consenso retardaram o processo e a humanidade pagou o preço. Chegou agora o dia em que o místico prático e o homem de alto desenvolvimento mental, como também de visão espiritual tomarão seu lugar, proporcionando assim uma formação que habilitará a juventude de qualquer nação a se integrar com êxito no panorama mundial.

Começamos com o clichê de que os nossos sistemas educativos não foram satisfatórios; falharam na formação das crianças para um viver correto; não inculcaram os métodos de pensar e agir que conduzirão às corretas relações humanas – as relações que são tão essenciais para a felicidade, o êxito, e para a experiência plena em qualquer esfera escolhida da empresa humana.

As melhores mentes e os pensadores mais claros no campo educacional estão seguidamente endossando estas ideias; os movimentos progressistas em educação fizeram alguma coisa para eliminar antigos usos indevidos e infundir novas técnicas, mas ainda são uma minoria tão pequena, que são relativamente ineficazes. É bom ter em mente que se o ensino dado à juventude nos últimos cem anos tivesse sido de outra natureza, esta guerra talvez nunca tivesse acontecido.

Foram dadas muitas e diferentes razões para esta guerra total que se precipitou sobre nós, a qual levantou a questão se não seriam o fracasso dos nossos sistemas educativos ou a inépcia das igrejas as causas básicas por trás das outras. Porém – a guerra ocorreu. A nossa antiga civilização foi arrasada. Há aqueles que gostariam de ver esta civilização voltar e a antiga estrutura ser reconstruída; anseiam por um retorno pacífico à situação de antes da guerra. Não se deve permitir uma reconstrução de acordo com as antigas linhas nem que se usem os velhos esquemas, embora necessariamente tenhamos que construir sobre as antigas fundações. É tarefa dos educadores evitar isto.

Estejamos dispostos a reconhecer que os países nos quais os métodos educacionais mais antigos ainda são pacificamente praticados podem não só ser um perigo para eles próprios, porque estão perpetuando as antigas formas ruins, como também constituem uma ameaça para os países que estão na feliz posição de poder mudar suas instituições educativas e, assim, inaugurar uma maneira melhor de preparar a juventude para a vida plena. A educação é uma empresa profundamente espiritual. Diz respeito ao homem integral, o que inclui seu espírito divino.

A educação nas mãos de qualquer igreja pressagiaria desastre. Nutriria o espírito sectário, fomentaria as atitudes conservadoras e reacionárias tão fortemente respaldadas, por exemplo, pela Igreja Católica e pelos fundamentalistas das igrejas Protestantes. Formaria intolerantes e ergueria barreiras entre os homens e, a certa altura, levaria a uma potente e inevitável egressão de toda religião por parte daqueles que, finalmente, aprenderiam a pensar, à medida que alcançassem a maturidade. Isto não é uma acusação à religião. É uma acusação aos métodos antigos das igrejas e às velhas teologias que não foram capazes de apresentar o Cristo como Ele essencialmente é, que trabalharam por riqueza, prestígio e poder político e que lutaram por todos os meios disponíveis para aumentar o número de prosélitos e aprisionar o livre espírito do homem. Há clérigos bons e sábios hoje que se dão conta disso e que estão trabalhando firmemente pela abordagem a Deus na nova era, mas são relativamente poucos. No entanto, estão travando uma guerra contra a cristalização teológica e os pronunciamentos acadêmicos. Triunfarão inevitavelmente, e assim salvarão o espírito religioso.

Em seguida, procuremos ver qual deveria ser a meta do novo movimento educativo e quais são os sinais no caminho para esta meta. Tentaremos formular um plano de longo alcance que não será entravado pelos métodos imediatamente empregados, que ligarão o passado e o futuro utilizando tudo o que é verdadeiro, belo e bom (herdado do passado), mas que acentuará certos objetivos básicos, que até agora foram ignorados em grande parte. Tais técnicas e métodos mais novos devem ser desenvolvidos de maneira gradual, e acelerarão o processo de integração do homem por inteiro.

Não há esperança para o mundo futuro, salvo em uma humanidade que aceite a realidade da divindade, mesmo repudiando a teologia, que reconheça a presença do Cristo vivo, mesmo rejeitando as interpretações formuladas pelo homem sobre Ele e Sua mensagem, e que enfatize a autoridade da alma humana.

O futuro à frente está cheio de promessas. Fundamentemos nosso otimismo na própria humanidade. Reconheçamos o fato, comprovado por si mesmo, de que há uma qualidade peculiar em cada homem, uma inata, inerente característica à qual podemos dar o nome de “percepção mística”. Esta característica sugere um imorredouro sentido de divindade, embora muitas vezes não reconhecido; envolve a constante possibilidade de divisar e contatar a alma e captar (com crescente aptidão) a natureza do universo. Habilita o filósofo a apreciar o mundo do significado e – mediante tal percepção – a tocar a Realidade. É, acima de tudo, o poder de amar e de se dirigir para o que é algo mais do que o eu. Confere a capacidade de captar ideias. A história do gênero humano é fundamentalmente a história do desenvolvimento das ideias, compreendidas progressivamente, e da determinação do homem de viver de acordo com elas; com este poder vem a capacidade de pressentir o desconhecido, de crer no que não pode ser provado, de buscar, investigar e pleitear a revelação do que está oculto e inexplorado e que – século após século,

devido a este clamoroso espírito de investigação – é revelado. É o poder de reconhecer o belo, o verdadeiro e o bom e, por meio da criação artística, provar sua existência. É a faculdade inerente, espiritual que produziu todos os grandes Filhos de Deus, todas as pessoas verdadeiramente espirituais, todos os artistas, cientistas, humanitários e filósofos e todos aqueles que amam, com sacrifício, seus semelhantes.

Nisto se encontram os motivos para otimismo e coragem por parte de todos os verdadeiros educadores, como também o verdadeiro incentivo para todos os esforços.

O Problema Atual da Juventude

O mundo, como o conhecem as pessoas de mais de quarenta anos, desmoronou e está rapidamente desaparecendo. Os antigos valores estão se desvanecendo e o que chamamos de “civilização” (a civilização que considerávamos tão maravilhosa) praticamente desapareceu. Alguns de nós estão agradecidos por isso; outros consideram um desastre. Todos nós estamos atormentados porque os meios de tal dissolução trouxeram muita agonia e sofrimento para a humanidade em todas as partes.

Civilização poderia ser definida como a reação da humanidade ao propósito e às atividades de um dado período mundial particular e seu modo de pensar. Em cada época, alguma ideia atua e se expressa em idealismos raciais e nacionais. Sua tendência básica através dos séculos produziu o nosso mundo moderno, que foi materialista. O objetivo vem sendo o conforto físico; a ciência e as artes se desvirtuaram para a tarefa de dar ao homem um ambiente confortável e, se possível, belo; todos os produtos da natureza foram subordinados a dar coisas à humanidade. O objetivo da educação, em termos gerais, foi instrumentalizar a criança para competir com seus concidadãos no “ganhar a vida”, acumular posses e ter tanto conforto e ser tão bem-sucedido quanto possível.

Esta educação também foi, por excelência, competitiva, nacionalista e, portanto, separatista. Formou a criança para considerar os valores materiais como de primordial importância, para crer que sua nação particular também é de grande importância e que toda outra nação é secundária; nutriu o orgulho e fomentou a crença de que ela, seu grupo e sua nação são infinitamente superiores a outras pessoas e outros povos. Foi ensinada, em consequência, a ser uma pessoa parcial, com seus valores em relação ao mundo erroneamente ajustados, e suas atitudes frente à vida caracterizadas por parcialidades e preconceitos. Os rudimentos das artes foram ensinados para habilitar a criança a atuar com a eficiência necessária em um cenário competitivo e em seu particular ambiente vocacional. Leitura, escrita e aritmética básica são considerados requisitos mínimos, mais algum conhecimento de eventos históricos e geográficos. Algo da literatura do mundo também é levado à sua atenção. O nível geral das informações civilizadas é relativamente alto, mas é tendencioso e influenciado por preconceitos religiosos e nacionais, inculcados na criança desde a mais tenra idade, mas que não são inatos. Não se acentua a cidadania mundial; sua responsabilidade com seus semelhantes é sistematicamente ignorada; sua memória se desenvolve através da transmissão de fatos não correlacionados – quase todos desvinculados da vida cotidiana.

A nossa presente civilização passará para a história como grosseiramente materialista. Houve muitas épocas materialistas na história, mas nenhuma tão amplamente difundida como a presente ou que tenha envolvido tais incalculáveis milhões de pessoas. Ouvimos dizer constantemente que a causa desta guerra é econômica; certamente é, mas a razão é que pedimos conforto e “coisas” demais para vivermos “razoavelmente bem”. Exigimos muito mais do que necessitaram nossos antepassados; preferimos uma vida confortável e relativamente fácil; o espírito pioneiro (que é o antecedente estrutural de todas as nações) se diluiu, na maioria dos casos, em uma civilização enfraquecida. Isto é particularmente válido no hemisfério ocidental. O nosso nível de vida civilizada é alto demais do ponto de vista de posses e baixo demais do ângulo dos valores espirituais ou quando considerados de um inteligente senso de

proporção. A nossa civilização moderna NÃO resistirá ao rigoroso teste dos valores. Hoje uma nação é considerada civilizada quando estabelece o mérito no desenvolvimento mental, define o crédito na análise e na crítica e quando todos os seus recursos são direcionados para a satisfação do desejo físico, para a produção de coisas materiais e para a implementação de objetivos materiais, assim como para a dominação competitiva do mundo, para o acúmulo de bens, a aquisição de propriedades, a conquista de um alto nível de vida material e para a monopolização do produto da terra – sobretudo para o benefício de determinados grupos de homens ricos e ambiciosos.

Entendo que isto seja uma drástica generalização, mas está basicamente correta nas principais implicações, embora incorreta no que diz respeito aos indivíduos. Por esta triste e funesta situação (obra da própria humanidade) estamos pagando o castigo da guerra. Nem as igrejas nem nossos sistemas educacionais foram suficientemente rigorosos na apresentação da verdade, de maneira a neutralizar esta tendência materialista. A tragédia é que as crianças do mundo pagaram e estão pagando o preço da nossa iniquidade. A guerra tem raízes na ganância, a ambição material motivou todas as nações, sem exceção; todo o nosso planejamento se concentrou na organização da vida nacional de maneira que as posses materiais, a supremacia competitiva e os interesses egoístas individuais e nacionais controlassem. Todas as nações contribuíram para isso, à própria maneira e medida; nenhuma tem as mãos limpas, daí a guerra. A humanidade tem o hábito do egoísmo e um amor inerente pelas posses materiais. Isto produziu a nossa civilização moderna e, por esta razão, ela está em processo de mudança.

O fator cultural em qualquer civilização é a preservação e a consideração do melhor que o passado produziu, assim como a apreciação e o estudo das artes, da literatura, da música e da vida criativa de todas as nações – passadas e presentes. Diz respeito à influência aprimoradora destes fatores sobre uma nação e sobre os indivíduos em uma nação que se encontram em tal situação (em geral financeira), que podem se beneficiar deles e apreciá-los. O conhecimento e o entendimento assim obtidos permitem que o homem de cultura relacione o mundo do significado (herdado do passado) com o mundo das aparências no qual vive e a considerá-los como um só mundo, mas um mundo que existe, sobretudo, para o seu benefício individual. Quando, porém, a uma apreciação do nosso patrimônio planetário e racial, tanto criador como histórico, agrega uma percepção dos valores espirituais e morais, temos uma referência do que o homem verdadeiramente espiritual está destinado a ser. Em relação à população total do planeta, tais homens são poucos e dispersos, mas são a garantia, para o resto da humanidade, de uma real possibilidade.

As pessoas cultas perceberão a oportunidade? Nossos cidadãos civilizados acolherão a chance de construir de novo – não uma civilização materialista desta vez, mas um mundo de beleza e de corretas relações humanas, um mundo no qual as crianças possam realmente crescer à semelhança do Pai Uno e no qual o homem possa voltar à simplicidade dos valores espirituais de beleza, verdade e benignidade?

Contudo, frente à reconstrução mundial exigida e à tarefa quase impossível de salvar as crianças e a juventude do mundo, há hoje aqueles que se dedicam a levantar fundos para reconstruir igrejas e restaurar velhos edifícios, pedindo um dinheiro que é dolorosamente necessário para restaurar corpos destroçados, curar feridas psicológicas e produzir o calor de amor e compreensão entre aqueles que creem que tais qualidades não existem!

A Necessidade Imediata das Crianças

A magnitude dos problemas a enfrentar pode nos deixar perplexos e sem palavras para responder as muitas perguntas que imediatamente surgem em nossas mentes. Como podemos assentar as bases para um programa de longo alcance de reconstrução, de educação e desenvolvimento, no sentido de exercer efeito sobre a juventude do mundo e assim assegurar um mundo novo e melhor? Que planos

fundamentais devem ser estabelecidos, que sejam apropriados para tantas raças e nacionalidades diferentes? Como começar, diante dos compreensíveis ódios e dos preconceitos profundamente arraigados?

Os valores éticos e morais entre as crianças, especialmente entre os meninos e as meninas adolescentes, também se deterioraram, e é preciso despertar os valores espirituais. Contudo, há evidências diretas de que este despertar espiritual já está cobrindo a Europa e que talvez deste infeliz continente possa vir a nova corrente espiritual que reorientará o mundo todo para coisas melhores e que assegurará que a nossa civilização materialista se foi, para jamais voltar. Um renascimento espiritual é inevitável e em lugar nenhum é mais necessário do que nos países que escaparam dos piores aspectos da guerra. Para este renascimento devemos olhar e fazer os preparativos.

O próximo problema urgente é, sem dúvida, a reabilitação psicológica da juventude dessas nações. É questão de saber se as crianças da Europa, da China, da Grã-Bretanha e do Japão poderão se recuperar completamente dos efeitos da guerra. Os primeiros e formativos anos de suas vidas foram passados sob condições de guerra e – resistentes como são as crianças – é inevitável que tenham restado certos traços do que viram, ouviram e sofreram. Certamente, estou generalizando. Haverá exceções, em especial na Grã-Bretanha e partes da França. Somente o tempo indicará a extensão do dano causado. No entanto, muito pode ser neutralizado e até eliminado pela ação judiciosa de pais, médicos, enfermeiros e educadores nos próximos anos. É triste reportar que pouco foi planejado por psicólogos e neurologistas nesta linha necessária de salvamento; no entanto, o trabalho especializado deles será extremamente necessário e é uma demanda tão urgente como a de alimentos e roupas.

Também caberia mantermos em mente em todo o nosso planejamento e com todas as nossas boas intenções que as diversas nações envolvidas na guerra mundial e cujos países sentiram todo o peso da ocupação, também estão elaborando seus próprios planos; elas sabem o que querem; estão decididas, até onde possível, a cuidar de seu próprio povo, a salvar suas próprias crianças, a recuperar suas próprias culturas especiais e terras. A tarefa das Grandes Potências (com seus imensos recursos) e dos filantropos e humanitários de todo o mundo deveria ser cooperar com essas pessoas. Sua tarefa não é impor, de sua posição vantajosa, o que acreditam ser bom para elas. Estas nações querem cooperação inteligente, querem equipamentos para a agricultura, ajuda imediata em alimentos e roupas, mais os recursos para instaurar novamente suas instituições educacionais, organizar as escolas e equipá-las com o imediatamente necessário. Certamente não querem uma multidão de pessoas bem-intencionadas se apressando a assumir suas instituições educacionais ou médicas, ou a lhes impor qualquer ideologia democrática, comunista ou de qualquer outra índole. Naturalmente, os princípios do nazismo e do fascismo devem ser eliminados, mas as nações devem ser livres para realizar seu próprio destino. Cada uma delas tem as próprias tradições, culturas e história. Estão sendo forçadas a construir outra vez, mas o que constroem deve ser algo próprio; deve ser característico delas e uma expressão de sua própria vida interna. Certamente é função das nações mais ricas e livres ajudá-las a construir, para que o novo mundo possa vir à existência. Cada nação deve abordar o problema de sua restauração à própria maneira.

Esta necessidade não significa absolutamente desunião; deveria significar um mundo mais rico e colorido. Não tem como significar separação ou construção de barreiras nem uma escapada para trás dos muros do preconceito e do viés racial. Há duas grandes relações de ligação que deveriam e devem ser cultivadas e que produzirão um entendimento mais estreito no mundo dos homens. São elas religião e educação. Neste capítulo estamos considerando o fator educação que no passado falhou tão imensamente (como a guerra provou), mas que no futuro pode controlar tão sabiamente.

Estamos hoje presenciando a lenta, mas constante, formação de grupos internacionais, reunidos para preservar a segurança mundial, para proteger o trabalho, para tratar da economia do mundo e preservar

a integridade e a soberania das nações, que se comprometem, todas e cada uma, a um definido papel no trabalho de assegurar corretas relações humanas em todo o planeta. Estejamos ou não de acordo com os pormenores ou com os compromissos específicos propostos, a formação de conselhos consultivos internacionais e, acima de tudo, das Nações Unidas, são indícios esperançosos do avanço da humanidade para um mundo no qual as corretas relações humanas sejam consideradas essenciais para a paz do mundo, a boa vontade seja reconhecida e no qual haja um programa para a implementação das condições que impedirão a guerra e a agressão.

No campo da educação, certamente também é essencial um tipo assim de ação unida. Indubitavelmente, uma unidade básica de objetivos deveria reger os sistemas educacionais das nações, ainda que a uniformidade de métodos e técnicas possa não ser possível. Existirão, e devem existir, diferenças de idioma, de contexto e de cultura; constituem o belo mosaico da vida humana ao longo das eras. Porém, muito do que até agora militou contra as corretas relações humanas deve ser e tem que ser eliminado.

No ensino da história, por exemplo, reverteríamos aos antigos e maus sistemas em que cada nação glorifica a si mesma, muitas vezes à custa de outras nações, em que os fatos são sistematicamente deturpados, em que os pontos centrais na história são as diversas guerras ao longo das eras – uma história, pois, de agressão, da ascensão de uma civilização material e egoísta e que nutriu o espírito nacionalista e, portanto, separatista, que fomentou ódios raciais e estimulou orgulhos nacionais? A primeira data histórica que a criança britânica comum se lembra, em geral, é “Guilherme, o Conquistador, 1066”. A criança estadunidense se lembra do desembarque dos Pais Peregrinos e da tomada gradual do país de seus legítimos habitantes e, talvez, da Festa do Chá de Boston. Os heróis da história são todos guerreiros – Alexandre Magno, Julio César, Átila o Huno, Ricardo Coração de Leão, Napoleão, George Washington e muitos outros. A geografia é, em grande parte, outra forma de história, mas apresentada de maneira similar – história de descobrimentos, exploração e apropriação, muitas vezes seguidos de tratamento perverso e cruel dos habitantes das terras descobertas. Ganância, ambição, crueldade e orgulho são a tônica do nosso ensino de história e geografia.

As guerras, as agressões e os roubos que caracterizaram toda grande nação, sem exceção, são fatos e não podem ser negados. Certamente, porém, as lições dos males que provocaram (culminando na guerra de 1914-1945), podem ser apontadas e as antigas causas dos preconceitos e antipatias dos nossos dias podem ser demonstradas e sua inutilidade enfatizada. Não seria possível construir nossa teoria da história com base nas grandes e boas ideias que condicionaram as nações e fizeram delas o que são? Enfatizar a criatividade que caracterizou todas elas? Não poderíamos apresentar de forma eficaz as grandes épocas culturais que – surgindo repentinamente em alguma nação – enriqueceram o mundo todo e deram à humanidade sua literatura, sua arte e sua visão?

Esta guerra produziu grandes migrações. Os exércitos marcharam e combateram em todas as partes do mundo; povos perseguidos fugiram de um país para outro; assistentes sociais foram de país em país, atendendo os soldados, salvando os doentes, alimentando os famintos e estudando as condições. O mundo hoje é muito, muito pequeno e os homens estão descobrindo (às vezes pela primeira vez na vida) que a humanidade é uma só e que todos os homens, independente da cor da pele ou do país em que vivem, são semelhantes. Hoje, estamos todos entrecruzados. Os Estados Unidos são compostos de pessoas de todo país conhecido; mais de cinquenta raças ou nações diferentes compõem a URSS. O Reino Unido é uma Comunidade de Nações, de nações independentes unidas em um só grupo. A Índia é composta de uma multiplicidade de povos, religiões e línguas, daí seu problema. O mundo em si é um grande crisol, do qual a Humanidade Una está emergindo. Requer, pois, uma drástica mudança nos nossos métodos de apresentação da história e da geografia. A ciência sempre foi universal. As grandes obras de arte e a literatura sempre pertenceram ao mundo. É com base nestes fatos que se deve construir a educação a transmitir às crianças do mundo – nossas similitudes, nossas realizações criadoras, nossos

idealismos espirituais e nossos pontos de contato. Sem isso, as feridas das nações jamais serão curadas, nem nunca serão eliminadas as barreiras que existem há séculos.

Os educadores que enfrentam a atual oportunidade mundial deveriam procurar estabelecer uma base sólida para a civilização futura; devem determinar que tenha alcance geral e universal, apresentação veraz e conceitualização construtiva. Os passos iniciais que derem os educadores dos diferentes países determinarão inevitavelmente a natureza da civilização futura. Eles devem preparar um renascimento de todas as artes e um novo e livre fluxo do espírito criador do homem. Devem destacar enfaticamente a importância dos grandes momentos da história humana nos quais a divindade do homem fulgurou e indicou novos jeitos de pensar, novos modos de planejamento humano e, assim, mudou para sempre a tendência dos assuntos humanos. Estes momentos produziram a Carta Magna; enfatizaram, através da Revolução Francesa, os conceitos de liberdade, igualdade e fraternidade; formularam a Declaração dos Direitos dos Cidadãos dos Estados Unidos e em águas internacionais e em nosso próprio tempo nos deram a Carta do Atlântico e as Quatro Liberdades. Elas representam os grandes conceitos que devem reger a nova era com sua nascente civilização e cultura futura. Se for ensinado às crianças de hoje o significado destas cinco grandes declarações e, ao mesmo tempo, a inutilidade do ódio e da guerra, há esperança de um mundo melhor e mais feliz, além de mais seguro.

Duas grandes ideias devem ser ensinadas imediatamente às crianças de todos os países: o valor do indivíduo e a realidade da humanidade una. Os meninos e meninas da guerra aprenderam, pelas aparências, que a vida humana tem pouco valor; os países fascistas ensinaram que o indivíduo não tem valor algum, exceto na medida em que implementa os desígnios de algum ditador. Em outros países, algumas pessoas e alguns grupos – devido à posição hereditária ou à situação financeira – são tidos como importantes e, o restante da nação, de pouca importância. Em outros países, ainda, o indivíduo considera a si de muita importância, e ao seu direito à satisfação de tanta relevância, que a sua relação com o todo se perde inteiramente. Mas o valor do indivíduo e a existência do todo que chamamos de Humanidade estão estreitamente relacionados, o que deve ser enfatizado. Estes dois princípios, quando devidamente ensinados e compreendidos, propiciarão uma cultura abrangente do indivíduo e, nessa altura, ao reconhecimento de sua responsabilidade como parte integrante do corpo da humanidade.

Tratamos brevemente da reabilitação física e psicológica das crianças e dos jovens do mundo. Sugerimos que os livros didáticos fossem reescritos em termos de corretas relações humanas e não dos atuais ângulos nacionalistas e separatistas. Também salientei certas ideias fundamentais que deveriam ser inculcadas de imediato: o valor singular do indivíduo, a beleza da humanidade, a relação do indivíduo com o todo e sua responsabilidade de se adequar ao quadro geral de maneira construtiva e voluntária; procurei enfatizar a inutilidade da guerra, da ganância e da agressão, e que nos preparemos para um grande despertar da faculdade criadora no homem, quando a segurança estiver restabelecida; fiz notar a iminência do próximo renascimento espiritual.

Um dos nossos objetivos educacionais imediatos deve ser a eliminação do espírito de competitividade, a ser substituído pela consciência de colaboração. Neste ponto, surge de imediato a pergunta: como é possível alcançar isto e, ao mesmo tempo, impulsionar um alto nível de realização individual? Não é a competitividade o principal estímulo para todo esforço? Até agora foi assim, mas não precisa ser. O desenvolvimento de uma atmosfera que fomente o senso de responsabilidade da criança e a liberte das inibições geradas pelo medo, lhe permitirá obter resultados ainda mais elevados. Do ponto de vista do educador, implicará na criação da correta atmosfera em torno da criança e, nesta atmosfera, florescerão certas qualidades e surgirão certas características de responsabilidade e de boa vontade. Qual é a natureza desta atmosfera?

1. Uma atmosfera de amor, na qual o medo seja descartado e a criança compreenda que não há motivo para timidez. Uma atmosfera em que receberá um tratamento atencioso e que espere dela idêntica cortesia para os outros, o que é de fato raro de encontrar nas salas de aula e nos lares. Esta atmosfera amorosa não deve ser uma forma de amor emocional nem sentimental, mas baseada na compreensão das potencialidades da criança como indivíduo, na liberdade de viver sem preconceitos e antagonismos raciais e na verdadeira afeição compassiva. Esta atitude compassiva será fundamentada no reconhecimento das dificuldades da vida diária, na sensibilidade à resposta normalmente afetuosa da criança e na convicção de que o amor sempre extrai o melhor de cada um.

2. Uma atmosfera de paciência. Em uma atmosfera assim, a criança pode aprender os primeiros rudimentos da responsabilidade. As crianças nascidas neste período e que agora se encontram em todas as partes, possuem um alto grau de inteligência; sem saber, estão vivas espiritualmente, e os primeiros indícios desta vida é o senso de responsabilidade. Sabem que são guardiãs dos irmãos. Inculcar pacientemente esta qualidade, o esforço de fazer com que assumam pequenos deveres e compartilhem da responsabilidade vai exigir muita paciência por parte do instrutor, mas é fundamental para determinar para sempre o caráter de uma criança e sua futura utilidade no mundo.

3. Uma atmosfera de compreensão. Poucos instrutores e pais explicam a uma criança as razões das atividades e demandas que lhes são impostas. A explicação, porém, inevitavelmente evocará resposta, pois uma criança pensa mais do que se sabe e o processo inculcará nela uma reflexão sobre as motivações. Muitas das coisas que uma criança comum faz não são erradas em si; são provocadas por uma mente frustrada, inquisitiva, pelo impulso de retaliar alguma injustiça (baseada na falta do adulto de compreender a motivação da criança) pela incapacidade de empregar o tempo de maneira correta e útil e pelo anseio de atrair a atenção. São simplesmente indicações simbólicas do indivíduo que emerge. As pessoas mais velhas tendem a nutrir na criança um sentido prematuro e desnecessário de transgressão; enfatizam as infantilidades que deveriam ser ignoradas, mas que são irritantes. O senso correto da má ação, que se baseia no fracasso de manter corretas relações grupais, só se desenvolve se a criança for tratada com compreensão; então as coisas realmente erradas, as infrações aos direitos dos demais, os abusos do desejo individual sobre as necessidades do grupo para benefício pessoal, emergirão na perspectiva correta e a seu devido tempo. Os educadores terão de se lembrar que milhares de crianças presenciaram constantemente maldades perpetradas por pessoas mais velhas; isto terá falseado sua perspectiva, dado a elas modelos errados e minado a correta autoridade dos mais velhos. Uma criança tende a se tornar antissocial quando não é compreendida ou quando as circunstâncias exigem demasiado dela.

Uma atmosfera correta, a transmissão de alguns princípios corretos e muita compreensão amorosa são os requisitos primordiais no período de transição especialmente difícil que enfrentamos. Uma maneira de viver organizada ajudará muito, mas as crianças que estamos considerando (com exceção das crianças alemãs) conheceram pouca disciplina. O trabalho de mera sobrevivência foi a principal preocupação dos mais velhos próximos e das crianças. De início será difícil para elas reagir corretamente a um ritmo de vida imposto. A disciplina será necessária, mas deve ser a disciplina do amor, cuidadosa e exaustivamente explicada, de maneira que a criança compreenda as razões por trás desta misteriosa nova ordem de comportamento. A fadiga, a inércia e a falta de interesse, próprias da guerra e da desnutrição, de início apresentarão dificuldades concretas. Os educadores e instrutores deverão impor a si mesmos uma disciplina de paciência, compreensão e amor que não lhes será fácil, pois estará acompanhada de um profundo senso das dificuldades a superar e dos problemas a enfrentar.

Em todos os países devem ser encontrados e mobilizados os homens e mulheres de visão, e eles existem; eles devem dispor dos equipamentos de que necessitam e do respaldo daqueles nos quais possam confiar. Não se deve exigir muito de início, pois a necessidade imediata não é a transmissão de fatos, mas a

eliminação do medo, a demonstração de que o amor existe no mundo, inculcando um sentido de segurança. Então e somente então será possível dar continuidade a processos mais definidos que possibilitarão o plano de longo alcance que alguns de nós visualizamos.

O Plano de Longo Alcance

Vamos agora formular um plano mais extenso para a futura educação das crianças do mundo. Vimos que, apesar dos processos educacionais universais e dos muitos centros de ensino em todos os países, ainda não conseguimos dar aos nossos jovens o tipo de educação que os capacitará a viver de maneira plena e construtiva. Em termos dos últimos dois ou três mil anos, o desenvolvimento da educação mundial seguiu progressivamente por três linhas principais, começando no Oriente e culminando agora no Ocidente. Na Ásia tivemos, durante séculos, a educação intensa de certos indivíduos cuidadosamente escolhidos e um completo descaso pelas massas. A Ásia e somente a Ásia produziu celebridades que, ainda hoje, são objeto de veneração universal – Lao Tsé, Confúcio, o Buda, Shri Krishna e o Cristo. Eles apuseram Sua marca sobre milhões e ainda o fazem.

Em seguida, na Europa, tivemos uma atenção educacional concentrada em poucos grupos privilegiados, dando a eles uma formação cultural cuidadosamente planejada, mas transmitindo às massas apenas os rudimentos necessários do saber. Isto produziu periodicamente épocas importantes de expressão cultural, tais como o período isabelino, o Renascimento, os poetas e escritores da era vitoriana e os poetas e músicos da Alemanha, assim como os grupos de artistas cuja memória se perpetua nas Escolas italiana, holandesa e nos grupos espanhóis.

Finalmente, nos países mais novos do mundo, como os Estados Unidos, a Austrália e o Canadá, a educação das massas foi instituída e largamente reproduzida em todo o mundo civilizado. O nível geral de realização cultural foi muito inferior e o nível de informação em massa e de produtividade consideravelmente mais elevado. Surge agora a pergunta: Qual será o próximo desenvolvimento evolutivo no mundo da educação? O que acontecerá depois deste completo colapso mundial e do reconhecido fracasso dos sistemas educativos para evitá-lo?

Lembremos de uma coisa importante. O que a educação pode fazer em linhas indesejáveis, foi bem demonstrado na Alemanha, com a destruição do idealismo, a implantação de relações humanas e atitudes erradas e a glorificação de tudo o que é mais egoísta, brutal e agressivo. A Alemanha provou que os processos educativos, quando adequadamente organizados e supervisionados, sistematicamente planejados e orientados para uma ideologia, são de efeito potente, em especial se a criança é apanhada bem pequena e é protegida de todo ensinamento contrário durante um tempo suficientemente longo. Vamos lembrar, também, que esta potência comprovada pode atuar de duas maneiras, e que o que foi moldado nas linhas erradas também pode ser exitoso em linhas corretas.

Temos que entender, ainda, que devemos fazer duas coisas: em termos educacionais, devemos priorizar os menores de dezesseis anos, quanto mais jovens melhor e, em segundo, devemos começar com o que temos, mesmo reconhecendo as limitações dos sistemas atuais. Devemos fortalecer os aspectos bons e desejáveis, eliminar os que se mostraram inadequados para capacitar os homens a lidar com o ambiente; devemos desenvolver as novas atitudes e técnicas que capacitarão a criança para uma vida plena, tornando-a verdadeiramente humana – um membro da família humana criador, construtivo. O melhor do passado deve ser preservado, mas considerado apenas como o fundamento para um sistema melhor e uma abordagem mais lúcida à meta da cidadania mundial.

Nesta altura caberia definir o que a educação pode ser, se for impulsionada pela visão correta e se responder à necessidade mundial percebida e às demandas do momento.

Educação é o treinamento aplicado de maneira inteligente que habilitará a juventude do mundo a fazer contato com o ambiente com inteligência e lucidez e se adaptar às condições existentes. Isso hoje é de importância primordial e um dos marcos indicadores no mundo de hoje.

A educação é um processo mediante o qual o jovem é dotado das informações que o habilitarão a atuar como bom cidadão e a desempenhar as funções de pai inteligente. É preciso levar em conta suas tendências inerentes, seus atributos raciais e nacionais e depois procurar acrescentar a eles o conhecimento que o levará a trabalhar construtivamente no ambiente específico do seu mundo e ser um cidadão útil. A tendência geral de sua educação deverá ser mais psicológica que no passado e as informações assim obtidas serão adaptadas à situação peculiar. Todas as crianças têm certas habilidades e devem aprender a usá-las; elas as compartilham com toda a humanidade, independente de raça ou nacionalidade. Portanto, no futuro, os educadores privilegiarão:

1. O desenvolvimento do controle mental sobre a natureza emocional.
2. A visão ou a capacidade de ver, além do que é, aquilo que poderia ser.
3. O conhecimento herdado, concreto, sobre o qual será possível sobrepor a sabedoria do futuro.
4. A capacidade de manejar as relações de maneira inteligente e de reconhecer e assumir responsabilidades.
5. O poder de usar a mente de duas maneiras:
 - a. Como “bom senso” (usando esta palavra no sentido antigo), analisando e sintetizando as informações transmitidas pelos cinco sentidos.
 - b. Como um farol, penetrando no mundo das ideias e da verdade abstrata.

O conhecimento vem de duas direções. É resultado do uso inteligente dos cinco sentidos e também se desenvolve no esforço de apreender e entender ideias. São ambas implementadas pelo interesse e pelo estudo.

A educação deveria ser de três tipos e os três são necessários para levar a humanidade ao ponto de desenvolvimento necessário.

Antes de tudo, trata-se de um processo de aquisição de dados – passados e presentes – e, em seguida, de aprender a inferir e a reunir desta massa de informações, gradualmente acumulada, o que pode ser de uso prático em qualquer situação dada. Este processo envolve os fundamentos dos nossos sistemas educacionais atuais.

Em segundo lugar, é um processo de adquirir sabedoria como consequência natural do conhecimento e de captar, com compreensão, o significado que se encontra por trás dos fatos externos transmitidos. É o poder de aplicar o conhecimento de tal maneira que os resultados naturais sejam uma vida sã e um ponto de vista abrangente, além de uma técnica de conduta inteligente. Implica também em formação para atividades especializadas, baseadas nas tendências, talentos ou poderes intelectuais inatos.

É, finalmente, um processo pelo qual se cultiva a unidade ou sentido de síntese. No futuro, os jovens aprenderão a pensar em si mesmos em relação ao grupo, à unidade familiar e à nação na qual o destino os colocou. Também aprenderão a pensar em termos de relações mundiais e da relação de sua nação

com outras nações. Inclui a formação para a cidadania, para a paternidade e para o entendimento mundial; é fundamentalmente psicológico e deveria apontar para um entendimento da humanidade. Quando for ministrado este tipo de formação, desenvolveremos homens e mulheres tanto civilizados como cultos, e que também possuirão a capacidade de avançar (à medida que a vida segue) para o mundo de significado que subjaz no mundo dos fenômenos externos, e que começarão a ver os acontecimentos humanos em termos de valores espirituais e universais mais profundos.

A educação deveria ser o processo pelo qual se ensina à juventude a raciocinar da causa para o efeito, a conhecer a razão de determinadas ações estarem inevitavelmente vinculadas à realização de certos resultados e porque – dado certo instrumental emocional e mental, além de uma avaliação psicológica apurada – é possível determinar tendências de vida precisas e porque certas profissões e cursos de vida proporcionam o cenário correto para desenvolvimento e um campo de experiência útil e benéfico. Certas faculdades e colégios realizaram algumas tentativas nesta linha, no esforço de determinar as aptidões psicológicas de um menino ou menina para certas vocações, mas toda esta iniciativa ainda é de natureza amadorística. Quando feita de maneira mais científica, abre a porta para o treinamento em ciências; dá significado e sentido à história, à biografia e ao aprendizado e, deste modo, evita a mera transmissão de fatos e o trivial processo de treinamento da memória que caracterizou os métodos do passado.

A nova educação considerará a criança levando em conta a hereditariedade, a posição social, o condicionamento nacional, o ambiente e seu instrumental pessoal, mental e emocional, e procurará abrir para ela todo o mundo de esforço, assinalando que as aparentes barreiras ao progresso são apenas estímulos para um renovado empenho. Deste modo procurará “arrancá-la” (o verdadeiro significado da palavra “educação”) de qualquer condição limitadora e instruí-la para pensar em termos de cidadania mundial construtiva. A ênfase será crescimento e mais crescimento.

O educador do futuro abordará o problema da juventude do ângulo da reação instintiva das crianças, sua capacidade intelectual e sua potencialidade intuicional. Na infância e nas primeiras séries escolares será observado e cultivado o desenvolvimento de corretas reações instintivas; nas séries posteriores, o equivalente ao ensino médio ou escolas secundárias, serão favorecidos o desenvolvimento intelectual e o controle dos processos mentais, enquanto que nas escolas superiores e universidades serão fomentados o desenvolvimento da intuição, a importância das ideias e ideais e o desenvolvimento do pensamento abstrato e da percepção; esta última fase estará totalmente baseada no sólido fundamento intelectual anterior. Estes três fatores – instinto, intelecto e intuição – oferecem o paradigma para as três instituições acadêmicas através das quais passará todo jovem e pelas quais, hoje em dia, passam muitos milhares. Nas escolas modernas (escolas primárias, escolas secundárias, faculdades ou universidades) está contido o quadro imperfeito, mas simbólico, do tríplice objetivo da educação futura: Civilização, Cultura e Cidadania ou unidade mundial.

As escolas primárias podem ser consideradas as guardiãs da civilização; devem começar a instruir a criança na natureza do mundo no qual ela deveria exercer o seu papel, ensinando-lhe seu lugar no grupo e preparando-a para viver de maneira inteligente e para as corretas relações sociais. Serão ensinadas leitura, escrita e aritmética, história elementar (com ênfase na história mundial), geografia e poesia, e serão transmitidos certos fatos básicos e importantes da vida, além de inculcar o autocontrole.

As escolas secundárias se considerarão como as guardiãs da cultura; deveriam enfatizar os maiores valores da história e da literatura e passar algum entendimento sobre arte. Deveriam começar a instruir o menino ou menina para a futura profissão ou modo de vida que, obviamente, os condicionará. Será também ensinada a cidadania em termos mais amplos, o mundo dos verdadeiros valores será salientado e o idealismo será cultivado, consciente e definidamente. Será enfatizada a aplicação prática dos ideais.

As nossas faculdades e universidades deveriam ser uma extensão mais elevada de tudo o que já foi feito. Deveriam embelezar e completar a estrutura já erguida e tratar mais diretamente do mundo do significado. Deveriam considerar os problemas internacionais – econômicos, sociais, políticos e religiosos – e vincular ainda mais claramente o homem com o mundo como um todo. Isto não indica absolutamente uma desatenção aos problemas ou empresas individuais ou nacionais, mas sim que procuram incorporá-los no todo como partes integrantes e efetivas, e assim evitar as atitudes separatistas que causaram a queda do nosso mundo moderno.

Posteriormente pode ser comprovado (quando a verdadeira religião for restaurada outra vez) que esta formação será fundamentalmente *espiritual*, usando esta palavra para significar compreensão, prestatividade, fraternidade, corretas relações humanas e uma crença na realidade do mundo por trás do cenário fenomênico. A preparação de um homem para a cidadania no Reino de Deus *não* é uma atividade religiosa a ser tratada exclusivamente pelas igrejas e pelo ensinamento teológico, embora muito possam fazer para ajudar. É certamente a tarefa da educação superior, dando propósito e significado a tudo que foi feito.

A sequência a seguir é autossugestiva, ao considerarmos o currículo a planejar para os jovens das próximas e imediatas gerações:

Ensino primário.....	Civilização.....	idades: 4 a 12.
Ensino secundário	Cultura	idades: 12 a 18.
Ensino superior	Cidadania Mundial	idades: 18 a 25.

No futuro, a educação usará a psicologia muito mais do que até agora. Já é possível observar uma tendência nesta direção. A natureza – física, vital, emocional e mental – do menino ou menina será cuidadosamente investigada, e os respectivos propósitos de vida incoerentes serão direcionados às linhas corretas; a criança aprenderá a se reconhecer como aquele que age, sente e pensa. Assim será ensinada a responsabilidade do “Eu” central, ou ocupante do corpo. Isto alterará por completo a presente atitude da juventude do mundo com relação ao ambiente e fomentará, desde a mais tenra idade, o reconhecimento do papel a exercer e da responsabilidade a assumir. A educação será considerada como um método de preparação para um futuro útil e interessante.

Portanto, fica cada vez mais evidente que a futura educação poderia ser definida em um sentido novo e mais amplo como a Ciência das Corretas Relações Humanas e da Organização Social. Comparativamente, dá um propósito novo a qualquer currículo transmitido e indica, ainda, que nada do que estava incluído precisa ser excluído, apenas ficará evidente uma motivação melhor e evitará uma apresentação nacionalista, egoísta. Se a história, por exemplo, for apresentada com base nas ideias condicionantes que fizeram a humanidade progredir, e não com base nas guerras agressivas ou nos roubos internacionais ou nacionais, a educação se ocupará da correta percepção e uso das ideias, da transformação das ideias em ideais atuantes e sua aplicação como a vontade-para-o-bem, a vontade-para-a-verdade e a vontade-para-a-beleza. Assim se produzirá uma mudança muito necessária nos objetivos da humanidade, a partir dos nossos atuais objetivos competitivos e materialistas, para os que expressarão mais plenamente a Regra de Ouro, estabelecendo-se corretas relações entre indivíduos, grupos, partidos, nações e através de todo o mundo internacional.

Cada vez mais a educação deveria tratar das integralidades da vida, além dos pormenores da vida diária individual. A criança, como indivíduo, será desenvolvida, capacitada, instruída e motivada e, neste ínterim, aprenderá suas responsabilidades com relação à totalidade e o valor da contribuição que pode e deve dar ao grupo.

Talvez seja uma trivialidade dizer que a educação deveria se ocupar necessariamente do desenvolvimento das faculdades de raciocínio da criança e não em primeiro lugar – como em geral ocorre agora – do treinamento da memória e do registro mecânico de fatos e datas e elementos informativos dispersos e mal assimilados. A história do desenvolvimento das faculdades perceptivas do homem sob condições raciais e nacionais diferentes é de profundo interesse. As destacadas figuras da história, da literatura, da arte e da religião certamente serão estudadas do ângulo do efeito e da influência, para o bem ou para o mal, em seu respectivo período, considerando-se a qualidade e o propósito de sua liderança. Deste modo a criança absorverá uma vasta informação histórica sobre atividade criadora, idealismo e filosofia, não só com grande facilidade, como também com efeito permanente sobre seu caráter.

A atenção da criança será levada para a continuidade do esforço, os efeitos da tradição antiga sobre a civilização, os eventos bons e maus e a interação dos diversos aspectos culturais da civilização, sendo descartadas as informações áridas, datas e nomes. Assim, todos os ramos do conhecimento humano ganhariam vida e alcançariam um novo nível de utilidade construtiva. Já há uma clara tendência nesta direção e é boa e acertada. O passado da Humanidade, como base para os eventos da atualidade e o presente como o fator determinante do futuro serão cada vez mais reconhecidos e, assim, serão produzidas as grandes e necessárias mudanças na psicologia humana em geral.

Na nova era, a aptidão criadora do ser humano também deve receber mais atenção; a criança será estimulada a realizar o esforço individual adequado ao seu temperamento e capacidade. Deste modo será induzida a contribuir com a beleza que puder para o mundo e com o correto pensamento para o somatório do pensar humano; será incentivada a pesquisar e o mundo da ciência se abrirá ante ela. Por trás da aplicação de todos estes incentivos, encontram-se as motivações da boa vontade e das corretas relações humanas.

Finalmente, a educação apresentaria a hipótese da alma no homem como o fator interno que produz o bom, o verdadeiro e o belo. A expressão criadora e o esforço humanitário terão, pois, uma base lógica. Isto não será feito por meio de uma apresentação teológica ou doutrinária, como ocorre hoje, mas apresentando um problema para ser investigado e um esforço para responder as perguntas: O que é o homem? Qual é seu propósito intrínseco no esquema das coisas? Será estudada a experiência viva da influência e do propósito proclamado por trás do constante aparecimento de líderes espirituais, culturais e artísticos no mundo ao longo das eras, e suas vidas serão submetidas à pesquisa, tanto histórica como psicológica. Isto abrirá ante a juventude do mundo todo o problema da liderança e da motivação. Em consequência, a educação será prestada na forma de interesse humano, realização humana e possibilidade humana. Será feito de tal maneira que o conteúdo da mente do estudante não só se enriquecerá com fatos históricos e literários, como sua imaginação se inflamará e sua ambição e aspiração serão evocadas em linhas verdadeiras e corretas; o mundo do esforço humano passado lhe será apresentado sob uma perspectiva mais verdadeira, e o futuro se abrirá para ele como um apelo ao esforço individual e à contribuição pessoal.

O exposto acima não implica absolutamente em acusação aos métodos do passado, salvo na medida em que o próprio mundo hoje representa uma acusação; também não é uma visão inviável nem uma esperança mística, baseada em uma quimera. Refere-se a uma atitude frente à vida e ao futuro que muitos milhares de pessoas sustentam hoje em dia e, entre elas, muitos educadores em todos os países. Os erros e as falhas das técnicas passadas são evidentes, mas não há necessidade de perdermos tempo em acentuá-los nem em acumular exemplos.

O necessário é a compreensão da oportunidade imediata, além do reconhecimento de que reorganizar objetivos e mudar métodos levará muito tempo. Teremos que formar os nossos educadores de outra

maneira e levará muito tempo para sondarmos novas e melhores maneiras, desenvolvermos os novos livros didáticos e encontrarmos os homens que possam ser positivamente sensibilizados com a nova visão e que trabalharão para a nova civilização. Aqui só procurei enfatizar os princípios e o faço reconhecendo que muitos deles de maneira alguma são novos, apenas que precisam de nova ênfase. Agora é o dia da oportunidade.

É preciso elaborar um sistema educacional melhor, que apresente as possibilidades da vida humana de tal maneira que as barreiras sejam derrubadas, os preconceitos eliminados e a criança em desenvolvimento receba uma formação que a capacitará, quando adulta, a viver com outros homens em harmonia e boa vontade. Isto pode ser feito, cultivando-se a paciência e a compreensão, e os educadores compreendendo que “onde não há visão, os povos perecem”.

Um sistema internacional de educação, elaborado em comissão mista de professores de mente aberta e autoridades em educação em todos os países, é hoje uma necessidade imperiosa e proporcionaria um trunfo importante para a preservação da paz mundial. Já se fez alguma coisa neste sentido e grupos de educadores estão se reunindo e debatendo a formação de um sistema melhor que assegurará às crianças das diferentes nações (a começar pelos milhões de crianças que neste momento estão pedindo educação) o ensino da verdade, sem parcialidades e sem preconceitos.

A democracia do mundo tomará forma quando os homens de todas as partes forem realmente considerados como iguais; quando meninos e meninas aprenderem que não importa se um homem é asiático, americano, europeu, britânico, judeu ou gentio, apenas que cada um tem um antecedente histórico que o habilita a contribuir com algo para o bem do todo, e que o principal requisito é uma atitude voltada para o bem e um esforço constante de fomentar corretas relações humanas. A Unidade Mundial será um fato quando as crianças do mundo aprenderem que as diferenças religiosas são em grande parte uma questão de nascimento; que se um homem nasce na Itália, provavelmente será católico romano; se nasce judeu, seguirá o ensinamento judeu; se nasce na Ásia, pode ser maometano, budista ou pertencer a uma das seitas hinduístas; se nasce em outros países, pode ser protestante, e assim por diante. Aprenderá que as diferenças religiosas são em grande parte resultado de disputas criadas pelo próprio homem acerca das interpretações humanas da verdade. Assim, gradualmente, as nossas disputas e diferenças serão neutralizadas e suplantadas pela ideia da Humanidade Una.

Muito cuidado deverá ser dedicado à seleção e formação dos professores do futuro e, em especial, daqueles que, nos países devastados pela guerra, procurarão levar serviços educacionais ao povo. Sua capacidade mental e o conhecimento sobre seu tema específico terão importância, porém, ainda mais importante, será a necessidade de que não tenham preconceitos e vejam todos os homens como membros de uma grande família. O educador do futuro deverá ser mais um psicólogo treinado do que é hoje. Além de transmitir conhecimento acadêmico, deverá saber que a sua principal tarefa é evocar em sua turma de estudantes um real senso de responsabilidade; não importa o que tenha que ensinar – história, geografia, matemática, idiomas, os diversos ramos da ciência ou filosofia – ele relacionará tudo com a Ciência das Corretas Relações Humanas e procurará passar uma perspectiva mais verdadeira sobre a organização social do que no passado.

Quando a juventude do futuro – atuando de acordo com os princípios propostos – for civilizada, culta e responsiva à cidadania mundial, teremos um mundo de homens despertos, criadores e dotados de um verdadeiro senso de valores e de uma perspectiva sólida e construtiva sobre os assuntos mundiais. Levará muito tempo para viabilizar isso, mas não é impossível, como a própria história já provou. Algum dia se fará uma análise sobre a contribuição dos três grandes continentes – Europa, Ásia e América – para o desenvolvimento geral da humanidade. A progressiva revelação da glória do espírito humano ainda precisa ser expressa por escrito – a glória combinada de todos e não só os aspectos estritamente

nacionais. Consiste no fato de que toda raça e todas as nações sempre produziram aqueles que expressaram o ponto de realização mais elevado possível para aquele dia e geração – homens que uniram em si mesmos a triplicidade básica à qual me referi anteriormente: instinto, intelecto e intuição. Foram relativamente poucos nas primeiras etapas de desenvolvimento do homem, mas hoje estes números estão aumentando rapidamente.

Será simples bom senso, porém, compreender que esta integração não é possível para todo aluno que passar pelas mãos dos nossos professores. Os alunos terão que ser avaliados dos três ângulos que constituem o contexto deste artigo:

1. Os capazes de ser civilizados. Refere-se à massa dos homens.
2. Os capazes de ser levados ao mundo da cultura. Abrange um grande número de pessoas.
3. Os que agregam aos recursos da civilização e da cultura a capacidade de atuar como almas, não apenas nos dois mundos da vida instintiva e inteligente, mas também no mundo dos valores espirituais e assim fazer uma completa e tríplice integração.

Todos, porém, independente da capacidade inicial, podem ser instruídos na Ciência das Corretas Relações Humanas e assim responder aos principais objetivos dos futuros sistemas educacionais. Já há indícios disto por todo lado, mas até agora ainda não se enfatizou treinar professores e influenciar os pais. Muito, muitíssimo fizeram certos grupos iluminados em todas as partes, e o fizeram enquanto estudavam os requisitos para a cidadania, empreendiam o trabalho de pesquisa em relações sociais e, através de inúmeras organizações, estão procurando levar à massa de seres humanos um senso de responsabilidade pela felicidade e o bem-estar humanos. Este trabalho deve ser iniciado na infância, de maneira que a consciência da criança (tão fácil de dirigir) possa, desde os primeiros dias, assumir uma atitude altruísta para seus semelhantes.

Agora o que se há de fazer é criar uma ponte – ponte entre o que há hoje e o que pode haver no futuro. Se, nos próximos anos, desenvolvermos esta técnica de criação de ponte sobre as inúmeras separações que existem na família humana e neutralizarmos os ódios raciais e as atitudes separatistas das nações e das pessoas, teremos conseguido implementar um mundo no qual a guerra será impossível e a humanidade se perceberá como uma só família humana e não como um conjunto de beligerantes de muitas nações e povos, competitivamente envolvidos em obter o melhor dos outros para si e exitosamente fomentando preconceitos e ódio. Como vimos, é esta a história do passado. O homem evoluiu de um animal isolado, instigado apenas pelos instintos de autopreservação, alimentação e procriação, pelas etapas da vida familiar, vida tribal e vida nacional, até o ponto em que hoje está captando um ideal ainda mais amplo – a unidade internacional ou o harmonioso funcionamento da Humanidade Una.

Este idealismo crescente está abrindo caminho para a vanguarda da consciência humana, apesar de todas as hostilidades separatistas e, em grande parte, é responsável pelo caos atual e pela associação das Nações Unidas. Produziu as ideologias conflitantes que estão procurando expressão mundial; produziu o dramático aparecimento de salvadores nacionais (assim chamados), profetas e trabalhadores mundiais, idealistas, oportunistas, ditadores, pesquisadores e humanitários. Estes idealismos conflitantes são um sinal salutar, estejamos ou não de acordo com eles. São reações definidas à demanda humana – urgente e correta – por melhores condições, mais luz e compreensão, maior cooperação, segurança, paz e abundância no lugar de terror, medo e fome.

Conclusão

É difícil para o homem moderno conceber uma época em que não haverá nenhuma consciência racial, nacional ou religião separatista no pensamento humano. Foi igualmente difícil para o homem pré-histórico conceber uma época em que haveria um pensamento nacional. Deveríamos ter isso em mente. O tempo em que a humanidade estará apta a pensar em termos universais ainda está muito distante, mas só o fato de podermos falar disso, desejá-lo e planejá-lo, é certamente a garantia de que não é impossível. A humanidade sempre progrediu de uma etapa de iluminação para outra e de glória para glória. Hoje estamos a caminho de uma civilização muito melhor do que a que o mundo conheceu no passado e para condições que assegurarão uma humanidade muito mais feliz e que verá o fim das diferenças nacionais, das distinções de classe (estejam baseadas em status hereditário ou econômico), e que assegurará uma vida mais plena e rica para todos.

Muitas décadas transcorrerão, obviamente, até que tal estado de coisas esteja presente – mas serão décadas e não séculos, se a humanidade puder aprender as lições desta guerra, se os grupos reacionários e conservadores, de todas as nações puderem ser impedidos de causar um retrocesso da civilização para as antigas e maléficas linhas. Mas um início já pode ser feito. A simplicidade deveria ser a nossa palavra de ordem, pois é a simplicidade que aniquilará o nosso antigo estilo de vida materialista. A boa vontade cooperativa é sem dúvida a primeira ideia a ser apresentada às massas e ensinada em nossas escolas, assim garantindo a nova e melhor civilização. A compreensão amorosa, aplicada inteligentemente, deveria ser o atributo distintivo dos grupos cultos e mais sábios, além do esforço de relacionar o mundo do significado com o mundo dos esforços externos – em benefício das massas. A cidadania mundial, como expressão de boa vontade e de compreensão, deveria ser a meta dos iluminados de todas as partes e o atributo distintivo do homem espiritual. Nestas três expressões, vocês têm corretas relações estabelecidas entre educação, religião e política.

O princípio regente da nova educação é essencialmente a correta interpretação da vida, passada e presente, e sua relação com o futuro do gênero humano; o princípio regente da nova expressão religiosa deve e deverá ser uma correta abordagem a Deus, transcendente na natureza e imanente no homem, enquanto o princípio regente da nova ciência política e de governo serão as corretas relações humanas e, para ambos, a educação deve preparar a criança.

Capítulo III

O Problema do Capital, do Trabalho e do Emprego

Em um novo e singular sentido, estamos hoje na aurora de uma era econômica totalmente nova. Isto está cada vez mais óbvio para todas as pessoas que pensam. Devido ao mais recente triunfo da ciência – a liberação da energia do átomo – o futuro do gênero humano e o tipo de civilização futura são imprevisíveis. As mudanças iminentes são de tão longo alcance que é evidente que os antigos valores econômicos e os bem conhecidos padrões de vida estão destinados a desaparecer; ninguém sabe o que os substituirá.

As condições serão alteradas fundamentalmente; em certas linhas, tais como a distribuição de carvão e petróleo para iluminação, aquecimento e transporte, não seria possível que, no futuro, nenhum destes recursos planetários seja necessário? Temos aqui dois como exemplos das mudanças fundamentais que

o uso da energia atômica pode fazer na futura vida civilizada.

Dois problemas principais surgirão desta nova descoberta – um de caráter imediato e o outro a se desenvolver posteriormente. O primeiro é que aqueles cujos grandes interesses financeiros estão ligados aos produtos que o novo tipo de energia inevitavelmente substituirá, lutarão até o último recurso para impedir que estas novas fontes de riqueza beneficiem outros. Segundo, haverá o progressivo e crescente problema da liberação de mão de obra do trabalho extenuante e das longas horas que são hoje necessárias para prover um salário mínimo e as necessidades da vida. Um é o problema do capital, e o outro é o problema do trabalho; um é o problema do controle estabelecido dos interesses puramente egoístas que, por tanto tempo, controlam a vida da humanidade, e o outro é o problema do lazer e seu uso construtivo. Um problema diz respeito à civilização e seu funcionamento correto na nova era, e o outro diz respeito à cultura e ao emprego do tempo em linhas criativas.

Não seria útil profetizar aqui sobre os usos que podem ser ou serão feitos com a energia mais potente liberada até agora para ajuda do homem. Seu primeiro uso construtivo foi pôr fim à guerra. A futura aplicação construtiva está nas mãos da ciência e deveria ser controlada pelos homens de boa vontade que se encontram em todas as nações. Esta energia deve ser resguardada dos interesses monetários; deve se direcionar categoricamente para usos pacíficos e ser usada para implementar um mundo novo e mais feliz. Todo um campo de pesquisa se abre hoje diante da ciência, campo no qual há muito se deseja penetrar. Nas mãos da ciência, esta nova energia está muito mais segura do que nas mãos do capital ou daqueles que explorariam esta descoberta para aumentar os dividendos. Nas mãos das grandes democracias e das raças anglo-saxãs e escandinavas, esta descoberta está mais segura do que em outras. No entanto, não pode ser mantida indefinidamente nestas mãos. Outras nações e raças descobrirão este “segredo de liberação” e a futura segurança da humanidade, portanto, depende de duas coisas:

1. A constante e planejada educação dos povos de toda nação em corretas relações humanas e no cultivo do espírito de boa vontade. Isto conduzirá a uma completa revolução dos atuais regimes políticos, que são em grande parte nacionalistas em seu planejamento e egoístas em seus propósitos. A verdadeira democracia, que no presente é apenas um sonho, estará fundamentada na educação para a boa vontade.
2. A educação das crianças do futuro na realidade da unidade humana e no uso dos recursos do mundo para o bem de todos.

Certas nações, devido a seu caráter internacional e à multiplicidade de raças que as compõem, são normalmente mais inclusivas que outras em pensamento e planejamento. São mais propensas que outras a pensar em termos da humanidade como um todo. Tais nações são os Estados Unidos, a Comunidade Britânica de Nações e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Muitas nações e raças constituem estas três Grandes Potências – o triângulo central no coração do novo mundo que está por vir. Daí sua oportunidade para guiar o gênero humano neste momento e sua inata responsabilidade de atuar como líderes mundiais. Outras raças não têm esta capacidade inerente. Não são, por exemplo, colonos bem-sucedidos e são mais nacionalistas e exploradoras na abordagem às “raças subjugadas”. Para as três Grandes Potências, a fusão dos muitos elementos que compõem seus cidadãos em um todo unido foi um impulso condicionante necessário. A intenção básica dos Estados Unidos é o bem-estar de todos dentro de sua jurisdição nacional, e a “busca da felicidade” é uma citação bem conhecida desta intenção; o princípio fundamental que guia o domínio britânico é justiça para todos; a motivação subjacente da URSS é de corretas condições de vida, oportunidade para todos e a equiparação geral de todas as classes separatistas em um florescente grupo de seres humanos. Todos estes objetivos são bons e a aplicação na vida da humanidade garantirá um mundo mais feliz e mais pacífico.

Em todos os países, sem exceção, há elementos bons e ruins; há grupos progressistas e grupos reacionários. Há homens cruéis e ambiciosos na Rússia, que de bom grado explorariam o mundo em benefício da Rússia e que procurariam impor a vontade do proletariado sobre todas as classes e castas em todo o mundo civilizado; há homens reflexivos na Rússia e homens de visão que se opõem a eles. Há pessoas reacionárias e conscientes de classe no Império Britânico, que detestam o crescente poder das massas e que se agarram desesperadamente ao prestígio e posição herdadas; elas refreariam o progresso do povo britânico e gostariam de ver a restauração do antigo sistema hierárquico, paternalista e feudal; a massa do povo, falando através da voz da classe trabalhadora, não terá nada disso. Nos Estados Unidos, há isolamento, perseguição a minorias, como acontece com a raça negra e um ignorante e arrogante nacionalismo, verbalizado por senadores e deputados com seus ódios raciais, suas atitudes separatistas e seus métodos políticos pouco sólidos.

Fundamentalmente, porém, estas três Grandes Potências são a esperança do mundo e formam o triângulo espiritual básico por trás dos planos e da formação dos eventos que inaugurarão o novo mundo. As outras nações poderosas, por pouco que gostariam de perceber isso, não estão em uma posição tão forte; não têm o mesmo idealismo nem os mesmos vastos recursos nacionais; a preocupação nacional limita a sua visão de mundo; são condicionadas por ideologias mais estreitas, por uma luta maior pela existência nacional, pelas disputas por fronteiras e ganhos materiais, e por não cooperar plenamente com a humanidade como um todo. As nações menores não têm a mesma atitude; são relativamente mais limpas em seus regimes políticos e constituem, sobretudo, o núcleo do mundo federado que, de maneira inexorável, está tomando forma em torno das três Grandes Potências. Estas federações estarão fundamentadas em ideais culturais e serão formadas para garantir corretas relações humanas; oportunamente, não serão fundamentadas em política de força; não serão combinações de nações unidas contra outras combinações para fins egoístas. Fronteiras, controles regionais e rivalidades internacionais não serão fatores controladores.

Para viabilizar estas condições mais felizes, é preciso fazer um ajuste muito importante e uma mudança fundamental. Do contrário, não haverá esperança de paz na Terra. A relação entre o capital e o trabalho e entre estes dois grupos e a humanidade como um todo deve ser resolvida. Todos nós conhecemos bem o problema; ele evoca violentos preconceitos e cumplicidades e, no clamor de tudo o que se diz e na violência da batalha, abordar o tema de um ponto de vista mais universal com vistas a valores espirituais emergentes poderia servir a um propósito útil.

Primeiramente, é preciso reconhecer que a causa de toda a inquietude do mundo, das guerras mundiais que devastaram a humanidade e da generalizada miséria no nosso planeta pode ser atribuída em grande parte a um grupo egoísta com propósitos materialistas que, durante séculos, explorou as massas e usou a classe trabalhadora do gênero humano para fins egoístas. Desde os barões feudais da Europa e da Grã-Bretanha na Idade Média, passando pelos poderosos grupos comerciais da era vitoriana, até o pequeno grupo de capitalistas – nacionais e internacionais – que hoje controla os recursos do mundo, surgiu o sistema capitalista que destruiu o mundo. Este grupo de capitalistas monopolizou e explorou os recursos do mundo e os produtos básicos necessários para a vida civilizada; esses capitalistas puderam fazer isso porque tiveram a propriedade e o controle da riqueza do mundo através de seus conselhos de administração entrelaçados e a retiveram nas próprias mãos. Eles viabilizaram as vastas diferenças existentes entre os muito ricos e os muito pobres; amam o dinheiro e o poder que o dinheiro dá; respaldaram governos e políticos; controlaram o eleitorado; tornaram possíveis os estreitos objetivos nacionalistas de políticas egoístas; financiaram os negócios do mundo e controlaram o petróleo, o carvão, as fontes de energia, a luz e o transporte; controlam pública ou veladamente as contas bancárias do mundo.

A responsabilidade pela generalizada miséria que hoje em dia se encontra em todos os países do mundo incide predominantemente sobre certos importantes grupos inter-relacionados de homens de negócios, banqueiros, executivos de cartéis internacionais, monopólios, trusts e organizações e diretores de grandes empresas que trabalham para o ganho corporativo ou pessoal. Não têm interesse em beneficiar o público, exceto na medida que a demanda pública por melhores condições de vida lhes permita – sob a Lei da Oferta e da Procura – fornecer os produtos, o transporte, a luz e a energia que, a longo prazo, redundarão em maiores lucros financeiros. As características de seus métodos são: a exploração da mão de obra, a manipulação dos principais recursos planetários e a promoção da guerra para lucro privado ou comercial.

Esses homens e organizações – responsáveis pelo sistema capitalista – se encontram em todas as nações. As ramificações de seus negócios e seu domínio financeiro sobre a humanidade estavam atuantes em todos os países antes da guerra e, embora tivessem ficado ocultos durante a guerra, ainda existem. Formam um grupo internacional, estreitamente inter-relacionado, trabalhando em completa coesão de ideias e intenção e se conhecem e compreendem entre si. Estes homens pertencem tanto às Nações Aliadas como às Potências do Eixo; trabalharam juntos antes e durante todo o período da guerra por meio de conselhos de administração entrelaçados, sob nomes falsos e através de organizações escusas, ajudados pelas nações neutras que pensavam como eles. Hoje, apesar do desastre que provocaram no mundo, estão outra vez organizando e renovando seus métodos; suas metas permanecem inalteradas; suas relações internacionais permanecem intatas; constituem a maior ameaça que o gênero humano enfrenta hoje; controlam a política; compram homens proeminentes em todas as nações; asseguram o silêncio por meio de ameaça, dinheiro e medo; acumulam riqueza e compram uma popularidade espúria por meio de iniciativas filantrópicas; suas famílias levam vidas cômodas e fáceis e não conhecem o significado do trabalho ordenado por Deus; cercam-se de beleza, luxo e posses e fecham os olhos para a pobreza, para a completa infelicidade, a falta de abrigo e de roupa decente, a fome e a feiura das vidas de milhões de seres que os rodeiam; contribuem para instituições de caridade e de igrejas como lenitivo para suas consciências ou para evitar impostos sobre a renda; dão trabalho a incontáveis milhares, mas se encarregam de que recebam um salário tão baixo que, para eles, real conforto, lazer, cultura e viagens são impossíveis.

O exposto acima é uma terrível acusação. No entanto, pode ser corroborada por milhares de casos; está nutrindo uma revolução e um crescente espírito de agitação. As massas populares de todos os países estão sendo estimuladas, estão despertando, e um novo dia está despontando. Inicia-se agora uma guerra entre os interesses monetários egoístas e a massa da humanidade, que exige equidade e uma justa participação na riqueza do mundo.

Porém, há dentro do sistema capitalista aqueles que estão conscientes do perigo que enfrentam os interesses monetários e cuja tendência natural é pensar em linhas mais amplas e mais humanitárias. Estes homens se dividem em dois grupos principais:

Primeiro, os que são realmente humanitários, que buscam o bem dos semelhantes e que não têm desejo algum de explorar as massas nem de se aproveitar da miséria de outros. Chegaram à posição e ao poder por puro talento ou por posição empresarial herdada e não podem evitar a responsabilidade de dispor dos milhões em suas mãos. Muitas vezes ficam indefesos frente aos colegas executivos e em geral têm as mãos atadas pelas existentes regras do jogo, pelo senso de responsabilidade frente aos acionistas e por entender que, não importa o que façam – lutar ou renunciar – a situação continuará inalterada. É grande demais para o indivíduo. Eles permanecem, pois, relativamente impotentes. São justos e éticos, decentes e benevolentes, com estilo de vida simples e com um verdadeiro sentido de valores, mas pouco há de natureza decisiva que possam fazer.

Segundo, os que são suficientemente sagazes para ler os sinais dos tempos; compreendem que o sistema capitalista não pode continuar indefinidamente diante da crescente indignação da humanidade e do firme avanço dos valores espirituais. Portanto, estão começando a mudar os métodos, a universalizar os negócios e a instituir procedimentos cooperativos com seus empregados. Seu egoísmo inerente fomenta a mudança e o instinto de autopreservação determina suas atitudes. Entre estes dois grupos estão aqueles que não pertencem a nenhum deles; são um campo fértil para a propaganda do capitalista egoísta ou do humanitário altruísta.

Aqui caberia acrescentar que o pensamento egoísta e a motivação separatista que caracterizam o sistema capitalista também se encontram nos pequenos e simples homens de negócios – no mercado da esquina, no bombeiro e no armarinho que explora seus empregados e engana os clientes. É com o espírito universal de egoísmo e de amor ao poder que temos de lutar. A guerra agiu como uma purgação. Abriu os olhos dos homens de todas as partes para a causa subjacente da guerra – catástrofe econômica, baseada na exploração dos recursos do planeta por um grupo internacional de homens egoístas e ambiciosos. Há agora a oportunidade de mudar as coisas.

Vejamos agora o grupo antagonista – Trabalho.

Hoje se enfrentam um poderoso grupo, representando o sistema capitalista, nacional e internacional, e outro grupo igualmente poderoso de sindicatos de trabalhadores e seus líderes. Ambos os grupos são de alcance nacional e internacional. Resta saber qual dos dois finalmente controlará o planeta ou se um terceiro grupo, composto de idealistas práticos, surgirá e assumirá. O interesse dos trabalhadores espirituais no mundo hoje não está nem do lado dos capitalistas nem do lado da mão de obra, como está agora atuando; está do lado da humanidade.

Se nos apoiamos na história, durante milhares de anos os ricos proprietários de terras, os chefes institucionais de clãs, os senhores feudais, os donos de escravos, os comerciantes ou executivos de empresas estiveram no poder; exploraram o pobre; buscaram o máximo rendimento com o mínimo custo. Isto não é novo. Na Idade Média, os trabalhadores explorados, os hábeis artesãos e os construtores de catedrais começaram a formar guildas e associações para mútua proteção, debates conjuntos e, com frequência, para promover o melhor tipo de artesanato. Estes grupos cresceram em poder com o transcurso dos séculos, embora a situação do empregado – homem, mulher ou criança – tenha permanecido deplorável.

Com a invenção da maquinaria e a inauguração da era mecânica nos séculos XVIII e XIX, a situação dos elementos trabalhadores da população tornou-se agudamente ruim; as condições de vida eram abomináveis, insalubres e perigosas para a saúde, devido ao crescimento de áreas urbanas em torno das fábricas. Ainda são, como testemunham o problema de moradia dos trabalhadores de munições nos últimos anos e a situação em torno das minas de carvão nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha. A exploração das crianças aumentou; o trabalho pesado e mal remunerado floresceu; o capitalismo moderno se fez valer e a profunda distinção entre os muito pobres e os muito ricos tornou-se a característica proeminente da era vitoriana. Do ângulo do desenvolvimento planejado da família humana, espiritual e evolutivo, que levasse a um viver civilizado e cultural, equidade e oportunidades iguais para todos, a situação não poderia ter sido pior. O egoísmo comercial e a insatisfação feroz floresceram; os muito ricos exibiram ostensivamente as riquezas ante os muito pobres, em paralelo a um paternalismo condescendente. O espírito de revolução cresceu entre as massas encurraladas, sobrecarregadas de trabalho que, com seus esforços, contribuíram para a opulência das classes ricas.

O princípio espiritual de Liberdade tornou-se cada vez mais reconhecido e sua expressão exigida. As condições do mundo tenderam para a mesma direção. Movimentos de todo tipo foram viabilizados,

simbolizando este crescimento e a demanda por liberdade. A era mecânica foi sucedida pela era do transporte, da eletricidade, das ferrovias, do automóvel e do avião. A era das comunicações também seguiu em paralelo, dando-nos o telégrafo, o telefone, o rádio e, hoje, o radar. Todos eles se fundiram na presente era científica, que nos deu a liberação da energia atômica e as potencialidades inerentes a esta descoberta. Apesar do fato de que uma máquina pode fazer o trabalho de muitos homens, o que contribuiu muito para o enriquecimento do homem com capital, as novas indústrias que surgiram e o desenvolvimento de meios de distribuição no mundo todo proporcionaram novos campos de emprego, e as demandas do período mais materialista que o mundo jamais conhecera deu um grande ímpeto ao capital e gerou empregos para incontáveis milhões. Os estabelecimentos de ensino também cresceram e, com isso, veio a demanda das classes trabalhadoras por melhores condições de vida, salários mais elevados e mais lazer, o que os empregadores sempre combateram; organizaram-se contra as demandas da massa de homens que estão despertando e precipitaram uma condição que forçou a mão de obra a tomar medidas.

Grupos de homens iluminados na Europa, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos começaram a agitar, a escrever livros que foram amplamente lidos, a iniciar debates e a exortar as classes abastadas a despertarem para a situação e as terríveis condições de vida sob as quais viviam a classe trabalhadora e o campesinato. Os abolicionistas combateram a escravidão – seja de negros ou brancos, de crianças ou adultos. Uma imprensa livre em rápido desenvolvimento começou a manter as “classes mais baixas” informadas do que estava ocorrendo; formaram-se partidos para pôr fim a certos flagrantes abusos; a Revolução Francesa, a obra de Marx e outros, e a Guerra Civil norte-americana, tudo isso desempenhou um papel para insistir na questão do homem comum. Homens em todos os países decidiram lutar pela liberdade e por seus próprios direitos humanos.

Gradualmente, empregados e trabalhadores assalariados se uniram para proteção mútua e pelos direitos justos. A certa altura, veio à existência o Sindicato de Trabalhadores com suas formidáveis armas: a educação para a liberdade e a greve. Muitos descobriram que na união está a força e que, juntos, poderiam desafiar o empregador e, dos interesses monetários, arrancar salários decentes, melhores condições de vida e mais tempo livre, que é direito predestinado de todo homem. Não é minha intenção traçar o surgimento dos sindicatos de trabalhadores. O fato de existirem e seu poder em constante crescimento e sua força internacional são bem conhecidos e um interesse moderno fundamental.

Indivíduos poderosos entre os líderes sindicais afluíram à superfície do movimento. Alguns empregadores, que no fundo queriam o melhor para seus trabalhadores, ficaram ao lado deles e os ajudaram; embora uma minoria relativamente pequena, eles serviram para debilitar a confiança e o poder da maioria. A luta dos trabalhadores ainda continua; constantemente há ganhos; constantemente pedem-se jornadas mais curtas e melhores salários e, quando recusados, usa-se a arma da greve. O uso da greve, tão benéfico e útil nos primeiros dias da ascensão da mão de obra ao poder, está se tornando agora uma tirania nas mãos dos inescrupulosos e dos interesses egoístas. Os líderes trabalhistas são agora tão poderosos, que muitos deles se desviaram para a posição de ditadores e estão explorando a massa trabalhadora, à qual antes serviam. O movimento trabalhista também está se tornando muito rico e as grandes organizações nacionais, de todas as partes, acumularam incontáveis milhões. O Movimento Trabalhista agora é, ele próprio, capitalista.

O movimento trabalhista e os sindicatos realizaram um nobre trabalho. O trabalho se elevou para o seu legítimo lugar na vida das nações e a dignidade essencial do homem foi enfatizada. A humanidade está se fusionando rapidamente em um grande organismo corporativo sob a influência da Lei da Oferta e da Procura, o que é um ponto a ter em conta. O destino da raça e o poder de tomar decisões nacionais e internacionais, que exercem efeito sobre toda a humanidade, estão passando para as mãos das massas, das classes trabalhadoras e do homem da rua. O trabalho dos sindicatos trabalhistas foi, de fato, um

grande movimento espiritual que levou ao ressurgimento do espírito divino no homem e a uma expressão das qualidades espirituais inerentes à raça.

Contudo, nem tudo anda bem no movimento trabalhista. Levanta-se a pergunta se não seria extremamente necessário haver uma drástica limpeza. Com a tomada de posse de governos trabalhistas em certos países, com o desenvolvimento da democracia e a demanda por liberdade, com a ascensão do governo do proletariado na Rússia, e o nível educacional mais elevado da raça, bem poderia parecer que métodos novos, melhores e diferentes poderiam agora ser usados para implementar as Quatro Liberdades e assegurar corretas relações humanas. Se houver uma compreensão de que deve haver corretas relações humanas entre as nações, é óbvio que tais relações também deveriam existir entre o capital e o trabalho (como ambos os grupos são compostos de seres humanos) e entre as organizações trabalhistas conflitantes. A mão de obra é hoje uma ditadura, que usa ameaça, medo e força para atingir seus fins. Muitos de seus líderes são homens poderosos e ambiciosos, com um profundo amor pelo dinheiro e a determinação de exercer poder. Más condições habitacionais, salários irrisórios e condições perversas ainda existem em todas as partes e nem em todos os casos a culpa é do empregador.

No futuro, o poder estará nas mãos das massas. Estas massas estão avançando e, pelo peso absoluto de seus números, pelo seu pensamento planejado e pela inter-relação rapidamente crescente agora estabelecida entre os movimentos trabalhistas por todo o mundo, nada hoje pode deter seu progresso. A maior vantagem que o trabalho tem sobre o capital é que está trabalhando para incontáveis milhões, enquanto o capitalista trabalha pelo bem de poucos. O paradigma da humanidade está no coração do movimento trabalhista.

Precisamos captar em certa medida este quadro de uma condição mundial de miséria, baseada nos movimentos capitalista e trabalhista e vermos o quadro inteiro de maneira realista e justa. De uma forma ou de outra, sempre houve interação entre o capital e o trabalho, entre o empregador e o empregado e entre os interesses financeiros e as massas exploradas. Com a era do vapor, a era científica, a era da eletricidade e a era da intercomunicação planetária, este mal se agravou e se propagou. O capital se tornou mais e mais poderoso; a mão de obra ficou cada vez mais agitada e exigente. A culminação da luta foi a guerra mundial, uma guerra de trinta anos, implementada pelo capital e ganha pelos esforços do trabalho. Hoje enfrentamos um mundo enfraquecido e arruinado.

Levantam-se certas perguntas. Ao respondê-las, a humanidade resolverá seus problemas ou, se ficarem sem solução, a raça humana chegará ao fim.

1. O sistema capitalista deve permanecer no poder? Ele é totalmente perverso? Os capitalistas não são seres humanos?
2. A mão de obra, através de seus sindicatos e o crescente poder conferido a seus líderes não se tornará uma tirania?
3. O trabalho e o capital podem chegar a um acordo ou fusão eficaz? Estamos diante de outro tipo de guerra entre esses dois grupos?
4. Como a Lei de Oferta e Procura pode ser implementada de maneira a haver justiça e abundância para todos?
5. Alguma forma de controle totalitário deve ser adotada pelos diversos governos do mundo para atender às necessidades de oferta e procura? Devemos elaborar leis para fins materiais e de bem-estar?

6. Que padrão de vida – na Nova Era – parecerá essencial para o homem? Teremos uma civilização puramente materialista ou teremos uma orientação espiritual no mundo?
7. O que deve ser feito para impedir que os interesses monetários se mobilizem novamente para a exploração do mundo?
8. O que realmente há no cerne das modernas dificuldades materialistas?

Esta última pergunta pode ser respondida nas bem conhecidas palavras: “O amor pelo dinheiro é a raiz de todo mal”. Isto nos leva de volta à fraqueza fundamental da humanidade – a qualidade do desejo. Dele, o dinheiro é resultado e símbolo.

Do simples processo de escambo e permuta (como praticava o selvagem primitivo) até a intrincada e formidável estrutura financeira e econômica do mundo moderno, o desejo é a causa subjacente. Exige a satisfação da necessidade sentida, do desejo por bens e posses, do desejo por conforto material, por aquisição e acúmulo de *coisas*, do desejo por poder e supremacia que somente o dinheiro pode dar. Este desejo controla e domina o pensamento humano; é o paradigma da nossa civilização moderna; é também o polvo que está lentamente estrangulando a vida, a iniciativa e a decência humanas; é o fardo pendurado no pescoço da humanidade.

Possuir, desfrutar e competir com outros homens pela supremacia tem sido a tônica do ser humano comum – homem contra homem, proprietário contra proprietário, empresa contra empresa, organização contra organização, partido contra partido, nação contra nação, trabalho contra capital – de maneira que hoje se reconhece que o problema da paz e da felicidade está relacionado essencialmente com os recursos do mundo e com a propriedade desses recursos.

As palavras dominantes em nossos jornais, nos rádios e em todos os nossos debates baseiam-se na estrutura financeira da economia humana: juros bancários, salários, empréstimos e arrendamentos, dívidas nacionais, indenizações, cartéis e trustes, finanças, impostos – são estas as palavras que controlam o nosso planejamento, despertam nossas invejas, alimentam nossos ódios ou nossa antipatia contra outras nações e nos colocam um contra o outro. O amor pelo dinheiro é a raiz de todo mal.

Há, porém, grande número de pessoas cujas vidas não são dominadas pelo amor ao dinheiro e que normalmente podem pensar em termos de valores mais elevados. São a esperança do futuro, mas em nível individual estão aprisionadas no sistema que, espiritualmente, deve ter fim. Embora não amem o dinheiro, precisam dele e devem tê-lo; os tentáculos do mundo dos negócios as circundam; também devem trabalhar e ganhar os meios para viver; o trabalho que procuram realizar para ajudar a humanidade não pode ser feito sem os fundos necessários; as igrejas são materialistas em seu modo de trabalhar e – depois de tratar do aspecto organizacional do seu trabalho – pouco resta para o trabalho do Cristo e o simples viver espiritual. A tarefa diante dos homens e mulheres de boa vontade em todos os países hoje parece muito pesada e os problemas a resolver quase insolúveis. Homens e mulheres de boa vontade estão se perguntando agora: É possível acabar com o conflito entre o capital e o trabalho e assim renascer um novo mundo? As condições de vida podem mudar de modo tão radical que as corretas relações humanas sejam estabelecidas de maneira permanente?

Estas relações podem ser estabelecidas, e pelas seguintes razões:

1. A humanidade sofreu tão terrivelmente durante os últimos duzentos anos, que é possível impulsionar as mudanças necessárias, desde que sejam dados os passos corretos antes que a dor e a agonia sejam esquecidos e seus efeitos desapareçam da consciência do homem. Estes passos devem ser dados de

imediatamente, enquanto as patentes evidências dos sistemas perversos do passado ainda estão presentes e as consequências da guerra estão ante nossos olhos.

2. A liberação da energia do átomo é definitivamente a inauguração da Nova Era; mudará tão completamente o nosso estilo de vida que muito do planejamento feito até agora será considerado temporário; simplesmente ajudará a humanidade a fazer uma grande transição do sistema materialista tão dominante hoje para outro no qual as corretas relações humanas serão a característica básica. Este novo e melhor estilo de vida se desenvolverá por duas razões principais:

a. As razões puramente espirituais de fraternidade humana, da pacífica iniciativa cooperativa e o princípio em constante desenvolvimento da consciência crística nos corações dos homens. Isto poderia ser considerado como uma razão mística e visionária, mas seus efeitos já estão controlando mais do que se crê.

b. A motivação francamente egoísta da autoconservação. A liberação da energia atômica não apenas colocou nas mãos humanas uma potente força que inevitavelmente introduzirá um estilo de vida novo e melhor, como também uma arma terrível, capaz de fazer desaparecer a família humana da face da Terra.

3. O constante e abnegado trabalho dos homens e mulheres de boa vontade em todos os países. Este trabalho não tem nada de espetacular, mas está solidamente fundado em princípios corretos e é um dos principais agentes para a paz.

Devido a esta descoberta desta energia, tanto o capital como o trabalho estão diante de um problema, e ambos os problemas atingirão um ponto de crise nos próximos quarenta anos.

O dinheiro, o acúmulo de ativos financeiros e o monopólio dos recursos da terra para a exploração organizada logo vão se mostrar totalmente inúteis e vão, desde que estes recursos energéticos e o modo de liberá-los permaneçam nas mãos de representantes escolhidos pelo povo, e não sejam posse secreta de determinados grupos de homens poderosos ou de uma nação qualquer. A energia atômica pertence à humanidade como um todo. A responsabilidade do controle deve ficar nas mãos dos homens de boa vontade. Eles devem controlar seu destino e disponibilizá-lo em linhas construtivas para uso dos homens em todas as partes. Nenhuma nação deveria ser dona da fórmula ou do segredo para a liberação da energia. Não obstante, até que a humanidade tenha avançado em seu entendimento sobre as corretas relações humanas, um grupo internacional de homens de boa vontade – dignos de confiança e escolhidos pelo povo – deveria resguardar este poder.

Se esta energia for aplicada em canais construtivos e mantida em segurança pelos homens certos, o sistema capitalista está condenado a desaparecer. O maior problema do trabalho será então o desemprego – palavra temida, que logo deixará de ter significado na era de ouro que vem pela frente. As massas então enfrentarão o problema do lazer. É um problema que, quando enfrentado e solucionado, liberará a energia criativa do homem para canais até hoje ainda não sonhados.

A liberação da energia atômica é a primeira de muitas grandes liberações em todos os reinos da natureza; a grande liberação que a humanidade tem por diante trará à expressão os poderes criativos da massa, potencialidades espirituais e desenvolvimentos psíquicos que provarão e demonstrarão a divindade e a imortalidade do homem.

Todo isto levará tempo. O fator tempo deve reger, como nunca antes, as atividades dos homens de boa vontade e o trabalho daqueles cuja tarefa é educar não só as crianças e a juventude do mundo, como também formar a humanidade na fundamental empresa de corretas relações humanas e nas

possibilidades imediatamente por diante. A nota a emitir e a palavra a enfatizar é humanidade. Apenas um conceito dominante pode hoje salvar o mundo da iminente e mortal luta econômica, impedir a ascensão dos antigos sistemas materialistas do passado, deter o ressurgimento das antigas ideias e conceitos e pôr fim no sutil controle por parte dos interesses financeiros e do violento descontentamento das massas. É preciso fomentar a crença na unidade humana. Esta unidade deve ser captada como algo digno pelo qual lutar e morrer; deve constituir o novo fundamento de toda nossa reorganização política, religiosa e social e deve prover o tema para todos os nossos sistemas educacionais. Unidade humana, compreensão humana, relações humanas, equidade humana e a unidade essencial de todos os homens – são estes os únicos conceitos sobre os quais construir o novo mundo, através dos quais abolir a competitividade e pôr fim à exploração de uma classe por outra e a até agora injusta posse da riqueza da terra. Enquanto houver muito ricos e muito pobres, os homens estarão abaixo de seu elevado destino.

O Reino de Deus pode aparecer na Terra, e em um futuro imediato, mas os membros deste reino não reconhecem nem ricos nem pobres, superiores nem inferiores, capital nem trabalho, apenas os filhos do Pai Uno, e o fato – natural, ainda que espiritual – de que todos os homens são irmãos. Nisto reside a solução do problema que estamos tratando. A Hierarquia espiritual do nosso planeta não reconhece grupo de capital nem de trabalho; reconhece unicamente homens e irmãos. Portanto, a solução é educação e ainda mais educação e a adaptação das reconhecidas tendências dos tempos à visão percebida pelas pessoas de mente espiritual e por aqueles que amam seus semelhantes.

Capítulo IV

O Problema das Minorias Raciais

O problema racial está muito obscurecido pela retrospectiva e apresentação históricas, muito das quais sendo inconsistentes e falsas; também está obscurecido pelos antigos ódios e rivalidades nacionais. Eles são inerentes à natureza humana, mas são alimentados e fomentados por políticos preconceituosos e pessoas animadas por intenções ocultas e egoístas. Novas ambições, que despertam rapidamente, também fomentam a dificuldade; ambições corretas e lúcidas, em especial no caso dos negros. Estas ambições, porém, estão sendo exploradas e distorcidas por interesses políticos egoístas e mecanismos desestabilizadores. Há outros fatores que condicionam o problema racial, como a penúria econômica sob a qual tantos trabalham hoje em dia, o controle imperialista de certas nações, a falta de habilitação acadêmica, ou uma civilização tão antiga que já está dando sinais de degeneração. Esses fatores e muitos outros estão presentes em toda parte, condicionando o pensamento humano, enganando os muitos que são afetados pelo problema e prejudicando enormemente os esforços dos que estão procurando fomentar uma ação correta e desenvolver uma atitude mais equilibrada e construtiva entre estas minorias. As minorias, junto com o restante do gênero humano, estão sujeitas às infalíveis forças da evolução e (consciente ou inconscientemente) estão lutando por uma existência mais elevada e melhor, por condições de vida mais saudáveis, por maior liberdade individual e racial e um nível de corretas relações humanas muito mais expressivo.

A sensibilidade destas minorias, a condição incendiária de sua imediata e explícita ambição e a violência e o preconceito dos que falam e lutam por elas, impedem que a maioria aborde o problema com a calma, a fria avaliação e o reconhecimento da relação com toda a humanidade que o problema fundamentalmente requer. Os defeitos raciais são mais amplamente reconhecidos do que as virtudes raciais; as qualidades raciais se encontram em conflito com as características nacionais ou as tendências mundiais, e tudo isso tende a aumentar as dificuldades. Os esforços dos cidadãos bem-intencionados (e são muitos) e os planos dos humanitários convictos para ajudar estas minorias muitas vezes se baseiam unicamente em um bom coração, em princípios cristãos e no sentido de justiça; estas excelentes

qualidades, porém, são muitas vezes conduzidas com uma profunda ignorância dos fatos verdadeiros, dos valores históricos e das diversas relações envolvidas. São também impulsionados por um fanatismo aguerrido que beira o ódio pela maioria, a qual (como o aguerrido protagonista a vê) é responsável pelas cruéis injustiças sob as quais caminha a minoria racial. Também deixa de reconhecer que a própria minoria não está livre de defeitos e, em certa medida, também é responsável por algumas das dificuldades. Os defeitos e as dificuldades raciais são, em geral, francamente ignorados pela própria minoria e seus simpatizantes.

Os defeitos raciais podem resultar inteiramente do grau de evolução alcançado, das condições injustas no ambiente e de um certo tipo de temperamento, como no caso da minoria negra nos Estados Unidos de América, que não se considera basicamente responsável pela dificuldade; ou a responsabilidade da minoria combativa pode ser muito maior do que está disposta a admitir, como no caso da minoria judia no mundo, povo antigo e civilizado com uma completa cultura própria, além de determinadas características inerentes que podem explicar grande parte de seu problema. Mais uma vez, a dificuldade é largamente histórica e baseada em certas incompatibilidades essenciais, como as que podem existir entre um povo conquistado e o conquistador, entre um grupo militante e um grupo negativo, pacifista. Estas incompatibilidades podem existir hoje entre as populações muçulmanas e hinduístas da Índia – problema muito antigo que os ingleses herdaram. A todos estes fatores que contribuem para o problema das minorias é preciso acrescentar as tendências separatistas que os diferentes sistemas religiosos fomentaram e que hoje, deliberadamente, continuam fomentando. A estreiteza dos credos religiosos é uma potente causa coadjuvante.

Logo no início do nosso debate, seria prudente lembrar que todo o problema que estamos considerando pode remontar ao considerável defeito humano, o grande pecado ou heresia da separatividade. Sem dúvida, não há pecado maior do que este; ele é responsável por toda a gama do mal humano. Coloca uma pessoa contra o irmão; faz cada um considerar os próprios interesses egoístas e pessoais como de suprema importância; inevitavelmente, leva ao crime e à crueldade; é o maior obstáculo para a felicidade no mundo, pois põe um homem contra outro, um grupo contra outro, uma classe contra outra e uma nação contra outra. Engendra um sentido de superioridade destrutivo e conduz à pernicioso doutrina de nações e raças superiores e inferiores; produz egoísmo econômico e leva à exploração econômica de seres humanos, às barreiras comerciais, à condição de ter ou não ter, à posse de território e aos extremos de pobreza e riqueza; exalta, como muito importante, a conquista material, as fronteiras e a perigosa doutrina da soberania nacional e suas diversas implicações egoístas; nutre a desconfiança entre os povos e ódio em todo o mundo e, desde o início dos tempos, levou a guerras cruéis e destrutivas. Nos dias atuais, levou toda a população planetária à desesperadora e atroz condição presente, de maneira que os homens, em todas as partes, estão começando a entender que a menos que haja uma mudança fundamental, o gênero humano está praticamente destruído. Mas, quem vai idear a mudança necessária e onde está a liderança que a viabilizará? É um estado de coisas que a própria humanidade deve enfrentar na totalidade e, reajustando e enfrentando esta expressão básica da iniquidade universal, a humanidade pode produzir a mudança necessária e lhe é oferecida uma nova oportunidade para a ação correta, que leva a corretas relações humanas.

Do ângulo do nosso tema, o problema das minorias, este sentido de separatividade (com seus inúmeros efeitos de longo alcance) divide-se em duas grandes categorias; estão tão estreitamente relacionadas que é quase impossível considerá-las em separado.

Primeiro, o espírito de nacionalismo com seu senso de soberania e desejos e aspirações egoístas. Em seu pior aspecto, coloca uma nação contra a outra, fomenta um senso de superioridade nacional e leva os cidadãos de uma nação a considerar a si mesmos e suas instituições como superiores em relação a qualquer outra nação; cultiva o orgulho de raça, de história, de posses e de progresso cultural e alimenta

a arrogância, a vanglória e o desdém por outras civilizações e culturas, o que é mau e aviltante; engendra também a inclinação a sacrificar os interesses de outros aos próprios e a um fracasso básico em admitir que “Deus fez todos os homens iguais”. Este tipo de nacionalismo é universal, encontra-se em todas as partes e nenhuma nação está livre dele; indica cegueira, crueldade e falta de proporção, pelas quais o gênero humano já está pagando um terrível preço e, se persistir nelas, levarão a humanidade à ruína.

É desnecessário dizer que há um nacionalismo ideal, que é o oposto de tudo isto; mas que até agora só existe nas mentes de uns poucos iluminados em cada nação e ainda não é um aspecto efetivo e construtivo de nenhuma nação em nenhum lugar; continua sendo um sonho, uma esperança e, queremos crer, uma intenção fixa. Este tipo de nacionalismo fomenta corretamente sua civilização individual, mas como contribuição nacional ao bem geral do concerto das nações e não como um meio de autoglorificação; defende sua constituição, suas terras e seu povo através da retidão de sua expressão viva, a beleza de seu modo de vida e o altruísmo de suas atitudes; não infringe, por razão alguma, os direitos de outros povos ou nações. Visa melhorar e aperfeiçoar seu próprio modo de vida para que todo o mundo possa se beneficiar. É um organismo vivo, vivificante, espiritual, e não uma organização egoísta, material.

Segundo, há o problema das minorias raciais. Elas representam um problema devido à sua relação com as nações dentro das quais, ou entre as quais, elas próprias se encontram. Em grande parte é o problema da relação do mais fraco com o mais forte, dos poucos com os muitos, dos subdesenvolvidos com os desenvolvidos, ou de uma crença religiosa com outra mais poderosa e controladora; está estreitamente vinculado com o problema do nacionalismo, da cor, do processo histórico e do propósito futuro. É um problema grande e muito sério em todas as partes do mundo de hoje.

Ao considerarmos este problema crucial (do qual tanto depende a paz futura do mundo) devemos fazer um esforço para manter a nossa atitude mental e nacional em segundo plano e ver o problema imediato à luz da declaração bíblica de que há “um só Deus e Pai de todos, que está acima de tudo, através de tudo e em todos nós”. Consideremos esta premissa como uma declaração científica e não como uma esperança religiosa e devota. Deus nos fez a todos do mesmo sangue, e esse Deus – sob qualquer nome ou aspecto, transcendente ou imanente, considerado como energia ou como inteligência, seja denominado Deus, Brahma, o Abstrato ou o Absoluto – é reconhecido universalmente. Por outro lado, sob a grande Lei da Evolução e do processo de criação, os homens estão sujeitos às mesmas reações em relação ao ambiente, à mesma dor, às mesmas alegrias, às mesmas ansiedades, aos mesmos apetites e aos mesmos impulsos pela melhoria, à mesma aspiração mística, às mesmas tendências e desejos pecaminosos, ao mesmo egoísmo e à mesma maravilhosa aptidão para a heroica expressão divina, ao mesmo amor e beleza, ao mesmo orgulho inato, ao mesmo sentido de divindade e aos mesmos esforços fundamentais. Sob o grande processo evolutivo, homens e raças diferem em desenvolvimento mental, vigor físico, possibilidades criadoras, compreensão, percepção humana e lugar na escala da civilização; entretanto, isto é temporário, pois as mesmas potencialidades existem em todos nós, sem exceção, e finalmente se manifestarão. Estas diferenças, que no passado tanto separaram povos e raças, vão desaparecendo rapidamente com a difusão da educação, com as descobertas unificadoras da ciência, que nos aproximam tão estreitamente, e com o poder de pensar, ler e planejar.

Toda evolução é de natureza cíclica; nações e raças atravessam os mesmos ciclos de infância, crescimento, juventude, maturidade, declínio e desaparecimento, como todo ser humano. Mas, por trás destes ciclos, o triunfante espírito do homem avança de um ponto alto para outro, de uma conquista para outra e para uma meta suprema que nenhum homem entrevê ainda, mas que para nós se resume na possibilidade de ser no mundo como foi o Cristo; é esta a esperança que nos oferecem o Novo Testamento e todos os Filhos de Deus ao longo das eras, em todas as terras e todas as crenças religiosas.

Ao considerar nosso tema, precisamos agora fazer duas coisas: primeiro, conceituar o que faz um povo, uma raça ou uma nação ser uma minoria e, segundo, ponderar em que linhas pode haver uma solução. O mundo hoje está repleto de minorias que clamam e – correta ou erroneamente – fazem reivindicações à maioria. Algumas destas maiorias estão sinceramente interessadas em que se faça justiça às minorias que lutam e rogam; outras as usam como “tópicos de discussão” para fins próprios ou estão defendendo a causa das nações pequenas e fracas, não por razões humanitárias, mas por poder político.

As Minorias

Há minorias nacionais e internacionais. Na situação internacional há maiorias poderosas – os Três Grandes, os Quatro Grandes, os Cinco Grandes e inúmeras nações menores pedindo igualdade de direitos, de voto e de posição; estas nações menores temem as nações mais poderosas e sua capacidade de impor sua vontade. Temem ser exploradas por alguma nação poderosa ou conjunto de nações, desconfiam dos favores e auxílios, em razão de uma futura cobrança de dívida e da impossibilidade de impor sua vontade ou expressar seus desejos devido à debilidade militar e impotência política. Portanto, há no mundo hoje nações grandes e influentes, como a URSS, a Comunidade Britânica de Nações e os Estados Unidos da América; há também potências que foram poderosas, mas perderam todo direito de reconhecimento, como as Nações do Eixo; há outras potências, como a França e a Espanha, que são de influência secundária, mas que se ressentem muito disso e, finalmente, muitas nações pequenas, cada uma com sua própria vida, civilização e cultura individual. Todas elas, sem exceção, se caracterizam por um espírito nacionalista, pela determinação de manter o que é ou foi seu a todo custo, todas dotadas de um passado histórico e uma tradição local que condicionam seu pensamento; todas têm sua própria cultura desenvolvida ou em desenvolvimento e todas estão unidas pelo que chamamos de civilização moderna; trata-se, no presente, de uma civilização fundada no materialismo e que, inequivocamente, não conseguiu inculcar nos homens um verdadeiro senso de valores – valores que, por si só, podem unir a humanidade e pôr fim à grande heresia da separatividade.

Todas estas nações, grandes e pequenas, sofreram cruelmente durante os anos de guerra (1914-1945) e estão fadadas a sofrer ainda mais nos próximos anos de ajuste. Algumas sofreram mais do que outras e têm a oportunidade de demonstrar a purificação resultante, se assim desejarem. Outras escolheram um caminho fácil durante a guerra e se abstiveram de tomar partido, perdendo assim uma grande oportunidade espiritual, baseada no princípio de partilha; terão de aprender as lições da dor de outras maneiras e mais lentamente; as nações no hemisfério ocidental não sofreram de maneira aguda, pois seus territórios foram poupados e suas populações civis viveram com conforto, bem-estar e abundância; elas também perderam algo e também terão de aprender de outras maneiras a grande lição humana de identificação e não separatividade.

Nações grandes e pequenas enfrentam hoje um novo mundo; nações grandes e pequenas perderam a fé nos antigos mecanismos, e poucas realmente desejam ver restaurados os antigos modos de vida; todas as nações, grandes e pequenas, estão lutando diplomática, política e economicamente por obter tudo que puderem para si; a desconfiança e a crítica estão generalizadas; não há um verdadeiro sentido de segurança, em especial entre as minorias. Algumas das grandes nações, com uma sólida compreensão de que não haverá paz no mundo, a não ser que haja justiça para todos, estão lutando para criar uma organização que dará lugar e oportunidade a todas as nações, mas seus esforços se baseiam em grande parte em um bom senso egoísta; fundamentam-se também no conhecimento de que a segurança material e a suficiência de suprimentos devem resultar de um compromisso entre o que foi e a – ainda – impossível visão do idealista. Seus objetivos, porém, ainda são materiais, físicos e tangíveis e apresentados idealisticamente, mas com motivações egoístas. No entanto, é um grande passo à frente. O ideal é universalmente reconhecido, embora ainda seja um sonho.

Ao analisarmos o panorama mundial de hoje, devemos vê-lo em seus verdadeiros matizes e compreender que se forem empreendidas as melhores iniciativas possíveis, espirituais e materiais, para a menor e menos importante das minorias, isso criaria uma situação que reverteria totalmente a política mundial e inauguraria uma era civilizada totalmente nova e uma cultura mais iluminada. Porém, não é provável que aconteça; os interesses egoístas estão tão estreitamente entrelaçados, que a aplicação de um sistema de perfeita justiça e equidade em qualquer caso dado, perturbaria os grandes interesses materiais, infringiria os pretensos direitos de nações poderosas, invadiria fronteiras estabelecidas e indignariam grupos poderosos, até mesmo nos países mais distantes.

Hoje – em escala internacional – a luta das minorias prossegue; a Rússia está estendendo sua influência em muitas direções; os Estados Unidos da América estão procurando manter a posição de supremo controle na América do Sul e no Extremo Oriente, comercial e politicamente, e vem ganhando nesses países (correta ou incorretamente) o nome de imperialista; a Grã-Bretanha está se esforçando para proteger sua “linha vital” para o Oriente por meio de jogadas políticas no Oriente Próximo; a França está tentando recuperar seu poder perdido, obstruindo o trabalho da ONU e defendendo a causa das pequenas nações europeias. À medida que as grandes potências fazem política e se articulam por lugar e posição, as massas em todos os países – grandes e pequenos – estão cheias de medo e interrogações; estão exauridas pela guerra, cansadas de viver em insegurança, desnutridas e assustadas quando olham para o futuro, cansadas até a alma de lutas e disputas, fartas da tirania dos trabalhadores em greve e só desejam viver a salvo, ter as necessidades da existência atendidas, criar os filhos dentro de certa medida de cultura civilizada e viver em um país onde haja uma economia sadia, uma religião ativa e um sistema educacional adequado.

Em todos os países, o grande pecado da separatividade está de novo levantando a sua horrível cabeça; as minorias são muitas e sofrem maltratos; há divisões por todo lado; os partidos clamam por atenção e adeptos; os grupos religiosos estão espalhando dissensões e procurando ganhar filiações à custa de outros grupos; os ricos estão se organizando, a fim de controlar novamente as finanças do mundo; os pobres estão lutando por seus direitos e melhores condições de vida; a tirania da política egoísta permeia tanto o capital como o trabalho.

Eis um quadro verdadeiro e trágico. Felizmente, não é o único. Há outro; um estudo deste outro quadro nos trará um renovado otimismo e a uma fé constante no planejamento divino e na beleza do ser humano. Em toda nação há aqueles que têm uma visão melhor de um mundo melhor, que estão pensando, falando e planejando *em termos de humanidade* e que compreendem que aqueles que compõem os diversos grupos – políticos, religiosos, da educação e do trabalho – são homens e mulheres e, em essência, embora inconscientemente, irmãos. Veem o mundo na totalidade e estão trabalhando para a inevitável unificação; reconhecem os problemas das nações, grandes e pequenas, e a difícil situação em que se encontram hoje as minorias; sabem que o uso da força produz resultados que não são realmente eficazes (pois o custo é muito alto) e em geral são transitórios. Compreendem que a única esperança real é uma opinião pública iluminada e que isto deve resultar de sólidos métodos educacionais e da propaganda justa e certa.

Ficará evidente para vocês que não será possível me ocupar da história de todas as minorias no campo internacional e tratar, por exemplo, da luta das pequenas nações por reconhecimento e pelo que consideram (correta ou incorretamente) seus direitos justos. A história das pequenas nações levaria anos para ser escrita e anos para ser lida e, afinal, seria exatamente a história da humanidade. Tudo o que podemos fazer é reconhecer que têm um caso a ser apresentado e um problema a ser solucionado, mas que a justiça e a equidade, a plena oportunidade e a participação equitativa dos recursos econômicos do mundo só serão possíveis quando certos princípios amplos e gerais forem impostos pelo peso da opinião pública.

Os problemas de duas minorias estão atraindo muita atenção pública. Se puderem ser solucionados, um passo formidável terá sido dado para o entendimento mundial. São eles:

1. O Problema dos Judeus. Os judeus constituem uma minoria internacional de grandes tendências empreendedoras, são extremamente articulados, e também compõem uma minoria praticamente em todas as nações do mundo. Seu problema, portanto, é ímpar.
2. O Problema dos Negros. Trata-se de outro problema ímpar, pois os negros são maioria no grande continente africano (até agora não desenvolvido) e, ao mesmo tempo, são minoria nos Estados Unidos da América e um problema que está atraindo grande atenção. Este problema é único no sentido de que é essencialmente um problema dos brancos, que eles mesmos devem solucionar, porque o produziram e o perpetuaram.

Se pudermos ter alguma ideia do significado destes três problemas, material e espiritualmente, obtendo uma certa percepção das responsabilidades envolvidas, seria muito útil. No caso dos judeus, o pecado da separatividade é profundamente inato à própria raça, assim como naqueles entre os quais vivem, mas os judeus são em grande parte responsáveis pela perpetuação da separação; no caso dos negros, o instinto separatista provém dos brancos; os negros estão lutando para pôr um fim nisso e, portanto, as forças espirituais do mundo estão do lado deles.

1. O Problema dos Judeus

Este problema é tão antigo e tão bem conhecido que é difícil dizer alguma coisa sobre ele que não seja uma trivialidade ou não indique uma parcialidade de algum tipo (do ponto de vista do leitor) e, acima de tudo, que não desperte no leitor judeu uma reação indesejável. Porém, há pouca utilidade em dizer o que será aceitável, ou com que estejam de acordo todos os pontos de vista ou que reitere tudo que foi dito até agora. Há coisas a dizer que não são tão conhecidas e que raramente foram ditas, ou foram ditas com espírito de crítica ou de antissemitismo em vez de um espírito de amor, como é a intenção aqui.

Examinemos brevemente a situação dos judeus, antes do amargo e imperdoável ataque de Hitler contra eles e antes da guerra de 1939-1945. Eles se encontravam em todos os países e reivindicavam cidadania em referidos países; dentro da nação de nascimento, preservavam intata a própria identidade racial, o próprio e peculiar estilo de vida, sua própria religião nacional (o que é privilégio de todos) e uma estreita adesão aos de sua própria raça. Outros grupos fizeram isso, mas em grau muito menor e a certa altura foram absorvidos e assimilados pelo país de sua cidadania. Os judeus sempre constituíram uma nação dentro de uma nação, embora isto tenha sido menos marcante na Grã-Bretanha, Holanda, França e Itália e, portanto, em nenhum destes países houve um forte sentimento antissemita.

Em todos os países e ao longo das eras, os judeus se dedicaram ao comércio e trabalharam com dinheiro; são estritamente comerciantes e urbanos e mostraram pouco interesse pela agricultura, exceto ultimamente no âmbito do Movimento Sionista na Palestina. Às suas tendências extremamente materialistas, incorporam um grande senso do belo e um tal conceito artístico que muito engrandeceram o mundo da arte; foram sempre os patronos do belo e também estiveram entre os grandes filantropos do mundo, e isto apesar de seus indesejáveis e astutos métodos comerciais, pelos quais são tidos com antipatia e desconfiança no mundo dos negócios. São e continuam sendo um povo essencialmente oriental – o que o ocidental tende a esquecer; se lembrasse disso, compreenderia que a abordagem oriental à verdade e à honestidade e ao uso e posse do dinheiro é muito diferente do que ocorre no Ocidente, e neste ponto se encontra uma parte da dificuldade. Não é tanto uma questão de correto ou incorreto, mas de diferentes normas e atitudes raciais inerentes, que compartilham com todo o Oriente.

O judeu moderno também é produto de muitos, muitos séculos de perseguição e migrações; vagou de país em país e de cidade em cidade, e no curso destas andanças inevitavelmente desenvolveu certos hábitos de vida e pensamento que, repetindo, o ocidental não consegue reconhecer e não tolera; por exemplo, os judeus são produto de séculos vivendo em tendas, daí o efeito de desmazelo que exercem em qualquer comunidade em que vivam e que o ocidental, mais organizado (morador da caverna) não consegue reconhecer. São também produto da necessidade, ao longo dos séculos, de prosperar junto aos povos entre os quais circulam, de arrebatá-la oportunidade apresentada para tomar o que querem, de procurar que seus filhos tenham o melhor de tudo que há, não importa o que custe aos outros, de se aferrar ao próprio povo em meio às diferentes raças entre as quais o destino os situou e de manter intatos, na medida do possível, a religião nacional, os tabus nacionais e as antigas características históricas. Isto foi essencial para sua existência em meios às perseguições; para eles foi inevitável preservar estes fatores em suas antigas formas, na medida do possível, para demonstrar aos outros hebreus em novas terras e cidades que eles eram judeus, tal como alegavam. É isto que faz deles a raça mais reacionária e conservadora do mundo.

As características raciais se tornaram cada vez mais pronunciadas, devido ao inevitável casamento endogâmico nos séculos passados e a ênfase que o judeu ortodoxo, no passado, dedicava à pureza racial. O judeu jovem e moderno não enfatiza isto e de maneira geral não faz objeção ao casamento inter-racial com os gentios, mas trata-se de um desenvolvimento recente, que não é aprovado pela geração mais velha. Em muitos casos, o gentio também rejeita.

O judeu é um bom cidadão, cumpridor da lei, de modos amáveis e decorosos, ansioso por desempenhar o seu papel na vida da comunidade e disposto a ajudar com seu dinheiro quando solicitado, mas se mantém distante. A tendência ao gueto, como se poderia dizer, está se espalhando por toda parte, como se vê, em especial nas grandes cidades, nos diferentes países. Ao longo das eras, os judeus, como medida de proteção e para a felicidade comum, tenderam a se agrupar e a se procurar entre si, e os gentios, entre os quais se encontravam, fomentaram esta tendência e assim os hábitos de associação se formaram, os quais ainda controlam. Somado a isto, e devido à ação separatista do mundo gentio, em muitos países começaram a aparecer áreas e cidades restritas, nas quais não era permitido que nenhum judeu residisse nem comprasse imóvel ou se estabelecesse. Devido à aptidão do judeu de prosperar e de viver dentro de uma nação, beneficiando-se dos seus costumes, cultura e civilização, mas conservando uma identidade separada e não se tornando parte real da vida nacional, o judeu sempre esteve sujeito à perseguição; como raça, ele não é querido em nenhum lugar e as pessoas estão sempre em guarda contra ele e seus métodos.

Esta formulação geral é muitas vezes falsa no que diz respeito ao judeu individual. Em toda nação e localidade há judeus muito queridos por todos que os conhecem, sejam judeus ou gentios, que são respeitados por todos que os rodeiam, que são procurados e estimados. Pertencem à grande aristocracia espiritual da humanidade, e embora atuem em corpos judeus e comportem nomes judeus, unem forças com homens e mulheres oriundos de todas as nações que pertencem à humanidade e que transcenderam as características nacionais e raciais. Estes homens e mulheres, cujo número aumenta a cada dia são, como grupo, a esperança da humanidade, a garantia do mundo novo e melhor que todos esperamos. Em uma ampla generalização sobre qualquer raça ou nação, o indivíduo necessariamente é preterido, mas a caracterização sobre a raça ou nação como um todo é correta, verdadeira e passível de comprovação.

Talvez o principal fator que fez o judeu se tornar separatista e cultivou nele o complexo de superioridade que o caracteriza (sob a aparência externa de inferioridade) tenha sido a crença religiosa. É uma das crenças mais antigas do mundo; precede o budismo em vários séculos, é mais antiga que muitas das crenças hindus e muito mais antiga que o cristianismo, e contém características que decididamente

fizeram do judeu o que é. É uma religião de tabus, cuidadosamente arquitetada para proteger o judeu errante, à medida que vagava de uma comunidade para outra; trata-se de uma religião com uma base claramente material, enfatizando a “terra onde há leite e mel com fartura”; isso não era simbólico naqueles dias, e sim o objetivo de suas viagens. O tom da religião é separatista; Deus é o Deus dos judeus; os judeus são o povo escolhido por Deus; devem ser preservados em pureza física e seu bem-estar é de grande importância para Jeová; têm um destino messiânico e Jeová tem ciúme de seus contatos e interesses por outro povo ou outro Deus. Como povo, obedeceu a estes requisitos divinos, daí sua situação no mundo moderno.

Sua apresentação religiosa carece da palavra “amor”, no que diz respeito à relação com outros povos, embora ensine o amor a Jeová com as devidas ameaças; o conceito de vida futura, dependente da conduta e do comportamento em relação aos demais e da correta ação no mundo dos homens, é praticamente inexistente no Antigo Testamento, e em nenhuma parte ressalta a imortalidade; a salvação aparentemente depende da observância de inúmeras leis e regras físicas, relacionadas à limpeza física; chegam ao ponto de estabelecer estas regras em seus estabelecimentos comerciais – em um mundo moderno, no qual se aplicam métodos científicos para a pureza dos alimentos. Estes e outros fatores de menor importância mantêm o judeu separado e ele os cumpre, não importa o quanto sejam obsoletos ou inconvenientes para os outros.

Estes fatores demonstram a complexidade do problema do ângulo judaico e sua natureza irritante e conflitante para o gentio, o que o judeu raramente ou nunca reconhece. O gentio hoje nem se lembra nem se importa de que os judeus contribuíram decisivamente para levar o Cristo à morte (segundo o Novo Testamento); inclinam-se mais a lembrar que o Cristo era judeu e a se perguntar por que o judeu não foi o primeiro a aclamá-Lo e a amá-Lo. Lembra-se muito mais dos métodos comerciais incisivamente judaicos, do fato de que o judeu, se ortodoxo, considera o alimento do gentio impuro para ele, e que o judeu considera a cidadania como secundária em relação às suas obrigações raciais. Considera o judeu como seguidor de uma religião obsoleta; antipatiza com o cruel e ciumento Jeová dos judeus e considera o Antigo Testamento como a história de um povo muito cruel e agressivo – com exceção dos Salmos de David, que todos os homens amam.

São pontos para os quais o judeu parece não atentar nunca e que, no entanto, em conjunto, o colocaram à parte do mundo no qual quer viver e ser feliz e no qual ele é vítima de uma herança que, com vantagens, poderia ser modernizada. Em parte alguma o surgimento de uma nova religião no mundo é tão necessário como no caso do judeu no mundo moderno.

No entanto, Deus fez todos os homens iguais; o judeu é um homem e um irmão e tem todos os direitos do gentio, de maneira inalienável e intrínseca. O gentio se esqueceu disso e grande é sua responsabilidade pelas transgressões e ações cruéis. Durante séculos, o gentio não quis seu irmão judeu, que foi perseguido de um lado para outro; constante e incessantemente foi obrigado a seguir caminho ou se mudar – através do deserto do Egito para a Terra Santa, dali (séculos depois) para o vale da Mesopotâmia e, desde então, em uma série constante de migrações, com grandes correntes de judeus errantes se deslocando incessantemente para norte, sul e oeste e um pequeno fluxo para leste; foram expulsos de cidades e países durante a Idade Média, seguindo-se um período de relativa calma e, novamente, os judeus foram desalojados e se movimentam pela Europa, desabrigados, vagando de um lado para outro (junto com milhares de pessoas de outras nacionalidades), desamparados, nas mãos de um cruel destino, ou nem tão desamparados, mas organizados por certos grupos políticos para fins internacionais e egoístas. Nos países onde praticamente não existiu sentimento antissemita durante décadas, o antagonismo está crescendo; até mesmo na Grã-Bretanha a sua maligna cabeça vem despontando, e nos Estados Unidos da América é uma ameaça crescente. Cabe aos gentios encerrar, de uma vez por todas, o ciclo de

perseguições; cabe ao judeu dar os passos necessários para não despertar a antipatia dos gentios entre os quais vive.

A necessidade atual do judeu é de uma solução para este antigo problema que perturba a paz dos países ao longo dos séculos. A responsabilidade dos não judeus, à luz do conteúdo humanitário, é vital; o registro da perseguição aos judeus é um relato atroz e chocante, só igualado pelo tratamento dispensado pelos judeus aos seus inimigos, conforme descrito no Antigo Testamento. O destino dos judeus na guerra mundial é uma descrição terrível de crueldade, tortura e assassinato em massa, e o tratamento dado aos judeus no transcurso das eras é um dos capítulos mais sombrios da história humana, para o qual não há justificativa nem perdão, e os gentios de todas as partes que pensam corretamente sabem disto e exigem ardorosamente o fim destas perseguições. As forças espirituais do mundo e os líderes espirituais da humanidade (tanto os que trabalham no plano externo como os que guiam do lado interno do véu) estão procurando uma solução.

A solução, porém, só acontecerá quando os próprios judeus procurarem encontrar uma saída e descontinuarem a política atual de exigir que os gentios e cristãos façam tudo, façam todas as concessões, encontrem sozinhos a solução do problema e, sem a ajuda dos judeus, ponham fim à perversa situação. Os judeus expressam estrondosa e continuamente sua exigência de reparação e ajuda; culpam as nações não judias por suas desgraças; jamais reconhecem quaisquer condições de seu próprio lado que poderia justificar parte da antipatia geral com que se defrontam; não fazem nenhuma concessão às civilizações e culturas nas quais se encontram, mas insistem em permanecer à parte; culpam os outros por seu isolamento, mas o fato é que receberam oportunidades iguais como cidadãos em todos os países de mente aberta. Sua contribuição para a solução deste antigo problema é materialista e não mostra discernimento psicológico algum, nem qualquer reconhecimento dos valores espirituais envolvidos; nos dias de hoje, nenhum problema pode ser solucionado inteiramente pelas linhas materiais. A raça humana, como um todo, já transcendeu isso.

O problema dos judeus passa profundamente por toda a questão das corretas relações humanas e só pode ser resolvido com base na inclusividade. Diz respeito à interação entre pessoas de diferentes raças, mas que afirmam a fraternidade na família humana; evoca todo o problema do egoísmo e do altruísmo, da consideração e da justiça, fatores que devem condicionar todas as partes; o judeu tem que reconhecer a sua parcela em provocar a antipatia que o persegue por todo lado; o gentio deve assumir sua responsabilidade pelas intermináveis perseguições e pagar o preço da reparação. O judeu evocou e ainda evoca antipatia, o que é absolutamente desnecessário.

Em resumo, o judeu montou um antigo padrão de vida dentro de outras nações; como cidadão, com todos os direitos de cidadania, ergueu uma muralha de tabus, de hábitos e de observâncias religiosas que o separam do ambiente e impedem a assimilação. Isto deve desaparecer e ele se converter em um cidadão não só de direito como também de fato. Não há outro problema como esse no mundo de hoje – todo um povo de raça, religião, metas, particularidades e cultura características e uma civilização excepcionalmente antiga e muito reacionária, disseminado como minoria em toda nação, apresentando um problema internacional, dotado de grande riqueza e influência, requerendo cidadania em toda nação, mas conservando deliberadamente sua identidade racial, criando dissensão entre as nações e não procurando de maneira alguma pacificar harmoniosamente o seu complexo problema com a devida compreensão psicológica ou consideração pelo ambiente gentio para o qual apela incessantemente, sugerindo apenas soluções materiais e exigências constantes, quase abusivas, para que os gentios assumam toda a culpa e ponham fim às dificuldades.

Ao lado disso, é preciso colocar a longa e triste história da perseguição dos judeus pelos gentios – generalizada na Idade Média (sem ir mais longe), esporádica nos tempos modernos, culminando no cruel

tratamento dado aos judeus durante a guerra mundial; foi, porém, um tratamento não exclusivo a eles, mas infligido também a polacos, gregos e aos indefesos de muitas nações. Parece que os judeus hoje se esquecem desse ponto. Não foram os únicos perseguidos e os judeus constituem apenas 20% das pessoas dispersadas na Europa após a guerra.

Esta mesma história triste da crueldade do gentio também contém o crescente antissemitismo que se observa até nos países que estavam relativamente livres dele; há uma constante discriminação contra o judeu nos círculos comerciais; as áreas restritas estão aumentando em todas as partes; a situação das crianças judias em idade escolar nos Estados Unidos, por exemplo, que são discriminadas, vaiadas e maltratadas, é chocante de se ver. A situação persiste onde nenhum país quer abrir as portas e oferecer asilo aos judeus não desejados. Nenhuma nação quer admiti-los em grande número. As pessoas que pensam corretamente, em todas as nações, estão procurando e continuarão a procurar uma solução, e será achada. Este filho problemático dentro da família de nações é um filho do único Pai e espiritualmente identificado com todos os homens em todas as partes. As pessoas sabem que não há “nem judeu nem gentio”, como São Paulo expressou (ao enfrentar, há dois mil anos, o mesmo triste problema), e homens e mulheres em ambos os grupos demonstraram constantemente e cada vez mais a verdade desta declaração.

Tal é o problema da minoria judia, exposto com uma franqueza que evocará muita crítica, mas dado desta maneira na esperança de que, estando motivados pelo amor, os judeus assumirão as suas próprias responsabilidades, deixarão de pedir aos gentios que resolvam o problema sozinhos, e começarão a cooperar com um sentido pleno de compreensão espiritual, e assim auxiliarão os milhares de gentios que sinceramente querem ajudar. Nunca houve uma época em que o mundo gentio estivesse mais disposto a fazer o que é certo pelo judeu ou mais ansioso por solucionar este problema e compensá-lo de tudo que sofreu. Ambas as partes devem mudar as atitudes internas, mas muito mais por parte dos judeus; há evidências de que estas novas atitudes estão germinando, embora possa levar muito tempo para se encontrar a solução correta. Há judeus dizendo hoje o que está dito aqui.

2. O Problema dos Negros

Este problema é totalmente diferente daquele dos judeus. No caso dos judeus, temos um povo muito antigo, que durante milhares de anos desempenhou seu papel no cenário da história mundial e que desenvolveu uma cultura e se identificou com uma civilização que lhes permitiu ocupar um lugar em igualdade de condições com o que chamamos de povos “civilizados”. No caso dos negros, estamos considerando um povo que (nos últimos duzentos anos) começou a ascender na escala do esforço humano e, neste período, fez um notável progresso, enfrentando grandes dificuldades e muita oposição. Há duzentos anos, os negros estavam todos na África, onde ainda se encontram em incontáveis milhões; há duzentos anos, eram o que o europeu e o americano consideravam “selvagens rústicos”, divididos em inúmeras tribos, vivendo em um estado natural, primitivos, guerreiros, totalmente incultos do ponto de vista moderno, governados por chefes tribais e sob a orientação de deuses tribais, dominados por tabus tribais, com grandes diferenças entre eles – o pigmeu e o guerreiro bechuana pareceriam não ter nenhuma semelhança, com exceção da cor – constantemente lutando entre si e incursionando em seus respectivos territórios.

Durante séculos foram explorados e escravizados, primeiro pelos árabes, em seguida por aqueles que os compravam dos donos de escravos e os levavam à escravidão nos Estados Unidos ou nas Índias Ocidentais¹. Também foram explorados pelas nações europeias que se apossaram de vastos territórios na África e enriqueceram com o produto desses países e da mão de obra dos seus habitantes – os

¹ Antilhas

franceses no Sudão Francês, os belgas no Congo Belga, os holandeses e os britânicos na África do Sul e na Costa Oeste da África, os alemães na África Oriental Alemã e os italianos na África Oriental. É uma deplorável história de crueldade, roubo e exploração por parte da raça branca, embora também tenha havido um bem para a raça negra. A história destas relações ainda não terminou e a menos que seja conduzida no futuro com retidão e justiça poderá terminar em tragédia. Contudo, há muita melhoria na história interna destes territórios, e há muitas razões para otimismo.

O problema dos negros se divide em dois aspectos: o problema do futuro do negro africano e o problema do futuro do negro no hemisfério ocidental.

A África é uma potencialidade e o destino de seus incontáveis milhões de habitantes ainda está na etapa embrionária; a relação de seus verdadeiros habitantes com as raças estrangeiras que procuram dominá-los ainda permanece na esfera da manobra política e da cobiça comercial. Porém, é preciso reconhecer que, apesar dos muitos males concomitantes que sempre vêm na trilha do homem branco explorador, o impacto das raças brancas no “continente negro” trouxe grande desenvolvimento evolutivo e benefícios – educação, assistência médica, o fim das incessantes guerras tribais, saneamento e um sistema religioso mais iluminado, no lugar dos cultos bárbaros e práticas religiosas primitivas. Muito malefício seguiu o explorador, o missionário e o traficante, mas também muito benefício se seguiu aos seus passos, em especial do missionário. O negro é naturalmente religioso e de inclinação mística, e os grandes princípios da fé cristã fazem um apelo definido à sua natureza; os aspectos emocionais da apresentação cristã (com ênfase no amor, na bondade e na vida futura) são compreendidos pelo negro emocionalmente focado. Por trás dos muitos cultos religiosos separatistas dessa terra, emerge um misticismo fundamental e puro, abarcando toda gama de adoração à natureza e um animismo primitivo até um profundo conhecimento oculto e compreensão esotérica que, algum dia, podem fazer da África a sede da forma mais pura de ensinamento e vida ocultistas, mas somente daqui a vários séculos.

Na análise do problema do negro africano, é com uma visão de longo alcance que devemos tratar a constante ascensão ao poder de milhões de pessoas que, até agora, só haviam dado os primeiros passos para a moderna civilização e cultura, mas cujos passos subsequentes são de uma rapidez quase assustadora. Os aspectos indesejáveis da civilização estão presentes, mas os benefícios conferidos os superam, e o negro, apesar de seu natural e compreensível antagonismo, deveria reconhecê-los como uma dívida que tem com as nações brancas agressivas e gananciosas. O contato com elas estimulou sua percepção intelectual; o estilo de vida do branco alçou os negros africanos de seu estado primitivo para um mais moderno; a educação e as modernas formas de pensar e planejar estão rapidamente preparando os negros para ocupar seu lugar em um mundo moderno; a ciência, o transporte e o conhecimento – levados a eles por meio das raças brancas – os conectam estreitamente com o esquema de desenvolvimento da história moderna; o novo mundo, com suas melhores formas de vida, destina-se ao negro e não só ao homem branco.

Porém, além deste necessário reconhecimento da dívida e do esforço para se beneficiar das condições apresentadas e ignorar o que é ruim e indesejável, o problema dos negros, tanto na África como no mundo ocidental é, em grande parte (ou talvez inteiramente) da raça branca, problema que é sua responsabilidade solucionar. Na África, o negro supera em grande número a população branca, que é uma minoria tão pequena que enfrenta uma situação muito difícil, a de viver em meio a uma esmagadora população negra. No Ocidente e na América, a situação se inverte e os negros são uma diminuta minoria, superada em grande número pelos brancos. Na África, o negro é viril e combativo; na América e nas Antilhas, ficou um tanto impotente e psicologicamente exaurido pelos anos de trabalho forçado e escravidão. A escravidão também existe na África, mas de outro tipo, e não produziu exatamente os mesmos resultados como no Ocidente.

O problema que as raças brancas enfrentam agora na África consiste em dar formação aos milhões de negros de tal maneira que fiquem preparados para um real governo próprio. Devem ser ajudados a assumir seu próprio destino; deve ser cultivado neles um senso de responsabilidade instruída; deve ser ensinado a eles a compreender que a África pode pertencer a seu próprio povo e, ao mesmo tempo, ser uma parceira colaboradora na empresa mundial. Isto só pode acontecer quando acabar o antagonismo entre os povos brancos e as raças negras; ambos devem demonstrar boa vontade mútua. As corretas relações humanas devem ser firmemente estabelecidas entre o emergente império negro e o restante do mundo; os novos ideais e as novas tendências mundiais devem ser nutridos na receptiva consciência do negro e, desta forma, a “África mais negra” vai se tornar um centro radiante de luz, pronta para um governo autônomo e para expressar a verdadeira liberdade. Cada vez mais as raças negras renunciarão à reação emocional às circunstâncias e aos eventos e enfrentarão tudo o que acontece com captação mental e percepção intuitiva, o que as igualará e, talvez, as coloque à frente dos muitos que hoje regulam o ambiente e as circunstâncias do negro. Poderíamos expressar as possibilidades como segue: Os negros da África chegarão a controlar seu próprio continente, expulsando violentamente as raças brancas governantes e através de um longo ciclo de guerras entre os diferentes grupos negros que povoam este continente? Ou a questão será acomodada, à medida que transcorram as décadas, mediante uma política compreensiva e perspicaz por parte dos brancos, além de um planejamento de cooperação para o futuro? Isto seria acompanhado da capacidade, por parte das raças negras, de avançar lenta e prudentemente, de evitar derramamento de sangue e rancor, de enxergar através dos desleais meios dos agentes políticos egoístas (que procuram explorá-los) e também demonstrar uma tal extraordinária capacidade de manejar seus próprios assuntos e produzir seus próprios líderes que, natural e automaticamente, sem conflito nem violência, arrebatarão as rédeas do governo nas próprias mãos e, gradualmente, eliminarão o controle dos brancos? As nações brancas, que hoje exploram a África comercialmente, mantendo a posse da terra, renunciarão a seus supostos direitos (com base no fato de que a posse constitui direito real) e os substituirão pelos métodos da Nova Era de corretas relações humanas e cooperação inteligente, a partilha dos recursos, tão ricos e variados nesse maravilhoso continente, e contribuirão com sua capacidade experimentada, suas vantagens comerciais comprovadas e seu conhecimento científico a tudo o que a África tem a oferecer ao mundo de valor e materiais produtivos? As nações europeias e os povos britânicos estão agora adotando um programa que finalmente coloque a África nas mãos de seu próprio povo. Ao mesmo tempo, uma sábia paciência deveria levar os povos africanos a se concentrar nos processos educacionais e nos desenvolvimentos agrícola e econômico. O destino deste grande território se esclarecerá por si mesmo e a África ocupará seu lugar como um grande centro de luz cultural, brilhando em uma terra civilizada.

A menos que ambas as raças, a negra e a branca, abordem o problema de sua relação com bom senso, visão de longo alcance, paciência e sem ódio nem medo, a história cultural do nosso planeta se atrasará em muitos anos. O poder, até agora não utilizado nem organizado, dos incontáveis milhões de africanos é algo que a raça branca deveria considerar cuidadosamente. Ela pode colocar os povos negros, o mais rapidamente possível, em pé de igualdade de oportunidades, de direitos constitucionais e humanos, e ajudá-los a passar pela etapa da adolescência, na qual se encontram agora, para a plena e útil maturidade, em que administrarão seus próprios problemas e território. Este processo está se desenvolvendo agora e a África então ocupará seu lugar (por meio de seus inúmeros grupos nacionais) na grande família de nações e trará para o cenário mundial uma raça com uma notável contribuição a dar em recursos espirituais, valores culturais e possibilidades criadoras.

Os dons inatos dos negros são muito ricos em conteúdo. O negro é criativo, artístico e capaz do desenvolvimento mental mais elevado quando recebe instrução e formação – tão capaz como o homem branco, o que foi comprovado muitas vezes pelos artistas e cientistas que surgiram da raça negra e pelo fato de suas aspirações e ambições. Chegou a hora do homem branco deixar de considerar o negro como

lavrador, operário, carregador, capacitado apenas para tarefas domésticas ou trabalho não qualificado, e lhe conferir o respeito e a oportunidade que lhe são devidos.

O negro da África está emergindo rapidamente e, quando alguns anos mais de instrução, estudo e viagens tiverem exercido seu papel, o problema da África será até mais agudo do que é. Não há por que se tornar perigoso, se a raça branca demonstrar sabedoria, compreensão, pensamento altruísta e disposição de dar completa liberdade às raças negras. A paz futura do mundo depende hoje dos estadistas iluminados e sagazes e de uma apreciação do fato de que Deus fez todos os homens livres.

O problema do negro no hemisfério ocidental é uma história torpe, compromete seriamente o homem branco e suscita um descrédito significativo. Levados para os Estados Unidos e para as Antilhas há mais de dois séculos e forçados à escravidão, os negros jamais tiveram um tratamento justo nem uma verdadeira oportunidade. Nos termos da constituição dos Estados Unidos, todos os homens são livres e iguais; os negros, porém, não são livres nem iguais, em especial nos estados do sul. A situação nas Antilhas é semelhante à dos estados do norte, onde as condições, embora melhores, ainda não apresentam igualdade de oportunidades e há muita discriminação racial. O tratamento dispensado aos negros nos estados do sul é uma mácula para o país; ali a luta é para manter os negros invariavelmente oprimidos, recusar a eles igualdade de educação e de oportunidade, manter seu padrão de vida no nível mais baixo possível e bem abaixo do nível dos brancos, recusar a eles reconhecimento político e, em um país democrático no qual todos os homens têm direito de votar, eles são impedidos de participar deste privilégio constitucional. Nos estados do norte, estas condições não existem na mesma medida, mas os negros são constantemente discriminados, igualdade de oportunidade lhes é negada e têm que lutar por qualquer privilégio. Alguns senadores corruptos e ignorantes afrontam constantemente as boas intenções do povo estadunidense, perpetuando estas condições malévolas e lutando, por todos os meios possíveis, para impedir que mudem; exploram os medos dos seus eleitores e bloqueiam todo movimento que promova uma situação melhor e mais limpa e que esteja em consonância com a constituição. Tais políticos de pouca visão procuram desviar a questão e confundir os eleitores, fazendo-os ver que estão lutando pela liberdade de longínquas e pequenas nações da Europa; ao mesmo tempo, desafiam continuamente a própria constituição ao negar autonomia e liberdade aos negros de seu próprio país. Não há desculpa possível para esta atitude nos dias de hoje. Nas mentes das outras nações iluminadas, continua sendo um mistério a razão do povo de mentalidade ampla dos Estados Unidos – tão ruidoso por sua liberdade pessoal e tão insistente na defesa da Constituição – permitir que esta condição exista e perpetue em cargo público estes homens perversos que promovem uma constante violação aos direitos constitucionais de cidadãos estadunidenses.

A alegação do sul de que os negros, dado o grau de instrução, não estão preparados para votar, é refutada pelo fato de que eles podem e de fato votam nos estados do norte, em muitos casos de maneira tão judiciosa como seus irmãos brancos e, embora seus votos, muitas vezes, possam ser comprados por políticos eleitoreiros, o mesmo acontece com os eleitores brancos; a alegação de que as mulheres brancas devem ser protegidas dos instintos animais dos negros não significa nada, pois elas também precisam de igual proteção contra os instintos animais dos homens brancos, fato que as estatísticas comprovam devidamente; a alegação de que paternalismo é o que os negros necessitam e que somente o sulista sabe como lidar com eles é refutada pelos próprios negros, que não querem nada disso; seu repúdio demonstra um sólido senso de valores e que eles sabem a diferença entre paternalismo (que mantém os negros atrasados, ignorantes e sob o encargo dos brancos) e a liberdade que querem ter igualmente com todos os homens no mundo.

O negro é naturalmente tranquilo, adaptável, amável e desejoso de agradar as pessoas e ser agradado por elas; se hoje tantos negros são arrogantes, vingativos, cheios de ódio e insistem em se afirmar, é porque os brancos os fizeram assim. Os brancos enfrentam uma grave responsabilidade e cabe a eles mudar as

condições. Quando assim fizerem, verão que o negro é tão responsivo ao tratamento bom e justo, às oportunidades iguais e corretas condições de vida como às vezes é, de maneira errada, às más condições educativas, políticas e de vida sob as quais agora trabalha. O que disse aqui se aplica a todo o problema dos negros no hemisfério ocidental.

O negro não pode ser discriminado para todo o sempre; não pode ser solicitado a defender seu país e depois seu país lhe negar os direitos comuns da cidadania. A opinião pública está a favor dos negros e há uma crescente e firme determinação entre os cidadãos brancos do hemisfério ocidental de que lhes sejam deferidos direitos constitucionais, oportunidades comerciais e empresariais iguais, meios educacionais iguais e condições de vida igualmente boas. Cabe ao estadunidense falar com clareza e exigir que sejam conferidos aos negros seus justos direitos. Todo estadunidense branco deveria assumir sua responsabilidade por esta minoria e estudar o problema dos negros; deveria aprender a conhecer o negro pessoalmente como amigo e irmão; deveria saber que está exercendo a sua parte na mudança da atual condição chocante.

Quanto ao tema do casamento inter-racial os pensadores melhores e mais sensatos das raças branca e negra deploram os matrimônios mistos. Não significam felicidade para nenhuma das partes. Ao considerar este tema, porém, é preciso lembrar que o casamento inter-racial entre brancos e amarelos (chineses e japoneses) é igualmente deplorável e – salvo raras exceções – dificilmente é bem-sucedido e nunca é satisfatório no que diz respeito aos filhos de tais uniões. A guerra mundial (1914-1945) produziu uma grande mistura de raças. Onde vão os exércitos, inevitavelmente há promiscuidade e o resultado é uma nova população; o mundo hoje está produzindo e produzirá resultados destas uniões ilícitas (assim chamadas) entre os soldados de todas as nações e os povos dos países onde entram. Os filhos de raça mista, assim como os mestiços e os eurásianos, podem ser a resposta a grande parte do problema. Centenas de milhares de crianças de filiação mista serão parte da população mundial na próxima geração e no ciclo imediato, grupo que deverá ser levado em conta.

A Solução

Ficará óbvio para vocês que encontrar uma solução para o problema das minorias é essencialmente encontrar uma solução para a grande heresia da separatividade. Isto é imensamente difícil, não só devido à tendência da humanidade que a predispõe neste sentido, como porque esta própria natureza humana não pode ser mudada de maneira fácil nem rápida. Por outro lado, tal mudança e a destruição do espírito de separatividade têm que ser suscitados em um mundo de homens que hoje está cheio de desconfiança e medo e mal consciente do que realmente é preciso – capaz apenas de clamar em uníssono: Dai-nos a paz em nossos dias!²

Se por um ato legislativo instantâneo fossem concedidos plenos direitos constitucionais à minoria dos negros, o problema permaneceria inalterado, pois os corações e mentes dos homens não teriam mudado e a solução seria inteiramente superficial; embora os judeus tenham sido atendidos em seu desejo e a Palestina lhes tenha sido cedida, o sentimento antissemita – presente praticamente sem exceção – em toda nação, permanece exatamente o mesmo de antes, além do derramamento de sangue na Palestina.

O problema é mais profundo do que se avalia em geral; é inerente à natureza humana e é produto de incontáveis séculos de promoção do crescimento e do tipo errado de educação das massas. Uma nação ainda se opõe a outra no cenário político, um grupo contra outro e (no interior das nações), um partido contra outro e um homem contra outro. Os sábios e os prudentes e os que estão motivados por um bom senso sadio e altruísta, os idealistas e os homens e mulheres de boa vontade se encontram em todas as

² N. do T.: Give us peace in our time! - extraído do Livro de Oração Comum – Book of Common Prayer – livro de preces da Igreja da Inglaterra.

partes e se empenham para encontrar uma solução, construir uma nova estrutura mundial de lei, ordem e paz, que assegurará corretas relações humanas; mas eles, por sua vez, são uma diminuta minoria em comparação com a vasta multidão de seres humanos que povoam a nossa terra; sua tarefa é difícil e, do nível em que devem trabalhar, às vezes lhes parece que as dificuldades são quase insuperáveis.

Certas perguntas surgem inevitavelmente nas mentes dos homens de boa vontade de todas as partes:

Será possível confiar que as Grandes Potências atuem com altruísmo em prol das pequenas potências e da humanidade como um todo?

Será possível esquecer e encerrar a política de poder e os diversos imperialismos nacionais?

Será possível projetar uma política mundial que assegure justiça para todos, grandes ou pequenos?

Pode a opinião mundial ser suficientemente forte em prol das corretas relações humanas, a ponto de atar as mãos dos agressivos egoístas e abrir a porta da oportunidade para os que poucas vezes a tiveram?

A esperança de estabelecer uma era de corretas relações humanas dentro das nações e internacionalmente seria um sonho impossível, uma perda de tempo ou apenas uma utopia?

A meta das corretas relações humanas, direitos e oportunidade iguais para todos os homens de todas as partes proporciona uma meta totalmente possível, pela qual todos os homens bem intencionados podem trabalhar com alguma esperança de êxito?

Quais seriam os primeiros passos a dar a fim de promover os esforços corretos e assentar uma base segura de boa vontade mundial?

Como é possível despertar a opinião pública a fim de que os muitos passos para promover corretas relações humanas sejam enfrentados pelos legisladores e políticos de todas as partes?

O que as minorias deveriam fazer a fim de obter suas justas demandas, sem promover mais diferenças e alimentar o fogo do ódio?

Como podemos abolir as grandes linhas de demarcação entre raças, nações e grupos, e as separações que se encontram em todas as partes, trabalhando de tal maneira que a “humanidade una” surja no cenário dos assuntos mundiais?

Como podemos desenvolver a consciência de que o que é bom para a parte também pode ser bom para o todo e que o bem mais elevado da unidade dentro do todo garanta o bem desse todo?

Estas e muitas outras perguntas surgem e pedem resposta. A resposta vem na forma de um lugar comum, de aceitação geral e, infelizmente, pareceria uma trivialidade: Então e somente então teremos um mundo em paz e pronto para avançar para uma era nova e melhor. Embora seja uma trivialidade, na maioria dos casos, a formulação de uma verdade reconhecida, é difícil, neste caso, fazer com que as pessoas admitam sua exequibilidade. Contudo, como é uma verdade, está destinada a se mostrar como tal, oportunamente, não só na mente de poucas pessoas aqui e ali, como em ampla escala em todo o mundo. As pessoas estão ansiosamente procurando pelo inesperado e o incomum, por um milagre esperado e que Deus (o que quer que este termo signifique em suas mentes) aja, eximindo-as assim da responsabilidade e fazendo o trabalho que lhes cabe.

Não é por tais métodos que os homens avançam; não é transferindo a responsabilidade que aprendem e progredem. O milagre pode acontecer e o belo e o inesperado aparecer, mas só quando os próprios homens tiverem preparado a cena de ação, criado o ambiente correto e possibilitado, pela maravilha de sua própria realização, que se manifeste uma expressão ainda mais maravilhosa da retidão. Não poderemos ter maior expressão da divindade até que os homens atuem de maneira mais divina do que fizeram até agora; não teremos o “retorno do Cristo” nem uma emanção da consciência crística até que o Cristo em cada homem esteja mais desperto e vigilante do que está atualmente; o Príncipe da Paz ou o Espírito da Paz não fará sentir a Sua presença de paz na Terra até que as intenções pacíficas de todos os homens estejam transformando as condições dos assuntos mundiais. A unidade não será a característica distintiva do gênero humano até que os próprios homens tenham derrubado as muralhas separatistas e derrubado as barreiras entre raça e raça, nação e nação, religião e religião e entre homem e homem.

A maravilha da situação presente e sua extraordinária oportunidade é que, pela primeira vez, e em escala planetária, os homens estão cientes do mal que deve ser eliminado; em todas as partes há debates e planejamentos; há reuniões e fóruns, conferências e comitês, das grandes deliberações das Nações Unidas até as pequenas reuniões realizadas em uma cidadezinha remota.

A beleza da situação presente é que mesmo na menor comunidade é oferecida aos habitantes uma expressão prática do que é necessário em escala mundial; as diferenças existentes entre famílias, igrejas, municipalidades, cidades, nações, entre raças e internacionalmente, todas requerem o mesmo objetivo e o mesmo processo de ajuste: o estabelecimento de corretas relações humanas. A técnica ou método para impulsioná-lo é o mesmo, sempre e em todo lugar: a prática do espírito de boa vontade.

A boa vontade é a expressão mais simples do verdadeiro amor e a mais fácil de compreender. A prática da boa vontade nos problemas que estão diante da humanidade libera a inteligência em linhas construtivas; onde há boa vontade, caem as muralhas da separação e da incompreensão.

Oportunamente, o amor e a compreensão se seguirão à expressão prática da boa vontade como um fator em todo tipo de relação humana e modo de contato entre grupos, entre nações e suas minorias, entre uma nação e outra e também no campo da política internacional e das religiões. A expressão do verdadeiro amor como um fator na vida do nosso planeta pode estar ainda muito distante, mas a boa vontade é uma possibilidade atual e organizar a boa vontade é uma necessidade premente.

Atualmente se fala muito sobre boa vontade e estes termos são usados com frequência; há uma intenção real de empregá-la em todos os campos do pensamento humano e em relação a todos os problemas humanos; há uma evidência de um esforço real neste momento para fazer da boa vontade um agente efetivo nas negociações de paz e de reconciliação no mundo e para impulsionar as corretas relações humanas.

A principal necessidade é uma imediata campanha a ser realizada por todos os homens de boa vontade de todas as partes e por todo o mundo para interpretar o significado da boa vontade, enfatizar a natureza prática de sua expressão, reunir em um grupo mundial efetivo e ativo todos os homens e mulheres de boa vontade e fazer isto não para criar uma super organização, mas para convencer o infeliz, o deprimido e o maltratado, da magnitude da ajuda inteligente que está pronta para assisti-los. Também devem demonstrar a habilidade para fortalecer as mãos de todos os trabalhadores que estão lutando para gerar corretas relações humanas e provar para eles o poder da força de uma opinião pública educada e viva (educada pelos homens de boa vontade) com a qual podem contar. Assim estabelecerão homens de boa vontade em cada nação, em cada cidade e em cada lugarejo – com compreensão treinada, bom senso prático, conhecimento dos problemas mundiais e disposição para difundir a boa vontade e descobrir em seu ambiente os homens que pensam de maneira similar.

O trabalho dos homens de boa vontade é de cunho educativo. Não sustentam nem advogam nenhuma solução milagrosa para os problemas mundiais, mas sabem que um espírito de boa vontade, particularmente se estiver treinado e implementado pelo conhecimento, pode produzir uma atmosfera e uma atitude que possibilitarão a solução dos problemas. Quando os homens de boa vontade se reúnem, e não importa qual é seu partido político, nação ou religião, não há problema que não possam resolver oportunamente, e resolvê-lo à satisfação das diversas partes envolvidas. O principal trabalho dos homens de boa vontade é produzir esta atmosfera e evocar esta atitude, e não apresentar determinada solução bem definida, pronta. Este espírito de boa vontade pode estar presente até mesmo onde há desacordos fundamentais entre as partes. Porém, isto raramente ocorre hoje. Há um real espírito de boa vontade controlando um considerável número de debates das Nações Unidas em questões bastante difíceis e sensíveis, e isto se está tornando cada vez mais evidente neste momento.

Não há razão, em absoluto, para crer que o desenvolvimento da boa vontade no mundo precise ser um processo lento e gradual. Pode acontecer o contrário, se os homens e mulheres que hoje sentem dentro de si mesmos uma genuína boa vontade e não têm preconceitos, procurarem buscar uns aos outros e trabalhar juntos para difundir a boa vontade. A pessoa preconceituosa, o fanático religioso ou o nacionalista renitente têm a difícil tarefa de desenvolver a boa vontade dentro de si. Podem consegui-lo se de fato amam o semelhante e procuram deixá-lo livre, mas terão que buscar a área escura em suas próprias mentes onde existe um muro de separatividade e derrubá-lo. Terão que desenvolver (com deliberação) a verdadeira boa vontade (não a tolerância) em relação ao objeto de seu preconceito, ao homem de religião exótica e à nação ou raça que lhe desperta antagonismo ou que menosprezam. Um preconceito é o primeiro tijolo em uma muralha separadora.

A boa vontade está muito mais difundida no mundo do que creem as pessoas; basta ser descoberta, educada e ativada. Contudo, não deve ser explorada por grupos que trabalham para fins próprios, não importa o quanto honesta, correta ou sinceramente. Se assim fosse, seria desviada para uma iniciativa partidária. Os homens de boa vontade encontram-se por entre grupos opostos, onde há tais grupos, a fim de criar uma condição que possibilite, providencialmente, debates e consenso. Eles seguem, constantemente, o “nobre caminho do meio” do Buda que passa entre os pares de opostos, direto ao coração de Deus; percorrem o “estrito caminho” de amor do qual Cristo falou, e indicam que o estão trilhando pela expressão do único aspecto do amor que a humanidade pode compreender atualmente: a Boa Vontade.

Quando a boa vontade for expressa e organizada, reconhecida e utilizada, todos os problemas mundiais, não importa quais sejam, serão solucionados em seu devido tempo; quando a boa vontade for um fator real e ativo nos assuntos humanos, teremos uma compreensão mais plena e abundante da natureza do amor e uma expressão de algum aspecto ainda mais elevado desse amor divino; quando a boa vontade se generalizar entre os homens, veremos o estabelecimento de corretas relações humanas e descobriremos no gênero humano um novo espírito de confiança, fé e compreensão.

Há homens e mulheres de boa vontade em todas as nações e em todas as partes do mundo, em incontáveis milhares. Que eles sejam descobertos, alcançados e colocados em contato; que sejam postos a trabalhar para criar uma correta atmosfera nos assuntos do mundo e em suas próprias comunidades; que saibam que, unidos, são onipotentes e podem educar e formar a opinião pública de tal maneira que a atitude do mundo frente aos problemas mundiais será justa e correta e alinhada com o plano divino; que compreendam que as soluções para os problemas críticos que a humanidade enfrenta no portal da Nova Era não serão encontradas na escolha de determinada linha de ação, que se imponha à atenção pública por meio de propaganda e campanhas. Virão pela defesa e desenvolvimento de um espírito de boa vontade (com seus resultados: uma atmosfera correta e uma atitude sadia) e um coração compreensivo.

A era cristã foi introduzida por um pequeno número de homens – os doze Apóstolos, os setenta discípulos e os quinhentos que reconheceram a mensagem do Cristo. A nova era em que Cristo “verá a obra de Sua alma e ficará satisfeito”, está sendo introduzida pelas centenas de milhares de homens de boa vontade agora ativos no mundo e que podem se tornar ainda mais ativos se forem reconhecidos, alcançados e organizados.

Capítulo V

O Problema das Igrejas

O título deste artigo não é “o problema da religião”, mas simplesmente o problema das pessoas e organizações que procuram ensinar religião, que pretendem representar a vida espiritual, dirigir a abordagem espiritual da alma humana a Deus e estabelecer as regras para a vida espiritual. Ao escrever sobre este tema estamos pisando em terreno perigoso.

Não há censura justificável com relação ao espírito religioso; ele existe e é essencial para uma vida plena e verdadeira na Terra. Podemos reconhecer a atemporalidade da fé e o testemunho do Espírito, ao longo de incontáveis eras, à realidade de Deus. O Cristo vive e guia as pessoas do mundo e Ele assim faz não de um vago ou distante centro chamado de “à direita de Deus” (frase simbólica), mas ao alcance da mão e bem perto da humanidade, a qual Ele ama eternamente. Quando disse: “Eis que estarei convosco todos os dias, até o final dos tempos”, Ele quis dizer exatamente o que disse. A abordagem do Espírito humano à sua Fonte, ao Centro espiritual onde a divindade reina e Àqueles que guiam e dirigem tal abordagem perdurará inevitavelmente; o caminho permanece eternamente aberto aos peregrinos e creio que todos eles, todas as almas, encontram oportunamente o caminho para o Lar do Pai.

A realidade de Deus, a realidade do Cristo, a realidade da abordagem espiritual dos homens à divindade, a realidade da imortalidade do Espírito, a realidade da oportunidade espiritual e a realidade da relação do homem com Deus e com seus semelhantes – tudo isso eu atesto. Deveríamos enfatizar também a apresentação evolucionária da verdade e sua constante adaptação à necessidade da humanidade em qualquer dado período da história.

O cristianismo é uma expressão – em essência, se ainda não de fato – do amor de Deus, imanente em Seu universo criado. A igrejaidade, porém, tende a ser atacada, e as pessoas reflexivas bem o sabem; lamentavelmente, tais pessoas são uma minoria.

Em bem da clareza e para que a visão geral dos fatos e das potencialidades possam emergir com clareza, dividiremos o tema nas seções a seguir, começando com a mais desagradável e controversa e finalizando com uma nota de esperança, propósito e visão.

I. O Fracasso das Igrejas. Diriam vocês, com toda a sinceridade e à luz dos acontecimentos mundiais, que as igrejas foram bem-sucedidas?

II. A Oportunidade das Igrejas. Elas a reconhecem?

III. As verdades essenciais que a humanidade precisa e aceita intuitivamente. Quais são elas?

IV. A Regeneração das Igrejas. É possível?

V. A Nova Expressão Religiosa do Mundo

Hoje a necessidade imediata da humanidade está emergindo com clareza e os passos que as igrejas propõem para atender a esta necessidade também estão ficando claros. É indispensável, portanto, que encaremos a situação exatamente como é e que isolemos as verdades que são fundamentais para o progresso e a iluminação do homem e eliminemos os fatores que são controversos e insignificantes; também é necessário definirmos o caminho de salvação que as igrejas deveriam seguir; se as igrejas estão trabalhando e os eclesiásticos estão pensando de maneira cristã, a salvação da humanidade está assegurada. Acima de tudo, é essencial que seja apresentada uma visão que se torne uma visão para todos os homens de todas as partes, e não apenas uma bela esperança de um grupo sectário ou de uma organização fanática e enfatuada. É essencial que retornemos ao Cristo e à sua Mensagem e ao modo de vida que Ele exemplificou.

A classe clerical deve ter em mente que o espírito humano é maior que as igrejas e maior que seus ensinamentos. A longo prazo, este espírito humano as derrotará e avançará triunfante para o Reino de Deus, deixando-as muito atrás, a menos que entrem como uma humilde parte da massa de homens. Os pomposos prelados e os eclesiásticos executivos não têm lugar nesse reino. O Cristo não precisa de prelados nem de executivos; necessita de despreziosos instrutores da verdade e exemplos de vida espiritual. Nada sob o céu pode deter o progresso da alma humana em sua longa peregrinação das trevas para a luz, do irreal para o real, da morte para a imortalidade e da ignorância para a sabedoria. Se os grandes e organizados grupos religiosos das igrejas de todos os países e que compõem todos os credos não oferecem guia e ajuda espiritual, a humanidade encontrará outro caminho. Nada pode afastar o espírito do homem de Deus.

I. O Fracasso das Igrejas

Que nos lembremos: o Cristo não fracassou. Foi o elemento humano que fracassou e que frustrou Suas intenções e corrompeu a verdade que Ele apresentou. A teologia, o dogma, a doutrina, o materialismo, a política e o dinheiro criaram uma imensa nuvem escura entre as igrejas e Deus; obstruiu a verdadeira visão do amor de Deus, e é a esta visão de uma realidade amorosa e ao vital reconhecimento de suas implicações que devemos retornar.

Há alguma possibilidade de uma renovação da fé como era no Cristo? Têm as igrejas homens de visão suficientes para salvar a situação – a visão de atender à necessidade do homem e não de crescimento e engrandecimento das igrejas? Tais homens existem em todas as organizações religiosas, mas lamentavelmente são poucos. Mesmo que se unissem (o que no momento, infelizmente, parece impossível devido às diferenças doutrinárias), representariam um grupo de certa forma inútil, diante do poder organizado, do esplendor materialista, dos interesses e da fanática determinação dos eclesiásticos reacionários de todos os credos. Em geral é a minoria que luta (no caso, os poucos de orientação espiritual) que protege a verdadeira visão e, finalmente, a traz à existência; são os que caminham pelas ruas tórridas e desventuradas com a humanidade agonizante e, portanto, que reconhecem, com um aguçado senso, a necessidade de regeneração das igrejas.

Nossas tribunas religiosas, nossos púlpitos e nossos jornais e revistas de caráter religioso são repletos de apelos para que os homens se voltem para Deus e encontrem na religião uma saída para as caóticas condições atuais. No entanto, a humanidade jamais esteve tão espiritualmente inclinada nem tão consciente e decididamente orientada para os valores espirituais e para a necessidade de reavaliações e realizações espirituais. Os apelos deveriam se dirigir aos líderes das igrejas, aos homens das igrejas de todos os credos e àqueles que trabalham pela igreja em todas as partes; são eles que precisam voltar à simplicidade da fé como é no Cristo. São eles que precisam de regeneração. Os homens de todas as partes estão pedindo luz. Quem vai dar a eles?

Há dois grandes fatores responsáveis pelo fracasso das igrejas:

1. Estreitas interpretações teológicas das Escrituras.
2. Ambições materiais e políticas.

Em todo tempo e lugar, os homens procuraram impor às massas suas próprias interpretações religiosas da verdade, das Escrituras e de Deus. Tomaram as Bíblias do mundo e tentaram explicá-las, filtrando as ideias que encontravam por suas próprias mentes e cérebros e, neste processo, inevitavelmente reduziam o significado. Não contentes com isto, seus seguidores impuseram estas interpretações, desenvolvidas pelos homens, sobre os irreflexivos e os ignorantes. Cada religião – budismo, hinduísmo em seus diversos aspectos, islamismo e cristianismo – produziu um conglomerado de mentes excepcionais que procuraram (em geral de maneira bastante sincera) compreender o que, aparentemente, Deus disse, que formularam doutrinas e dogmas com base no que achavam que Deus quis dizer e suas palavras e ideias, portanto, tornaram-se lei religiosa e irrefutáveis verdades para incontáveis milhões. Em última análise, o que temos? As ideias de alguma mente humana – interpretadas em termos de sua época, tradição e contexto – sobre o que Deus disse em determinada Escritura, a qual esteve sujeita durante séculos às dificuldades e aos erros incidentes à constante transcrição – uma transcrição em geral baseada no ensinamento oral.

A doutrina da inspiração verbal das Escrituras do mundo (considerada especialmente aplicável à Bíblia cristã) está hoje completamente superada e, com ela, a infalibilidade da interpretação; sabe-se que todas as Escrituras do mundo se baseiam em traduções deficientes e que nenhuma parte delas – decorridos milhares de anos de transcrições – é o que foi originalmente, se é que existiu um manuscrito original e não foi, na realidade, o que algum homem lembrou do que foi dito. Ao mesmo tempo, é preciso lembrar que a orientação geral e o ensinamento básico, assim como o significado dos símbolos, em geral estão corretos, embora, repetindo, o simbolismo em si deva ser submetido à tradução moderna e não à inexatidão da ignorância. A questão é que dogmas e doutrinas, teologia e afirmações dogmáticas não indicam necessariamente a verdade como existe na mente de Deus, mente com a qual a maioria dos intérpretes dogmáticos alega familiaridade. A teologia é simplesmente o que os homens pensam que está na mente de Deus.

Quanto mais antiga é a Escritura, maior será, necessariamente, a distorção. A doutrina de um Deus vingativo, a doutrina do castigo em algum mítico inferno, o ensinamento de que Deus só ama quem O interpreta em termos de determinada escola de pensamento teológico, o simbolismo do sacrifício do sangue, a apropriação da Cruz como símbolo cristão, o ensinamento sobre o nascimento virginal e a descrição de uma Deidade irada que só se aplaca com a morte, são os tristes resultados do pensamento próprio do homem, de sua própria natureza inferior, de seu isolamento sectário (fomentado pelo Antigo Testamento judaico, mas geralmente não encontrado nos credos orientais) e de seu senso de medo, herdado de sua natureza animal – tudo isso nutrido e inculcado pela teologia, mas não pelo Cristo, nem pelo Buda nem por Shri Krishna.

As pequenas mentes dos homens nas etapas de evolução passadas e presentes, não podem hoje nem nunca puderam compreender a mente e os propósitos d'Aquele em Quem vivemos, nos movemos e temos o nosso ser; interpretaram Deus em termos de si mesmos; portanto, quando os homens irreflexivamente aceitam um dogma, estão aceitando apenas o ponto de vista de outro ser humano falível, e não, em absoluto, uma verdade divina. É esta verdade que os seminários teológicos devem começar a ensinar, treinando os homens a pensar por si mesmos e a ter em mente que a chave da verdade reside no poder unificador da Religião Comparada. Somente os princípios e as verdades que são reconhecidos universalmente e que têm lugar em todas as religiões são verdadeiramente necessários para a salvação.

A linha de verdades secundárias e controversas em geral é desnecessária ou significativa apenas na medida em que reforça a verdade primordial e essencial.

Foi esta apresentação distorcida da verdade que levou a humanidade a formular um corpo de doutrinas sobre o qual o Cristo aparentemente nada sabia e – ousou dizer – não se importava. A Cristo só importava que os homens reconhecessem que Deus é amor, que todos os homens são filhos de um só Pai e, portanto, são irmãos; que o espírito do homem é eterno e que não há morte; ansiava que o Cristo dentro de cada homem (a inata consciência crística que unifica a todos nós e com o Cristo) florescesse em toda glória; Ele ensinou que o serviço é a tônica da vida espiritual e que a vontade de Deus seria revelada. Esses *não* são os pontos sobre os quais a massa de analistas escreveu. Debateram fartamente até onde o Cristo era divino e até onde era humano; a natureza do nascimento virginal, a função de São Paulo como instrutor da verdade cristã, a natureza do inferno, a salvação por meio do sangue e a autenticidade histórica da Bíblia.

As mentes dos homens estão reconhecendo hoje o amanhecer da liberdade; estão se dando conta de que todo homem deve ser livre para adorar a Deus à sua própria maneira. Isto não significará (na futura nova era) que cada homem escolherá uma escola teológica à qual aderir. A própria mente de cada um, iluminada por Deus buscará a verdade e a interpretará por si mesmo. O dia da teologia findou e está conosco o da verdade viva. É o que as igrejas ortodoxas se recusam a reconhecer. A verdade é essencialmente não controversa; onde há controvérsia, o conceito em geral tem importância secundária, e consiste em grande parte nas ideias dos homens sobre a verdade.

Os homens já foram longe na não aceitação de dogmas e doutrinas, o que é bom, correto e alentador. Significa progresso, mas as igrejas ainda não conseguiram ver nisto a atuação da divindade. A liberdade de pensamento, o questionamento das verdades apresentadas, a recusa de aceitar os ensinamentos das igrejas em termos da antiga teologia e a rejeição da autoridade eclesiástica imposta são características do pensamento espiritual nesta época; a clerezia ortodoxa acha que é um indício de tendências perigosas e de afastamento a Deus e, em consequência, de uma perda do sentido da divindade. Indica exatamente o contrário.

Talvez as ambições materialistas e políticas das igrejas sejam tão graves devido ao efeito que exercem sobre incontáveis milhares entre o público mais ignorante. Nos credos orientais, esta situação não é tão flagrante; no mundo ocidental, esta tendência está provocando a rápida destruição das igrejas. Nas religiões orientais, prevaleceu uma negatividade desastrosa; as verdades propagadas não foram suficientes para melhorar a vida diária dos fiéis nem para ancorar as verdades de maneira criativa no plano físico. O efeito das doutrinas orientais é largamente subjetivo e negativo com relação aos assuntos do dia a dia. A negatividade das interpretações teológicas dos Textos Sagrados budistas e hindus manteve as pessoas em estado de passividade, do qual começam lentamente a emergir. O credo maometano é, como o cristão, uma apresentação positiva da verdade, embora muito materialista; ambos os credos foram militantes e políticos em suas atividades.

O grande credo ocidental, o cristianismo, foi incisivamente objetivo na apresentação da verdade, o que foi necessário. Foi militante, fanático, sumamente materialista e ambicioso. Combinou objetivos políticos com pompa e cerimônias, com grandes estruturas de pedra, poder e a imposição de autoridade de natureza muito repressiva.

A primitiva Igreja Cristã (que era relativamente pura na apresentação da verdade e em seus processos vitais) a certa altura rachou em três grandes subdivisões: a Igreja Católica Romana, que hoje está procurando capitalizar o fato de que foi a Igreja Mãe, a Igreja Bizantina ou Ortodoxa Grega e as Igrejas Protestantes. Todas elas se dividiram por questões de doutrina e originalmente eram sinceras e limpas,

e relativamente puras e boas. Todas foram se deteriorando gradualmente desde o dia de sua criação, e hoje temos a seguinte triste e séria situação:

1. A Igreja Católica Romana se distingue por três coisas, todas contrárias ao espírito de Cristo.
 - a. Uma atitude intensamente materialista. A Igreja de Roma apadrinha grandes estruturas de pedra – catedrais, igrejas, instituições, conventos, mosteiros. Para construí-las, a política ao longo dos séculos foi drenar dinheiro dos bolsos de ricos e pobres. É uma igreja estritamente capitalista. O dinheiro acumulado em seus cofres mantém uma poderosa hierarquia eclesiástica e sustenta suas inúmeras instituições e escolas.
 - b. Um programa político de longo alcance e de ampla visão cujo objetivo é o poder temporal e não o bem-estar dos humildes. O atual programa da Igreja Católica tem claras implicações políticas; sua atitude frente ao comunismo contém as sementes de outra guerra mundial. As atividades políticas da Igreja Católica, neste momento, não trabalham para a paz, não importa que aparência apresentem.
 - c. Uma política planejada pela qual mantém as massas na ignorância intelectual e, de uma ponta a outra desta ignorância, encontram-se as forças reacionárias e conservadoras, que tão poderosamente atuam resistindo à nova era com sua nova civilização e cultura mais iluminada. Fé cega e total confiança no sacerdote e no Vaticano são considerados deveres espirituais.

A Igreja Católica Romana permanece entrincheirada e unificada contra qualquer apresentação nova e evolutiva da verdade para o povo; tem raízes no passado, mas não está crescendo na luz; seus vastos recursos financeiros lhe permitem ameaçar a futura iluminação do gênero humano sob o manto do paternalismo e de uma colorida aparência externa que oculta a cristalização e a inépcia intelectual que, inevitavelmente, devem significar sua destruição, a menos que os débeis sinais de vida nova após o advento do Papa João XXIII possam ser nutridos e desenvolvidos.

2. A Igreja Grega Ortodoxa chegou a tal etapa de corrupção, fraude, ganância e perversão sexual que, temporariamente, e sob a revolução russa, foi abolida. Foi uma ação sábia, necessária e correta. A ênfase desta igreja era inteiramente material, mas nunca manejou tanto poder (nem manejará) como a Igreja Católica Romana fez no passado. A negativa do partido revolucionário da Rússia de reconhecer esta igreja corrupta foi sábia e salutar; não produziu dano algum, pois o sentido de Deus jamais pode ser expulso do coração humano. Se todas as organizações eclesiásticas desaparecerem da Terra, o sentido de Deus e o reconhecimento e o conhecimento do Cristo emergiriam em força e em uma nova convicção. A igreja na Rússia recebeu reconhecimento oficial outra vez e está diante de uma nova oportunidade. Ainda não é um fator nos assuntos mundiais, mas há esperança de que, oportunamente, possa emergir como uma força regeneradora e espiritual. O desafio de seu ambiente é grande e ela não pode ser reacionária como podem ser – e são – as igrejas de outras partes do mundo.

3. As Igrejas Protestantes. A igreja sob o nome genérico de “protestante” caracteriza-se pela multiplicidade de divisões; é extensa, estreita, liberal, radical e está sempre protestando. Abrange em suas fronteiras muitas igrejas, grandes e pequenas. Estas igrejas também se caracterizam pelos objetivos materiais. São relativamente isentas de qualquer viés político, tal como condiciona a Igreja Católica Romana, mas é um corpo de crentes briguentos, fanáticos e intolerantes. O espírito de diferenciação prevalece; não há unidade nem coerência alguma entre elas, e sim, em geral, um constante espírito de rejeição, um partidarismo virulento e a produção de centenas de cultos protestantes, uma constante apresentação de uma estreita teologia que não ensina nada novo, que apenas produz renovadas disputas em torno de algumas doutrinas ou questão de organização ou procedimento da igreja. As Igrejas Protestantes estabeleceram um precedente de controvérsias cáusticas, de que as igrejas mais antigas são

relativamente isentas, devido ao método hierárquico de governo e controle autoritário centralizado. Por outro lado, os primeiros esforços para alcançar certa forma de unidade e cooperação emergiu recentemente e pode continuar a crescer.

Levanta-se a pergunta se o Cristo se sentiria em casa nas igrejas se caminhasse novamente entre os homens. Os rituais e as cerimônias, a pompa e os paramentos, as velas, o ouro e a prata, a ordem de graduação de papas, cardeais, arcebispos, cônegos e párocos comuns, pastores e clérigos, ao que parece seriam de pouco interesse para o simples Filho de Deus, o qual – quando na Terra – não tinha onde apoiar a cabeça.

Há homens profundamente espirituais cuja sina é lançada nos repressivos muros do eclesiasticismo; em conjunto, são muitos, e se encontram em todas as igrejas e credos. Sua sina é difícil; têm ciência das condições e lutam e se esforçam por apresentar ideias religiosas e cristãs lúcidas para um mundo que busca e sofre. São eles os verdadeiros filhos de Deus; seus pés se colocam nos lugares mais desagradáveis; são conscientes da “podridão” que minou a estrutura clerical e a intolerância, o egoísmo, a ganância e a estreiteza mental que os rodeia.

Eles sabem muito bem que nenhum homem foi salvo pela teologia, mas apenas pelo Cristo vivo e pela consciência desperta do Cristo dentro de todo coração humano; interiormente repudiam o materialismo em seu ambiente e veem pouca esperança para a humanidade nas igrejas; sabem muito bem que as realidades espirituais foram esquecidas no desenvolvimento material das igrejas; amam seus semelhantes e gostariam de desviar o dinheiro gasto na manutenção das estruturas e despesas gerais da igreja para a criação do Templo de Deus que “não é feito com mãos, eterno nos céus”. Eles servem à Hierarquia espiritual que permanece – invisível e serena – por trás de todos os assuntos humanos, sem qualquer lealdade interna para qualquer hierarquia eclesiástica externa. Para eles, o fator de maior importância é guiar o ser humano para a relação consciente com o Cristo e com a Hierarquia espiritual, e não aumentar a frequência à igreja e a autoridade de homens pequenos. Eles creem no Reino de Deus, do qual o Cristo é o Regente proeminente, mas não têm confiança no poder temporal alegado e exercido por Papas e Arcebispos.

Tais homens se encontram em todas as grandes organizações religiosas, tanto no Oriente como no Ocidente, e em todos os grupos espirituais, dedicados visivelmente ao propósito espiritual. São homens simples e cheios de virtudes, que nada pedem para o eu separado, que representam a Deus em verdade e em vida, e que não têm nenhum papel real na igreja em que trabalham; a igreja sofre severamente pelo contraste que estes homens representam e raras vezes lhes permite ascender em posição e poder; o poder temporal deles é nulo, mas seu exemplo espiritual traz iluminação e força ao povo. São a esperança da humanidade, pois estão em contato com o Cristo e são parte integrante do Reino de Deus; representam a Deidade de maneira que poucas vezes fazem os grandes eclesiásticos e os chamados Príncipes da Igreja.

II. A Oportunidade das Igrejas

Algo de grande importância aconteceu no mundo. O espírito de destruição se precipitou sobre a Terra, deixando o mundo do passado e a civilização que controlou a nossa vida moderna em ruínas. Cidades e lares foram destruídos; reinos e governantes desapareceram ou vão sumir em consequência da guerra; as ideologias e as apreciadas crenças não conseguiram atender à necessidade das pessoas e se despedaçaram sob a prova dos tempos; a fome e a insegurança grassam em todas as partes; famílias e grupos sociais estão em colapso; a morte cobrou seu preço a todas as nações e milhões morreram em razão dos desumanos processos da guerra. Em termos gerais, todos conheceram o terror, o medo e a desesperança ao enfrentar o futuro; todos se questionam sobre o que o futuro reserva e não há segurança em lugar nenhum. A voz da humanidade está se elevando aos céus pedindo luz, paz e segurança.

Alguns as buscam na formação de novas ideologias; outros nas linhas políticas e na esperança de alívio e liberação por meio de alguma forma de ação de governo ou de algum credo ou partido político. Outros demandam o surgimento de um líder, e nesta época não se vê líder em nenhum lugar. A liderança exercida provém de grupos de pessoas bem-intencionadas e de uns poucos estadistas que se encontram tão desnorteados como aqueles que procuram ajudar; a própria magnitude da tarefa de reconstrução que enfrentam os deixa quase impotentes, porque o que está em jogo é a reconstrução, a reestruturação e a reeducação de todo o mundo. Há ainda outros, mais pacientes, que estão planejando novos processos e sistemas educativos que procurarão preparar a atual geração de crianças para uma vida plena no mundo de amanhã, um mundo cujos vagos contornos só são vistos indistintamente. Alguns voltam a se afundar no estado de desespero, escapando para o isolacionismo e esperando, tão filosoficamente quanto possível, pela liberação que a morte trará, pedindo apenas um pouco de alimento, aquecimento, alguns livros e roupa suficiente. Muitos se negam por completo a pensar e preenchem a vida com trabalho assistencial. Todos estão vivenciando a reação que se segue à guerra e não estão familiarizados com os processos de paz, porque a paz nunca foi mesmo conhecida e, obviamente, ainda está muito longe.

Acima de tudo, os homens, em incontáveis milhões, em todo o mundo, estão registrando uma profunda necessidade espiritual, estão conscientes dos estímulos do espírito e o reconhecem pelo que é. Podem expressar esta necessidade de muitas maneiras e usar muitas terminologias; podem buscar em diversas direções a satisfação de seus anseios, mas em todas as partes *há* uma demanda pelas coisas de valores mais reais do que as que condicionaram o passado e pelo surgimento das virtudes, impulsos e incentivos espirituais que os homens parecem ter perdido e que são o somatório das forças que impulsionam a humanidade para a vida espiritual.

Em todas as partes as pessoas estão prontas para a luz; estão expectantes por uma nova revelação e uma nova dispensação. A humanidade avançou tanto no caminho da evolução, que estas demandas e expectativas não se formulam apenas em termos de melhoria material, mas em termos de uma visão espiritual, valores verdadeiros e corretas relações humanas. Demandam ensinamento e ajuda espiritual, ao lado das necessárias solicitações de alimento, roupas e a oportunidade de trabalhar e viver em liberdade; enfrentam a fome em grandes áreas do mundo e, ainda assim, registram, com igual consternação, a fome da alma.

A grande tragédia, porém, é que não sabem para onde se virar nem que voz devem ouvir. A esperança dentro deles é espiritual e imorredoura. Tal esperança e tal demanda chegaram ao ouvido atento do Cristo e Seus discípulos no lugar onde Eles vivem, trabalham e velam pela humanidade. Através de que agente trabalharão estas forças do espírito para a restauração do mundo? Que meios utilizarão os Guias espirituais da raça para conduzir os homens para uma maior luz e à oportunidade da nova era? O gênero humano olha para o Caminho da Ressurreição. Quem o guiará nesse Caminho?

As religiões organizadas e as igrejas do mundo reconhecerão a oportunidade e responderão ao apelo do Cristo e à demanda espiritual de incontáveis milhões de pessoas? Ou só trabalharão para restabelecer as organizações e as igrejas? O aspecto institucional das religiões mundiais se aproximará mais da consciência dos homens da igreja do que da necessidade das pessoas de uma simples apresentação da verdade vivificante? O interesse e o poder das igrejas se voltarão para a reconstrução das estruturas materiais, para o restabelecimento da segurança financeira, a recuperação do status de teologias superadas e uma nova aquisição de poder e prestígio temporais? Ou as igrejas terão a visão e a coragem de abandonar os antigos e nocivos métodos e se dirigir às pessoas com a mensagem de que Deus é Amor, provando a existência desse amor por meio de suas próprias vidas de simples serviço amoroso? Dirão às pessoas que o Cristo vive para sempre e as convidarão a afastar os olhos das antigas doutrinas de morte, sangue e apaziguamento divino e centralizá-los na Fonte de toda vida e no Cristo vivo, Que espera verter

sobre eles a “vida mais abundante” pela qual tanto esperam e que Ele prometeu que seria deles? Ensinarão que a destruição das antigas formas foi necessária e que tal desaparecimento é a garantia de que uma nova vida espiritual, mais plena e ilimitada agora é possível? Lembrarão às pessoas que o próprio Cristo disse que não é possível colocar vinho novo em odres velhos? Os potentados das igrejas e os altivos eclesiásticos renunciarão publicamente aos seus objetivos errados e materiais, ao dinheiro e aos palácios, “venderão tudo que têm” e seguirão o Cristo no caminho do serviço? Ou – como fez o jovem rico do Evangelho – vão se afastar tristemente? Usarão o dinheiro disponível para aliviar a dor como fez o Cristo, ensinando às crianças as coisas do reino de Deus como fez o Cristo e dando o exemplo de uma fé simples, alegria confiante e seguro conhecimento de Deus como fez o Cristo? Podem os eclesiásticos de todos os credos em ambos os hemisférios alcançar a luz espiritual interna que fará deles portadores de luz e que evocará a luz maior que a nova e anunciada revelação certamente trará? Poderá ser desterrado o maligno materialismo que as igrejas representaram e o fracasso de seus representantes de ensinar as pessoas corretamente? Estas coisas foram responsáveis pela guerra mundial (1914-1945). Não teria havido guerra se a cobiça, o ódio e a separatividade não tivessem avultado na Terra e nos corações dos homens; estas desastrosas falhas estavam ali porque os valores espirituais não tinham lugar na vida das pessoas, devido ao fato de que, durante séculos, ocuparam um pequeno lugar na vida das igrejas. A responsabilidade recai diretamente sobre as igrejas.

São estas as questões diante das igrejas organizadas. Dentro das igrejas há atualmente homens que respondem ao novo idealismo espiritual, à urgência da oportunidade e à necessidade de mudança. Contudo, a oportunidade se encontra sob o controle de mentes reacionárias. Os grandes movimentos para a reorganização das igrejas que agora estão em andamento em todo o mundo devastado ainda permanecem nas mãos de dignitários eclesiásticos, sínodos e conclaves. Os planos que estão sendo formulados neste momento em nível internacional indicariam que a autoridade ainda está conferida às pessoas erradas.

Não há indício algum em larga escala, dentro das igrejas protestantes, de uma mudança básica de atitude com relação ao ensinamento teológico ou ao governo da igreja. Não há indício algum de que as grandes religiões orientais estejam tomando a vanguarda na geração de um mundo novo e melhor. E a humanidade continua esperando. Acima de tudo, a humanidade quer a certeza de que Deus É e que há um Plano divino – um Plano que se encaixa no esquema das coisas e que contém esperança e força. Os homens querem a convicção de que o Cristo vive; que o Ser Esperado³, – Aquele que todos os homens esperam – virá, e que Ele não será cristão, hindu ou budista, mas pertencerá a todos os homens de todas as partes. Os homens querem ter a certeza de que chegou a hora de uma grande revelação espiritual que não pode ser detida, e que diante deles há um futuro espiritual, como também material. Diante desta demanda e oportunidade encontram-se as igrejas.

Qual é a solução para esta complexa e difícil relação em todo o mundo? Uma nova apresentação da verdade, porque Deus não é fundamentalista; uma nova abordagem à divindade, porque Deus está sempre acessível e hoje não requer intermediários externos; um novo modo de interpretar os antigos ensinamentos espirituais, porque o homem evoluiu e o que era adequado para a humanidade infantil é hoje inadequado para o gênero humano adulto. São mudanças imperiosas.

Nada pode evitar que, em dado momento, surja a nova expressão religiosa no mundo. Sempre o fez através das eras e sempre o fará. Não há caráter definitivo na apresentação da verdade; desenvolve-se e floresce para atender à crescente demanda do homem por luz. Será implementada e desenvolvida pelos membros de mentalidade espiritual de todas as igrejas, cujas mentes estão abertas às novas inspirações do Amor e da Mente de Deus, que são liberais e benévolos, e cujas vidas individuais são puras e

³ N. do T.: the Coming One – cujas traduções são: Aquele que Vem e O Ser Esperado.

anelantes. Será dificultada pelos fundamentalistas, os de mente estreita e os teólogos de todas as religiões mundiais, por aqueles que se recusam a largar as velhas interpretações e métodos, que amam as antigas doutrinas e os pensamentos dos homens sobre elas, e por aqueles que enfatizam as formas, os ritos e as cerimônias, o ritual e a pompa, a autoridade e a construção de edifícios de pedra nestes dias de situação extrema do homem, sua fome e necessidade.

A Igreja Católica Romana enfrenta nesse momento a sua maior oportunidade e também a sua maior crise. O catolicismo é fundamentado em uma tradição antiga, é assertivo quanto à autoridade eclesiástica, é responsivo às formas e rituais externos e – apesar de uma ampla e beneficente filantropia – é totalmente incapaz de deixar seus filhos livres. Se a Igreja Católica puder mudar as suas técnicas, puder renunciar à autoridade sobre as almas dos homens (o que jamais teve de fato) e puder realmente seguir o caminho do Salvador, do humilde Carpinteiro de Nazaré, ela poderá prestar um serviço mundial e dar um exemplo que servirá para iluminar os seguidores de todo credo e de todo ramo da cristandade.

O problema da liberdade da alma humana e sua relação individual com Deus Imanente e Deus Transcendente é o problema espiritual que todas as religiões mundiais enfrentam neste momento. As igrejas não devem mais interpor sua autoridade e suas interpretações entre Deus e o homem. O tempo disso passou. Este problema foi tomando forma lentamente durante séculos, desenvolvendo-se com o aumento do intelecto e a autoconsciência do ser humano, e agora clama por solução.

III. As Verdades Essenciais

Há certas notas-chave – corporificando o futuro da religião – que neste momento deveriam reger o pensamento dos homens iluminados das igrejas de todos os credos. São corretas tanto para o Oriente como para o Ocidente. São elas: Religião do Mundo – Revelação – Reconhecimento. Referidas notas-chave não serão reconhecidas pelos homens de mente estreita, cristãos ou crentes de qualquer credo.

Já desponta o dia em que se considerará que todas as religiões emanam de uma grande fonte espiritual; todas serão vistas como propositoras, em conjunto, da raiz única da qual inevitavelmente emergirá a nova expressão religiosa do mundo. Então não haverá cristão nem pagão, judeu nem gentio, apenas um grande corpo de crentes, reunidos de todas as religiões atuais. Os homens aceitarão as mesmas verdades, não como conceitos teológicos, mas como essencialidades para a vida espiritual; permanecerão unidos na mesma plataforma de fraternidade e de corretas relações humanas; reconhecerão a filiação divina e, juntos, procurarão cooperar com o Plano divino, tal como lhes é revelado pelos líderes espirituais da raça e lhes indica o próximo passo a dar no Caminho de Aproximação a Deus. Tal religião, ou expressão religiosa do mundo, não é um sonho vão, e sim algo que está tomando forma definida em nossos dias.

Um segundo marco que surge para a vida espiritual é a esperança de revelação. Nunca antes foi tão grande a necessidade do homem nem mais plena a certeza da revelação; nunca antes o espírito humano foi tão invocativo como agora pela ajuda divina e, portanto, nunca antes uma revelação maior esteve a caminho. Qual será esta revelação, não sabemos. A revelação da natureza de Deus vem se desvendando lentamente, em paralelo ao desenvolvimento evolutivo da consciência humana. Não nos cabe defini-la ou limitá-la pelo nosso pensamento concreto, mas nos prepararmos para ela, desenvolvendo a nossa percepção intuitiva e vivendo na expectativa da luz reveladora.

Uma religião no mundo, uma revelação esperada e em seguida o desenvolvimento do hábito de reconhecimento espiritual! É tarefa das igrejas ensinar os homens a desenvolver este latente poder de reconhecimento – reconhecimento da beleza da divindade em todas as formas, reconhecimento do que está vindo e do que um antigo sábio hindu chamou de “nuvem de coisas cognoscíveis” que paira sobre a humanidade, pronta para precipitar as maravilhas que Deus reserva para aqueles que conhecem o signi-

ficado do amor. Ao longo dessas linhas, o trabalho das igrejas deveria se direcionar no futuro; levar adiante esta tarefa verdadeiramente restauraria as igrejas e apagaria todas as falhas do passado.

Nestas três atitudes há certas verdades básicas que as igrejas devem apresentar aos homens de todas as partes – verdades que são uniformes em todas as religiões do mundo:

1. A Realidade de Deus, Imanente e Transcendente

Os credos orientais sempre sublinharam o Deus imanente, profundamente dentro do coração humano, “mais perto do que as mãos e os pés”, o Eu, o Uno, o Atma, menor do que o menor, e ainda assim, oniabrangente. Os credos ocidentais apresentaram o Deus transcendente, fora de Seu universo, um Observador. O Deus transcendente condicionou primeiro todo conceito que os homens tinham da Deidade, porque a ação deste Deus transcendente aparecia nos processos da natureza; posteriormente, na dispensação judia, Deus apareceu como o Jeová tribal, como a alma de uma nação (alma bastante desagradável). Em seguida, Deus foi visto como um homem perfeito, e o Deus-homem divino caminhou na Terra na Pessoa do Cristo. Hoje temos a ênfase, que cresce rapidamente, no Deus imanente em todo ser humano e em toda forma criada. Hoje deveríamos ter as igrejas apresentando uma síntese destas duas ideias que foram resumidas para nós na declaração de Shri Krishna no Bhagavad Gita: “Tendo compenetrado todo o universo com um fragmento de Mim Mesmo, Eu permaneço”. Deus, maior que o todo criado, ainda assim Deus presente também na parte; Deus transcendente garante o plano para o nosso mundo e é o Propósito, condicionador de todas as vidas, desde o menor dos átomos, passando por todos os reinos da natureza, até o homem.

2. A Realidade da Imortalidade e da Persistência Eterna

O espírito no homem é imorredouro; perdura, progredindo de um ponto para outro e de uma etapa para outra no Caminho da Evolução, desenvolvendo constante e sequencialmente os atributos e aspectos divinos. Esta verdade necessariamente envolve o reconhecimento de duas grandes leis naturais: a Lei do Renascimento e a Lei de Causa e Efeito. As igrejas do Ocidente recusaram-se oficialmente a reconhecer a Lei do Renascimento e, deste modo, se desviaram para um impasse teológico e para uma situação difícil, para a qual não há saída possível. As igrejas do Oriente enfatizaram excessivamente estas leis, de maneira que uma atitude negativa e inativa frente à vida e seus processos, baseada na oportunidade que se renova constantemente, controla as pessoas. O cristianismo enfatizou a imortalidade, mas fez a felicidade eterna dependente da aceitação de um dogma teológico: Professe a verdadeira fé cristã e viva eternamente em um fastuoso céu; recuse-se a aceitar a fé cristã, sendo um cristão professo negativo, e vá para um inferno indescritível – inferno surgido da teologia do Antigo Testamento e da apresentação de um Deus cheio de ódio e ressentimentos. Ambos os conceitos são hoje repudiados por todas as pessoas sensatas, sinceras, reflexivas. Ninguém com um real poder de raciocínio ou com uma real crença em um Deus de amor aceita o céu dos eclesiásticos nem deseja ir para lá. Aceitam ainda menos o “lago que arde com fogo e enxofre” ou a eterna tortura à qual o Deus de amor supostamente condena todos que não creem nas interpretações teológicas da Idade Média, dos fundamentalistas modernos ou dos homens de igreja irracionais que procuram – por meio da doutrina, do medo e da ameaça – manter as pessoas alinhadas com os antigos e obsoletos ensinamentos.

A verdade essencial reside em outra parte. “O que o homem semear, isso colherá”, é a verdade que deve ser novamente enfatizada. Nestas palavras, São Paulo nos expressa o antigo e verdadeiro ensinamento da Lei de Causa e Efeito, no Oriente denominada Lei do Carma. A isto agrega, em outro trecho, o preceito “opere a sua própria salvação” e – como isso contradiz o ensinamento teológico e, como não é possível fazê-lo em uma única vida – implicitamente respalda a Lei de Renascimento e faz da escola da vida uma experiência recorrente até que o homem tenha cumprido o mandado do Cristo (e isto se refere

a todos os homens): “Sede, pois, perfeitos, como vosso Pai no Céu é perfeito”. Pelo reconhecimento dos resultados da ação – bons ou maus – e por voltar a viver constantemente na Terra, o homem alcança finalmente “a medida da estatura da plenitude do Cristo”.

A realidade desta divindade inata explica o impulso no coração de todo homem por melhorar, adquirir experiência, progredir, por uma realização crescente e por seu constante avanço para a longínqua altura que visualizou. Não há outra explicação para a capacidade do espírito humano de despontar da escuridão, do mal e da morte, e entrar na vida e no bem. Esta emersão é a inabalável história do homem. Algo está sempre acontecendo na alma humana que projeta o homem para mais perto da Fonte de todo o bem, e nada na Terra pode deter este progresso para mais perto de Deus.

3. O Cristo e a Hierarquia

A terceira grande verdade espiritual e essencial é a realidade do Cristo, o Cristo vivo, presente entre Seu povo, cumprindo Sua promessa “Eis que estarei sempre convosco até o fim dos dias”, fazendo sentir cada vez mais a Sua presença, à medida que os homens se aproximam mais estreitamente d’Ele e de Seu grupo de discípulos e trabalhadores mundiais. A igreja enfatizou (e ainda hoje enfatiza) o Cristo morto. Os homens se esqueceram de que Ele vive, embora na Páscoa haja uma tentativa de reconhecimento desta esperança e crença, em grande parte porque Sua ressurreição garante a nossa própria “ressurreição”, e “porque Ele vive, nós também viveremos”. Não enfatiza a realidade de Sua existência viva e de Sua presença hoje, aqui e agora, na Terra, exceto por meio de vagas e esperançosas generalidades. Os homens se esqueceram do Cristo que vive conosco na Terra, cercado por Seus discípulos, os Mestres da Sabedoria, facilmente acessível para os que se aproximam corretamente e salvando os homens pela força de Seu exemplo e pela expressão da vida que existe n’Ele e que está em todo homem, ainda sem demonstração e largamente inexplorada pela maioria.

Na futura expressão religiosa do mundo, a relevância estará nestas verdades. Será proclamada a vida e não a morte; será ensinado como atingir o status espiritual por meio da vida espiritual, e a meta será a realidade da existência daqueles que o alcançaram e que trabalham com Cristo para ajudar e salvar a humanidade. A realidade da Hierarquia espiritual do nosso planeta, a capacidade do gênero humano de se pôr em contato com seus Membros e de trabalhar em cooperação com Eles, e a existência d’Aqueles que sabem qual é a vontade de Deus e podem trabalhar inteligentemente com essa vontade – são estas as verdades sobre as quais se baseará o futuro ensinamento espiritual.

A realidade da existência desta Hierarquia e seu Guia supremo, o Cristo, é hoje reconhecida conscientemente por centenas de milhares de pessoas, embora ainda negada pelo ortodoxo. Tantos conhecem esta verdade e tantas pessoas íntegras e dignas estão cooperando conscientemente com os Membros da Hierarquia, que os antagonismos eclesiásticos e os comentários depreciativos dos homens de mentalidade concreta são infrutíferos. Os homens estão passando da autoridade doutrinal para a experiência direta, pessoal e espiritual; estão ficando sob a autoridade direta que o contato com o Cristo e Seus discípulos, os Mestres, sempre confere.

O Cristo em cada homem é a garantia da nossa realização espiritual final; o Cristo como exemplo vivo dessa realização, o Qual, por nós, penetrou no véu, deixando-nos o exemplo de que deveríamos seguir Seus passos; o Cristo que vive eternamente e que permaneceu conosco durante dois mil anos, velando por Seu povo, inspirando Seus discípulos ativos, os Mestres de Sabedoria, aqueles “homens justos, feitos perfeitos” (como a Bíblia os denomina); o Cristo que demonstra a possibilidade desta consciência espiritual viva e em manifestação (que recebeu a denominação um tanto vaga de “consciência crística”) que conduz cada homem, oportunamente – sob as Leis do Renascimento e de Causa e Efeito – à perfeição suprema; são estas as verdades que a igreja algum dia endossará, ensinará e expressará através das vidas

e palavras de seus expoentes. Esta mudança na apresentação doutrinal resultará em uma humanidade muito diferente da atual; produzirá uma humanidade que reconhecerá a divindade em todos os homens, em diferentes etapas de manifestação, uma humanidade que não apenas espera o retorno do Cristo, como tem a certeza de Sua vinda e reaparecimento – não de algum distante Céu, mas do lugar na Terra onde sempre esteve, conhecido e alcançado por inúmeros milhares de pessoas, mas mantido à distância pelas teologias e táticas de medo da igreja.

Sua vinda não será tanto um retorno triunfal para uma igreja conquistadora (conquistadora porque as igrejas fizeram um bom trabalho), mas um reconhecimento de Sua existência real por aqueles que, até então, estiveram cegos à Sua presença junto a eles e ao fato de Seu posto e atividades, incessantemente implementados na Terra. Ele não retorna para reinar, pois jamais deixou de reinar, de trabalhar e de amar; mas para que os homens reconheçam os sinais de Suas atividades e de Sua presença e saibam que é Ele quem está depondo as igrejas pela força de Sua influência sobre os corações e as vidas dos homens. Os homens então compreenderão que a palavra “espiritual” pouco tem a ver com religião, como foi até agora seu maior significado, mas que indica atividade divina em toda fase da vida humana e do pensamento humano; captarão a formidável verdade de que uma economia sólida, um claro humanitarismo, uma educação eficaz (que prepara os homens para a cidadania mundial) e uma ciência, dedicada ao melhoramento humano, são todas atividades profundamente espirituais e, em sua utilidade conjunta, constituem um corpo de verdade religiosa; os homens descobrirão que a religião organizada é somente uma fase desta experiência global da divindade.

Portanto, o Cristo certamente virá, de três maneiras. Ele virá à medida que os homens reconhecerem que Ele sempre esteve aqui, desde que, aparentemente, deixou a Terra; Ele virá também no sentido de que sobrepairará, inspirará e guiará diretamente e parlamentarará pessoalmente com Seus discípulos avançados, à medida que trabalham no campo do mundo, no esforço de estabelecer corretas relações humanas e se tornam conhecidos como os Agentes diretores da vontade de Deus; Ele também virá nos corações dos homens de todas as partes, manifestando-se como o Cristo que mora internamente, lutando para alcançar a luz e influenciando as vidas dos homens para o reconhecimento consciente da divindade. Os homens, em grande escala, passarão então pela experiência de Belém, o Cristo nascerá neles e eles se tornarão “homens novos”.

A igreja do futuro trabalhará para disseminar estas verdades existentes, trazendo uma grande regeneração ao corpo da humanidade, uma ressurreição à vida e o restabelecimento da vida de Deus na Terra através de uma humanidade consciente do Cristo.

Quando isto tiver assumido grandes proporções e o reconhecimento destas verdades for em nível mundial, teremos o restabelecimento dos Mistérios, o conseqüente entendimento de que o Reino de Deus está na Terra, e que o homem, de fato e em verdade, foi feito à imagem de Deus e inevitavelmente – no passar do tempo e por meio da disciplina da vida – deverá manifestar sua divindade essencial, como fez o Cristo.

4. A Fraternidade do Homem

Muito se escreveu e disse, se pregou e falou sobre a fraternidade. Tanto foi dito e tão pouca fraternidade foi praticada, que a palavra caiu no descrédito. Contudo, a palavra é um enunciado da origem subjacente e da meta da humanidade e é a tônica do quarto reino na natureza, o humano.

A fraternidade é um grande fato natural; todos os homens são irmãos; sob as diversidades de cor, credo, culturas e civilizações, há apenas uma humanidade, sem distinção nem diferenças em sua natureza essencial, origem, objetivos mentais e espirituais, capacidades, qualidades e modo de desenvolvimento

e expansão evolutiva. Nestes atributos divinos (pois isso é o que são) todos os homens são iguais; somente com relação ao tempo e na medida do progresso alcançado na revelação da divindade inata em toda sua plenitude, as diferenças temporárias se tornam aparentes. São as diferenças temporárias e os pecados que a ignorância e a inexperiência revelam que açambarcaram a atenção das igrejas, a ponto de excluir a penetrante e aguda visão do divino em cada homem. É a realidade da fraternidade que as igrejas devem começar a ensinar – não da perspectiva de um Deus transcendente, um Pai externo insondável – mas da perspectiva da vida divina, eternamente presente em todo coração humano, eternamente lutando para se expressar através de indivíduos, nações e raças.

A verdadeira expressão desta fraternidade bem compreendida deve vir inevitavelmente pelo estabelecimento de corretas relações humanas e o cultivo da boa vontade. Os eclesiásticos se esqueceram da sequência contida na canção do anjo: “Glória a Deus nas alturas, paz na Terra, boa vontade para com os homens”. Não conseguiram compreender e, portanto, ensinar, que só à medida que a boa vontade se manifesta na vida diária dos homens as corretas relações humanas podem ser estabelecidas e a paz vir à Terra; também deixaram de compreender que não há glória a Deus até que haja paz na Terra, mediante a boa vontade entre os homens. As igrejas se esqueceram de que todos os homens são filhos do Pai e, portanto, irmãos; que todos os homens são divinos, que alguns homens já são conscientes de Deus e estão expressando a divindade e que outros não; passaram por alto o fato de que, em razão do grau de evolução, alguns homens conhecem o Cristo, porque o Cristo está ativo neles, enquanto outros estão somente lutando para ativar a vida crística; outros, ainda, são totalmente inconscientes do Ser divino, profundamente oculto em seus corações. Há apenas uma diferença em grau de consciência; não há diferença em natureza.

5. As Aproximações Divinas

A todas as verdades mencionadas, essenciais ao desenvolvimento humano, mais uma deve ser acrescentada. Trata-se da verdade apenas vagamente percebida, por ser uma verdade maior que qualquer outra das apresentadas até agora à consciência do gênero humano. É maior porque se relaciona com o Todo, e não somente com o homem individual e sua salvação pessoal. É uma extensão da abordagem individual à verdade. Vamos chamá-la de verdade referente às grandes Aproximações Cíclicas do divino ao humano, da qual todos os Salvadores e Instrutores do mundo são símbolo e garantia. Em certos decisivos momentos ao longo das eras, Deus se aproximou mais de Seu povo e, ao mesmo tempo, a humanidade fez grandes esforços, embora em geral inconscientemente, de se aproximar de Deus. De certo ângulo, seria possível considerar que o Deus transcendente reconhece o Deus imanente, e o Deus no homem alcança o Deus no Todo e maior que o Todo. No que diz respeito a Deus, atuando através do Regente da Hierarquia espiritual e seus Membros, este esforço foi intencional, consciente e deliberado; no que diz respeito ao homem, no passado foi em grande parte inconsciente, imposto sobre a humanidade pela tragédia das circunstâncias, pela necessidade desesperadora e pela força impulsionadora da consciência crística imanente.

Estas grandes Aproximações podem ser rastreadas ao longo dos séculos; toda vez que aconteceu uma delas, houve uma compreensão mais clara do propósito divino, uma nova e intensa revelação de qualidade divina, a instituição de determinado aspecto de um novo credo mundial e a emissão de uma nota que produziu uma nova civilização e cultura ou um vivo reconhecimento da relação entre Deus e o homem ou do homem e seu irmão.

No remoto passado da história (como indicam os símbolos e as Bíblias do mundo) houve uma primeira Aproximação importante, quando Deus prestou atenção no homem e algo aconteceu – sob a ação e a vontade de Deus, o Criador, Deus transcendente – que afetou o homem primitivo e ele “se tornou uma alma viva”. À medida que irrompeu o anseio por um bem indefinido e incompreendido nos incipientes

anseios do homem irreflexivo (literalmente incapaz de pensar nessa etapa), isso evocou uma resposta da Deidade; Deus se aproximou do homem e o homem foi imbuído da vida e energia que, no transcurso do tempo, o habilitou a se reconhecer como filho de Deus e, a certa altura, a expressar perfeitamente essa filiação. O sinal desta Aproximação foi o aparecimento da faculdade mental no homem. Foi implantado nele o poder embrionário de pensar, de raciocinar e de saber. A Mente universal de Deus se refletiu na minúscula mente do homem.

Posteriormente, como nos foi dito, quando os poderes mentais da humanidade primitiva o justificaram, foi possibilitada outra Aproximação entre Deus e o homem, entre a Hierarquia espiritual e a humanidade, e se abriu a porta para o Reino de Deus. O homem aprendeu que podia entrar no caminho para o Lugar Sagrado por meio do amor. Ao princípio mental se agregou – novamente pela força da invocação e da resposta evocada – outro atributo ou princípio divino, o do amor.

Estas duas grandes Aproximações possibilitaram que a alma humana expressasse ou manifestasse dois aspectos da divindade: Inteligência e Amor. A inteligência hoje está florescendo através do conhecimento e da ciência; no entanto, ainda não desenvolveu em grande escala a sua latente beleza de sabedoria; hoje o amor está apenas começando a ocupar a atenção humana; seu aspecto menor, a Boa Vontade, só agora está sendo reconhecida como uma energia divina e ainda é uma teoria e uma esperança.

O Buda veio personificando em Si mesmo a divina qualidade da sabedoria; Ele foi a manifestação da Luz, e o Instrutor do caminho de iluminação. Demonstrou em Si mesmo os processos de iluminação e se tornou “o Iluminado”. Luz, sabedoria, razão, como atributos divinos, assim como humanos, se enfocaram no Buda. Ele estimulou o povo a percorrer o Caminho de Iluminação, do qual são aspectos a sabedoria, a percepção mental e a intuição.

Veio depois o grande Instrutor seguinte, o Cristo. Ele personificou em Si mesmo um princípio divino ainda maior – maior do que a Mente, o Amor; ao mesmo tempo, acolheu dentro de Si mesmo tudo o que o Buda tinha de luz. O Cristo foi a expressão de luz e amor. O Cristo também levou à atenção humana três conceitos profundamente necessários:

1. O extremo valor do individual filho de Deus e a necessidade de um intenso esforço espiritual.
2. A oportunidade, apresentada à humanidade, de dar um grande passo adiante e vivenciar o novo nascimento.
3. O método pelo qual o homem poderia entrar no Reino de Deus, verbalizado para nós em Suas palavras: “Ama a teu próximo como a ti mesmo”. Esforço individual, oportunidade grupal e identificação de uns com os outros – eis a mensagem do Cristo.

Tivemos assim quatro grandes Aproximações do divino ao humano – duas maiores e duas menores. As Aproximações menores nos esclareceram sobre a verdadeira natureza das grandes Aproximações e nos mostraram como o que foi conferido à raça na história remota constitui um patrimônio divino e a semente da perfeição final.

Uma quinta Aproximação é possível agora e ocorrerá quando a humanidade tiver posto a casa em ordem. Uma nova revelação está pairando sobre o gênero humano, e para ela as quatro Aproximações anteriores prepararam a humanidade. Um novo Céu e uma nova Terra estão a caminho. As palavras “um novo Céu” significam todo um novo conceito sobre o mundo das realidades espirituais e, talvez, sobre a própria natureza de Deus. Não seria possível que as nossas ideias atuais de Deus como Mente Universal, Amor e Vontade possam se enriquecer com alguma nova ideia e qualidade para as quais ainda não temos

denominação ou palavra e das quais não temos a menor compreensão? Cada um dos três conceitos relativos à natureza da divindade – mente, amor e vontade – eram inteiramente novos quando foram apresentados pela primeira vez à humanidade.

O que trará para a humanidade esta quinta Aproximação, não sabemos nem podemos saber. Certamente trará resultados tão definidos à consciência humana como fizeram as Aproximações anteriores. Há alguns anos, a Hierarquia espiritual do nosso planeta vem se aproximando da humanidade e esta aproximação é responsável pelos grandes conceitos de liberdade que são tão caros aos corações dos homens de todas as partes. O sonho de fraternidade, de associação, de cooperação mundial e de paz, com base em corretas relações humanas, está se tornando cada vez mais claro em nossas mentes. Também estamos entrevendo uma nova e vital religião mundial, um credo universal que terá raízes no passado, mas que deixará clara a nova beleza que desponta e a futura revelação vital.

De uma coisa podemos estar certos, esta quinta Aproximação, de alguma forma – profundamente espiritual, mas totalmente objetiva – provará a verdade da imanência de Deus e provará também a estreita relação entre Deus transcendente e Deus imanente, pois as duas expressões de Deus são verdadeiras.

IV. A Regeneração das Igrejas

Podem as igrejas, tanto no Oriente como no Ocidente ser regeneradas, purificadas e alinhadas com a verdade divina? Podem de fato assumir a tarefa que proclamam em alto e bom som como própria e se tornar autênticas dispensadoras da verdade e representantes do reino de Deus na Terra? A resposta é sim. Estas mudanças podem ser feitas e essa possibilidade pode ser demonstrada pelo reconhecimento de certos fatores que muitas vezes são negligenciados.

Um otimismo profundo e sadio é inteiramente possível, mesmo em meio às desalentadoras condições. O coração da humanidade é sadio; Deus, em Sua própria natureza, e com todo o Seu poder, está presente na pessoa de cada homem, ainda não revelado na maioria, mas eternamente presente e avançando para a plena expressão. Nada é nem foi capaz de impedir o gênero humano de um firme progresso da ignorância para o conhecimento e das trevas para a luz. O primeiro grande verso da oração mais antiga no mundo, “Conduza-nos das trevas para a Luz”, foi cumprido em grande medida. Hoje, estamos à beira de ver a resposta ao segundo verso: “Conduza-nos do irreal para o Real”. Isto bem poderia ser o destacado efeito da vindoura quinta Aproximação.

Deus não é como foi apresentado; a salvação não é alcançada como ensinam as igrejas; o homem não é o miserável pecador que o clero o obriga a crer. Tudo isto é irreal, mas o Real existe; existe tanto para as igrejas e para os representantes profissionais da religião organizada como para qualquer outro homem ou grupo. Os homens da igreja são tão fundamentalmente divinos, tão sadios e estão com toda a certeza a caminho da iluminação como qualquer outro grupo de homens na Terra. A salvação das igrejas repousa na humanidade de seus representantes e em sua divindade inata, como também, certamente, a salvação das massas de homens. Duras palavras para a igreja.

Homens grandes e bons, santos e humildes, estão servindo como sacerdotes em toda igreja, procurando viver no silêncio e na quietude como o Cristo queria que vivessem e dando exemplo de consciência crística e demonstrando sua estreita e reconhecida relação com Deus.

Que estes homens se levantem e, em seu poderio espiritual, eliminem das igrejas os doutrinários de mente materialista e estreita, os quais mantêm a igreja como o que é hoje; que intensifiquem o fogo em seus corações e se acerquem – com deliberação e compreensão – do Cristo, ao Qual servem; que congreguem mais perto da Hierarquia aqueles que estão procurando ajudar; que descartem – sem contenda, comentário ou indignação – as doutrinas que mantêm as pessoas em uma prisão mental e

apresentem os poucos e verdadeiros ensinamentos aos quais respondem os corações de todos os homens em todas as partes. Que tenham coragem e disposição, otimismo e alegria, pois as forças do mal foram muito debilitadas e as massas de homens estão despertando rapidamente para os verdadeiros valores espirituais; que saibam que o Cristo e a verdadeira Igreja interna estão do seu lado; portanto, a vitória já lhes pertence.

Os processos da evolução podem ser longos, mas são comprovados e seguros e nada pode deter o avanço para o Reino de Deus. A humanidade deve progredir; etapa por etapa e ciclo após ciclo, a humanidade se aproxima cada vez mais da divindade, descobre uma luz mais brilhante e conquista um crescente conhecimento de Deus. Deus, na pessoa do Cristo e de Seus discípulos, também se aproxima mais dos homens. Como foi no passado, certamente será no futuro; revelação sucederá revelação, até que a grande Vida Animadora do nosso planeta (denominada na Bíblia como “Ancião dos Dias”) fique finalmente revelada em toda a glória; então Ele Mesmo se aproximará de Seu povo regenerado e purificado.

Outro ponto a lembrar é que a esperança reside na nova geração – esperança pelo repúdio ao antigo e indesejável, esperança devido à sua incessante demanda por luz espiritual, esperança devido à rapidez com que reconhecem a verdade onde quer que se encontre (na igreja ou fora dela) e esperança porque, tendo nascido em meio a um mundo em ruínas e em um caos generalizado, estão prontos para reconstruí-lo.

A igreja então proclamará que os homens podem se aproximar de Deus, não através da mediação, da absolvição ou intercessão de qualquer sacerdote ou eclesiástico, mas por direito da divindade inerente no homem. O dever de todo eclesiástico será evocar, pelo exemplo, a energia do amor aplicado e prático (não expresso por meio de um desgastante paternalismo) e pelo esforço unificado do clero de todos os credos em todas as partes do mundo.

As igrejas no Ocidente precisam compreender que basicamente há só uma igreja, mas que não é necessariamente apenas a instituição ortodoxa cristã; Deus atua de muitas maneiras, através de muitos credos e agentes religiosos; na união deles será revelada a plenitude da verdade. Eis aí uma razão para a eliminação das doutrinas não essenciais.

V. A Nova Expressão Religiosa do Mundo

De que maneira tomarão forma a nova apresentação da religião e os novos ritos e cerimônias? Uma nova apresentação é profundamente desejada, como também aguardada com esperança por aqueles para os quais a atitude religiosa é de importância fundamental. Quais são os sinais de isto está vindo? Quais devem ser os passos preliminares? Há indícios de tendências em desenvolvimento que nos levariam a crer em seu aparecimento, afinal?

Surgem muitas interrogações. Muito do que se poderia dizer em resposta, o céptico e o ortodoxo considerariam pura especulação. A presente atitude das igrejas pareceria negar qualquer possibilidade de uma religião ecumênica neste momento – se é que haverá; as divergências em doutrina e na aproximação a Deus pareceriam frustrar qualquer uniformidade de abordagem. Necessariamente, a estrutura externa da Nova Religião Mundial tardará em se manifestar; há pouca probabilidade de que surja plenamente durante a atual geração. Entretanto, já há sinais no horizonte de seu surgimento, e o alvorecer do claro pensar os está revelando; o esquema diretor já está traçado. A atitude interna da humanidade e alguns poucos acontecimentos externos indicam um verdadeiro reconhecimento interno da necessidade de revisão da religião ortodoxa e de uma revitalização de sua influência espiritual. Estes são sempre os passos preliminares para a criação. A realização subjetiva sempre precede a manifestação objetiva e, neste caso, assim é hoje.

A humanidade está reconhecendo a necessidade de uma aproximação a Deus mais vital e inteligente; os homens estão cansados de diferenças e disputas doutrinárias e dogmáticas; o estudo de Religião Comparada demonstrou que as verdades fundamentais de todos os credos são idênticas. Devido a esta universalidade, evocam reconhecimento e resposta dos homens de todas as partes. As organizações clericais existentes, e sua atitude combativa frente às religiões e credos diferentes dos seus são, na realidade, o único fator que milita contra a unidade espiritual de todos os homens em todas as partes.

Apesar de tudo isso, a estrutura da nova expressão religiosa no mundo está sendo erguida pelos grupos dissidentes dentro das igrejas institucionais, pelos inúmeros grupos mundiais que apresentam o conceito de Deus imanente, mesmo quando o fazem com motivação egoísta e com ênfase málsã nos poderes da divindade interna para prover saúde perfeita, dinheiro em abundância, êxito fácil nos negócios e reputação intacta!

A nova expressão religiosa também está se expressando através do trabalho dos grupos esotéricos em todo o mundo, devido à especial ênfase na realidade da Hierarquia espiritual, na função e no trabalho do Cristo e na técnica de meditação por meio da qual é possível alcançar a clara percepção da alma (ou consciência crística). A oração se expandiu até se converter em meditação; o desejo se elevou até se converter em aspiração mental e isto é substituído por um senso de unidade e pelo reconhecimento do Deus imanente, o que leva, oportunamente, à unificação com o Deus transcendente.

É neste ponto que a Ciência de Invocação e Evocação pode às vezes substituir as técnicas anteriores. Toda a humanidade está avançando para a área de compreensão mental. A natureza mesquinha das preces dos homens comuns (baseadas que são no desejo de alguma coisa) durante muito tempo incomodou as pessoas inteligentes; a imprecisão da meditação, ensinada e praticada no Oriente e no Ocidente (com sua tônica enfaticamente egoísta, liberação pessoal e satisfação pessoal), também está provocando objeção. Algo maior e mais amplo que o desejo e a liberação individuais está sendo registrado. Muitos grupos estão se engajando nestas mudanças o que, em si, é bastante promissor.

No conjunto destes grupos – no interior das igrejas ou fora delas – há núcleos da nova expressão religiosa. A isto se somam as atividades do movimento espírita, não sob a ênfase nos fenômenos (muitos dos quais são forjados ou imaginários, embora alguns sejam reais e verdadeiros) mas do ângulo de sua certeza sobre a imortalidade humana e as comprovações que reuniu. Os espíritas ainda não conseguiram provar a imortalidade; conseguiram provar a sobrevivência e, assim, deram uma valiosa contribuição à estrutura da nova expressão religiosa para o mundo.

Os poderes de comunicação telepática, em lento desenvolvimento, e o reconhecimento pela ciência da percepção extrassensorial também estão desempenhando seu papel na demonstração do mundo da vida e dos valores não tangíveis; todos estes fatores demandam e “substanciam”⁴ a demanda por uma nova apresentação da religião que será de alcance incluyente e não excluyente – como acontece hoje. A religião do futuro provará o progresso da humanidade ao reconhecer um Plano divino, historicamente provado. A disciplina e o treinamento cientificamente aplicados habilitarão a humanidade a atuar sob o controle da divindade interna, ou homem espiritual interno; tal treinamento também lhes revelará a realidade de Deus imanente em todas as formas e lhes permitirá participar desse grande movimento planetário – que agora vem lentamente se realizando – mediante o qual Deus imanente está entrando em uma relação mais estreita com Deus transcendente, por intermédio da Hierarquia espiritual da Terra.

⁴ N. do T.: No original em inglês: "sub-stand". De sub+stare (debaixo + permanecer), que forma substância”.

A nota-chave da nova expressão religiosa é Aproximação Divina. “Aproxima-te d’Ele e Ele se aproximará de ti”, é o mandado, que hoje emana da Hierarquia, em novas e claras notas. O grande tema desta nova expressão religiosa para o mundo será a unificação das grandes Aproximações divinas; a tarefa diante das igrejas é preparar a humanidade, por meio de movimentos organizados e espirituais, para a quinta e iminente Aproximação; o método empregado será o uso científico e inteligente da Invocação e Evocação e o reconhecimento de sua extraordinária potência; o objetivo da futura Aproximação, do trabalho preparatório e da invocação é revelação – uma revelação que sempre foi dada ciclicamente e que hoje está em condições de ser aceita pelo homem.

A invocação é de três tipos: primeiro, temos a demanda da massa, emitida de maneira inconsciente, e o nítido apelo que aperta os corações dos homens em todos os tempos de crise, como atualmente. Este clamor invocativo se eleva incessantemente de todos os homens que vivem em meio ao desastre e se dirige ao poder externo a eles, que sentem que pode vir e viria em auxílio no momento de uma situação extrema. Esta grande e inarticulada invocação está se elevando hoje em todas as partes. Em seguida, há o espírito invocativo, que mostram os homens sinceros que participam dos ritos de sua religião e aproveitam a oportunidade de veneração e oração unidas para elevar ante Deus seu pedido de ajuda. Este grupo, somado à massa de homens, cria um enorme corpo de buscadores invocadores e, nesses dias, sua intenção unida está em grande evidência e sua invocação está se elevando ao Altíssimo. Finalmente, há os discípulos e aspirantes treinados do mundo, que usam certas fórmulas verbais, determinadas invocações cuidadosamente definidas e – à medida que o fazem – enfocam o clamor invocativo e o apelo invocativo dos outros dois grupos, dando-lhes correta direção e poder. Estes três grupos estão, consciente ou inconscientemente, entrando em atividade neste momento e seu esforço unido garante a evocação resultante.

Este novo trabalho invocador será a nota-chave da vindoura religião e se dividirá em duas partes. O trabalho invocador das massas, das pessoas de todas as partes, treinadas pelas pessoas do mundo espiritualmente orientadas (que atuarão nas igrejas quando possível, sob um clero iluminado) para que aceitem que a aproximação das energias espirituais, enfocadas através do Cristo e Sua Hierarquia espiritual é uma realidade, e treinadas também para verbalizar sua demanda de luz, liberação e compreensão. Haverá também o trabalho eficiente de invocação, como praticam aqueles que treinaram as mentes por meio da correta meditação, que conhecem a potência das fórmulas, mantras e invocações e que trabalham conscientemente. Usarão cada vez mais certas grandes fórmulas de palavras que, posteriormente, serão dadas à raça, assim como o Cristo deu o Pai Nosso e a Hierarquia deu agora a nova invocação para ser utilizada.

Esta nova ciência da religião para a qual a oração, a meditação e o ritual prepararam a humanidade, treinará seus seguidores a apresentar – em dados períodos ao longo do ano – a demanda expressa das pessoas do mundo por relação com Deus e por uma relação espiritual mais estreita entre eles. Este trabalho, quando implementado corretamente, evocará resposta da Hierarquia, que espera, e de Seu Guia, o Cristo. Por esta resposta, a crença das massas se transformará, gradualmente, na convicção dos conhecedores. Desta maneira, a massa de homens será transformada e espiritualizada, e os dois grandes centros divinos de energia ou grupos – a Hierarquia e a própria Humanidade – começarão a trabalhar em completa sintonia e unidade. O Reino de Deus então estará atuando de fato e em verdade na Terra.

Ficará evidente que esta técnica de invocação e evocação tem raízes em antigos métodos de aproximação dos homens à Deidade. Os homens há muito usam o método da oração com importantes e profundos resultados espirituais, apesar do frequente uso impróprio, para fins egoístas; as pessoas mais inteligentes e mais enfocadas mentalmente empregaram, de maneira mais geral, o método de meditação, visando chegar ao conhecimento de Deus, despertar a intuição e compreender a natureza da verdade. Estes dois métodos, a oração e a meditação, levaram a humanidade aos diversos reconhecimentos espirituais que

distinguem o pensamento humano; por seu intermédio também se produziram os Textos Sagrados do mundo e os grandes conceitos espirituais que condicionaram a vida humana e conduziram o homem de uma revelação para outra, encontraram caminho nas mentes dos homens. Também o culto exerceu seu papel e procurou organizar grupos de crentes em uma aproximação a Deus orientada e unida; no entanto, a ênfase permaneceu no Deus transcendente e não no Deus imanente. Quando o Deus imanente em todo coração humano despertar e atuar (mesmo que apenas em pequena medida), a potência do culto, como ato invocativo de aproximação a Deus, demonstrará resultados surpreendentes e milagrosos. Evocará do Cristo e Seu grupo de trabalhadores, uma resposta que ultrapassará as esperanças mais profundas do homem.

A estes dois grandes conceitos subjacentes à vindoura expressão religiosa – Aproximação a Deus e Invocação e Evocação – somemos o conceito sumamente moderno da energia como base de toda vida, forma e ação, e meio de todas as relações. A ciência já reconheceu a força da mente para estabelecer um vínculo telepático harmonioso; o poder mental hoje é registrado como energia, com a qual é possível fazer contato, reconhecer e produzir uma atividade recíproca. A oração sempre o reconheceu, sem tentar explicar o modo pelo qual os fenômenos se produzem por meio dela. Na oração, na meditação e no culto, porém, sem dúvida há um fator energético, que vai *disto* para *aquilo* e, em muitos casos, produz a desejada resposta, de uma forma ou de outra. A meditação também é uma energia, que põe em movimento potências capazes de eliminar certos aspectos do pensamento e atrair outros, como percepções, ideias e reconhecimentos espirituais. Sempre se soube que o culto, quando devidamente orientado e enfocado, produz um estímulo grupal até o êxtase ou a histeria, Pentecostes ou revelação. A estes três – Oração, Meditação e Culto – some-se agora a invocação consciente, mais uma treinada expectativa de uma evocação recíproca.

Há também muitas formas de energia e muitas potências espirituais que ainda não são de reconhecimento geral, dos quais os Festivais das igrejas de todas as religiões dão testemunho; tais potências são liberadas durante o período dos Festivais. Neste livro não é possível tratar do tema em detalhes. Porém podemos indicar a linha de pensamento geral que produzirá e condicionará a futura expressão religiosa no mundo, que a vinculará com tudo de bom que o passado deu, que a tornará espiritualmente eficaz no futuro e que hoje, lentamente, condicionará a aproximação do homem a Deus – uma aproximação que, pela primeira vez na história, pode ser organizada em escala mundial e empreendida conscientemente. Isto indica que, devido à desesperada necessidade do homem, devido à crise pela qual a humanidade acaba de passar ou está passando agora, os homens e mulheres de visão e de pensamento inclusivo, de todas as igrejas de todos os credos do mundo, darão fim às diferenças doutrinárias, estabelecerão de comum acordo as verdades religiosas essenciais e, em seguida, de maneira unida e com certa uniformidade de ritual e cerimonial, se aproximarão juntos do centro de poder espiritual.

É pedir e esperar muito da humanidade na hora de necessidade do homem? Não podem os membros iluminados das atuais grandes religiões mundiais do Oriente e do Ocidente se unir e planejar tal tarefa invocativa e assim, juntos, inaugurar o modo de Aproximação espiritual que sirva ao propósito de unificar esforços e estabelecer pelo menos a semente desta nova expressão religiosa?

Não será difícil estabelecer certa uniformidade de procedimento, uma vez que se alcance certa unidade no que diz respeito às essencialidades do espiritual. Tal uniformidade, cuidadosamente determinada, ajudará a fortalecer mutuamente o trabalho dos homens de todas as partes e reforçará poderosamente a corrente de energia de pensamento que pode ser direcionada às Vidas espirituais que trabalham sob a direção do Cristo e que estão atentamente na expectativa de vir em ajuda da humanidade. No momento presente, a religião cristã tem seus grandes Festivais; o budista celebra seus específicos eventos espirituais e o hindu, ainda, tem outra lista de dias santos, como também os maometanos. Não seria possível que, no mundo futuro, os homens de todas as partes e credos observassem os mesmos dias

santos e se unissem para celebrar os mesmos Festivais? Isto promoveria uma conjugação de recursos espirituais e um esforço espiritual unido, além de uma invocação espiritual simultânea, cuja potência certamente é evidente.

Permitam-nos indicar as possibilidades de tal acontecimento espiritual e profetizar para vocês a natureza de determinados Festivais mundiais futuros. Há três Festivais anuais que todos os homens poderiam celebrar e celebrariam, fácil e normalmente, em uníssono e com uniformidade de perspectiva, os quais os conectaria de maneira muito próxima. Os três Festivais se concentram em três meses consecutivos e levam, portanto, a um prolongado esforço espiritual anual que exerceria efeito durante todo o ano. Serviriam para unir em estreitos laços espirituais os crentes orientais e os ocidentais, pois expressam a divindade em manifestação através do centro onde a vontade de Deus é conhecida, através da Hierarquia espiritual, onde o amor de Deus se expressa plenamente e através da humanidade, cuja tarefa é desenvolver inteligentemente o Plano de Deus em amor e boa vontade para todos os homens.

1. **O Festival da Páscoa.** É o Festival do Cristo ressuscitado, vivo, o Guia da Hierarquia espiritual, Aquele que inaugura o Reino de Deus e é a Expressão do amor de Deus. Neste dia, a Hierarquia espiritual que Ele guia e dirige será universalmente reconhecida, a relação do homem com Ela será enfatizada e a natureza do amor de Deus registrada. Os homens de todas as partes invocarão esse amor, com seu poder de produzir ressurreição e vivência espiritual. Este Festival é determinado sempre na data da primeira Lua Cheia da primavera⁵. Os olhos e pensamentos dos homens estarão fixos na vida, não na morte; a Sexta-Feira Santa deixará de ser um fator na vida das igrejas. A Páscoa será o grande festival do Ocidente.

2. **O Festival de Wesak ou Vaisakha.** É o Festival do Buda, o grande Intermediário espiritual entre o centro onde a vontade de Deus é conhecida e a Hierarquia espiritual. O Buda é a expressão da vontade de Deus, a personificação da Luz e o indicador do propósito divino. Os homens de todas as partes invocarão sabedoria e entendimento e afluência de luz às mentes dos homens de todo o mundo. Este Festival é determinado com relação à Lua Cheia de Maio⁶. É o grande festival do Oriente e já começa a ser reconhecido no Ocidente; milhares de cristãos hoje já celebram o festival do Buda.

3. **O Festival da Humanidade.** Será o festival do espírito da humanidade – que aspira se aproximar mais de Deus, procurando fidelidade à vontade divina sobre a qual o Buda chamou a atenção, dedicado à expressão da boa vontade, que é o aspecto inferior do amor, sobre o qual o Cristo chamou a atenção e foi a expressão perfeita. Será por excelência o dia em que a natureza divina do homem será reconhecida, e enfatizado seu poder de expressar boa vontade e estabelecer corretas relações humanas (devido à sua divindade). É dito que neste festival o Cristo representa a humanidade há quase dois mil anos e se coloca diante da Hierarquia como o Deus-homem, o Guia de Seu povo e “o Primogênito de uma grande família de irmãos”. Será, portanto, um festival de profunda invocação e súplica; expressará a aspiração fundamental pela solidariedade e unidade humana e espiritual; representará o efeito produzido na consciência humana pelo trabalho do Buda e do Cristo. Será celebrado por ocasião da Lua Cheia de Gêmeos.

Se nestes primeiros dias de restauração e da inauguração da nova civilização e do novo mundo, os homens de todos os credos e de todas as religiões, de cada culto e todos os grupos esotéricos celebrarem simultaneamente estes três grandes Festivais de Invocação, com compreensão das implicações de longo alcance, uma grande unidade espiritual seria alcançada; se, unidos, invocarem a Hierarquia espiritual e buscarem conscientemente contato com seu Guia, ocorreria uma grande e generalizada afluência de luz e amor espirituais; se juntos determinarem, com constância e entendimento, se aproximar mais de Deus, quem poderia duvidar dos maravilhosos resultados que, afinal, se veriam? Não só se alcançaria a unidade

⁵ Lua Cheia de Áries. Primavera no hemisfério norte.

⁶ Lua Cheia de Touro.

subjacente entre os homens de todos os credos, não só seria reconhecida a fraternidade como uma realidade e não só a unicidade da nossa origem, meta e vida seria reconhecida, como o que fosse evocado mudaria todos os aspectos da vida humana, condicionaria a nossa civilização, transformaria o nosso modo de vida e faria do mundo espiritual uma realidade dominante na consciência humana.

Deus, na pessoa do Cristo e Sua Hierarquia, se aproximaria mais do Seu povo; Deus, através do Buda, revelaria a Sua luz eterna e evocaria nossa cooperação inteligente; Deus, por meio da Hierarquia espiritual e por meio desse centro onde a vontade de Deus é conhecida, levaria a humanidade ao ponto de ressurreição e a uma percepção espiritual consciente que produziria boa vontade para todos os homens e paz na Terra. A vontade de Deus transcendente se cumpriria por meio de Deus imanente no homem; se expressaria em amor em resposta à obra do Cristo; seria inteligentemente apresentada na Terra porque as mentes dos homens teriam sido iluminadas como resultado de sua invocação unida, a unidade de esforço e a unicidade de compreensão.

Eis o que a humanidade espera; para isto as igrejas devem trabalhar; são estas qualidades e características que condicionarão a nova expressão religiosa do mundo.

A Grande Invocação não é propriedade de nenhum indivíduo ou grupo em especial. Ela pertence a toda a humanidade. A beleza e a força dessa invocação residem em sua simplicidade e na expressão de certas verdades essenciais que todos os homens aceitam inata e normalmente: a verdade da existência de uma Inteligência básica, à qual damos o nome de Deus; a verdade de que, por trás das aparências externas, o Amor é o poder motivador do Universo; a verdade de que veio à Terra uma grande Individualidade, chamada Cristo pelos cristãos, que encarnou esse Amor para que pudéssemos compreendê-lo; a verdade de que o Amor e a Inteligência são consequências da Vontade de Deus e, por fim, a verdade incontestada de que o Plano Divino só pode se desenvolver através da própria humanidade.

A GRANDE INVOCAÇÃO

Desde o ponto de luz na mente de Deus,
Que afluxa Luz às mentes dos homens;
Que a Luz desça à Terra.

Desde o ponto de Amor no coração de Deus,
Que afluxa Amor aos corações dos homens;
Que o Cristo retorne à Terra.

Desde o Centro onde a Vontade de Deus é conhecida,
Que o Propósito guie as pequenas vontades dos homens,
O Propósito que os Mestres conhecem e servem.

Desde o centro a que chamamos raça dos homens,
Que se cumpra o Plano de Amor e Luz
E que se sele a porta onde mora o mal.

Que a Luz, o Amor e o Poder restabeleçam o Plano na Terra.

Capítulo VI

O Problema da Unidade Internacional

A distribuição dos recursos do mundo e a estável unidade dos povos do mundo são, na realidade, uma e a mesma coisa, porque por trás de todas as guerras modernas reside um problema econômico fundamental. Resolva-se isso e as guerras cessarão em grande medida. Em consequência, ao considerar a manutenção da paz, como buscam e enfatizam as Nações Unidas neste momento, evidencia-se de

imediatamente que a paz, a segurança e a estabilidade do mundo estão ligadas, fundamentalmente, ao problema econômico. Quando houver liberdade de viver sem sofrer necessidades, desaparecerá uma das principais causas de guerra. Onde a distribuição das riquezas do mundo é desigual e há uma situação em que algumas nações têm ou tomam tudo e outras nações carecem do básico para a vida, é evidente que há um fator que fomenta dificuldades e que é preciso fazer alguma coisa. Portanto, devemos tratar da unidade e da paz do mundo primordialmente do ângulo do problema econômico.

Com a cessação da Segunda Guerra Mundial, surgiu a oportunidade de inaugurar um novo e melhor estilo de vida, e de estabelecer a segurança e a paz que todos os homens anseiam incessantemente. De imediato, três grupos surgiram no mundo:

1. Os grupos poderosos, reacionários e conservadores, desejosos de manter tanto do passado quanto possível, que possuem grande poder e nenhuma visão.
2. Os idealistas fanáticos de todos os países – comunistas, democratas e fascistas.
3. As massas inertes dos povos de todos os países, ignorantes em sua maior parte, que só desejam a paz depois da tormenta e segurança em vez do desastre econômico; são vítimas de seus governantes, das antigas condições estabelecidas e mantidas desinformadas quanto à verdade da situação mundial.

Todos estes fatores estão produzindo as desordens atuais e condicionando as deliberações das Nações Unidas. Embora não haja uma guerra ativa, não há paz, não há segurança e nenhuma esperança imediata para elas.

É essencial para a felicidade e o progresso futuro da humanidade que não haja retorno às formas antigas, sejam elas políticas, religiosas ou econômicas. Portanto, ao lidar com esses problemas, devemos procurar as condições erradas que levaram a humanidade à situação atual de desastre quase cataclísmico. Estas condições eram resultado de crenças religiosas que não avançaram em sua maneira de pensar ao longo de centenas de anos; de sistemas econômicos que enfatizam o acúmulo de riquezas e de posses materiais e que deixam todo o poder e a produção da terra nas mãos de relativamente poucos homens, enquanto que o resto da humanidade luta pela simples subsistência; e de regimes políticos dirigidos por corruptos, de mente totalitária, que lançam mão de subornos e amam a posição e o poder mais do que a seus semelhantes.

É essencial que haja uma apresentação destas coisas em termos do bem-estar espiritual para a humanidade e uma interpretação mais exata do significado da palavra “espiritual”. Há muito ficou para trás o momento de traçar uma linha demarcatória entre os mundos religioso, político e econômico. A razão da política corrupta e do planejamento ganancioso e ambicioso de tantos líderes do mundo encontra-se no fato de que homens e mulheres de orientação espiritual não assumiram – como dever e responsabilidade espiritual – a liderança dos povos. Deixaram o poder em mãos erradas e permitiram que a liderança ficasse com os egoístas e os indesejáveis.

A palavra “espiritual” não pertence às igrejas nem às religiões do mundo. A “religião pura e imaculada” é caridade pura e seguir o Cristo desinteressadamente. As próprias igrejas são grandes sistemas capitalistas, em especial a Igreja Católica Romana, e pouco evidenciam da mente do Cristo. As igrejas tiveram sua oportunidade, mas pouco fizeram para mudar os corações dos homens ou beneficiar os povos. Agora, de acordo com a lei dos ciclos, as ideologias políticas e o planejamento nacional e internacional estão ocupando a atenção das pessoas e em todas as partes estão se fazendo esforços para estabelecer melhores relações humanas. Isto, aos olhos daqueles que têm orientação espiritual e do colaborador iluminado que trabalha pelo bem da humanidade, é um sinal de progresso e uma indicação

da inata divindade no homem. Verdaderamente espiritual é o que relaciona de maneira correta o homem com o homem e o homem com Deus e o que se manifesta como um mundo melhor e como expressão das Quatro Liberdades em todo o planeta. Para elas, o homem espiritual deve trabalhar.

O Reino de Deus inaugurará um mundo no qual se compreenderá que – em termos políticos – a humanidade, como um todo, é de maior importância que qualquer nação; será uma governança diferente do mundo, construída sobre princípios diferentes daqueles do passado, e no qual os homens introduzirão a visão espiritual em seus governos nacionais, em seu planejamento econômico e em todas as medidas tomadas para promover segurança e corretas relações humanas. Espiritualidade é essencialmente o estabelecimento de corretas relações humanas, a promoção da boa vontade e, afinal, o estabelecimento da verdadeira paz na Terra, como resultado destas duas expressões da divindade.

O mundo hoje está cheio de vozes beligerantes; por toda parte há clamores contra as condições mundiais; tudo está sendo posto à luz do dia; os abusos estão sendo denunciados aos quatro ventos, como o Cristo profetizou que seriam. A razão de todos estes clamores, debates e críticas retumbantes está em que, à medida que os homens despertam para os fatos e começam a pensar e a planejar, eles se dão conta de que a culpa está neles mesmos; suas consciências os perturbam; estão cientes da desigualdade de oportunidades, dos graves abusos, das viscerais diferenças entre homem e homem e do fator de discriminação racial e nacional; questionam as próprias metas individuais e o planejamento nacional. As massas, em todos os países, estão começando a entender que são em grande parte responsáveis pelo que está errado, e que sua inércia, falta de atitudes e pensamento corretos, levaram os assuntos mundiais ao infeliz estado atual. Trata-se de um desafio e nenhum desafio é sempre inteiramente bem-vindo.

Este despertar das massas e a determinação das forças reacionárias e dos interesses monetários de preservar o antigo e combater o novo são responsáveis, em grande parte, pela crise mundial atual. A batalha entre as antigas forças entrincheiradas e o emergente e novo idealismo é o problema de hoje em dia; outros fatores – embora importantes, em termos individuais ou nacionais – são relativamente insignificantes do ponto de vista verdadeiro e espiritual.

A unidade, a paz e a segurança das nações, grandes e pequenas, não serão alcançadas ao se seguir a orientação do capitalista ganancioso ou do ambicioso de qualquer nação e, no entanto, em muitas situações, esta orientação está sendo aceita. Não serão obtidas ao se seguir cegamente uma determinada ideologia, por melhor que possa parecer aos que são condicionados por ela; no entanto, há aqueles que procuram impor sua ideologia específica ao mundo – e não me refiro apenas à Rússia. Tais condições ideais não serão alcançadas ao se assumir uma postura inerte esperando que Deus ou o processo evolutivo mudem as condições; ainda assim, há quem não dê um passo para ajudar, mesmo sabendo com que condições as Nações Unidas têm que lidar.

Unidade, paz e segurança virão pelo reconhecimento – inteligentemente avaliado – dos males que levaram à presente situação mundial, e em seguida pelos passos judiciosos, tolerantes e compreensivos que levarão ao estabelecimento de corretas relações humanas, à substituição do atual sistema competitivo pela cooperação, e pela educação das massas em todos os países na natureza da verdadeira boa vontade e seu poder até agora não utilizado. Isto significará destinar incalculáveis milhões em dinheiro para sistemas corretos de educação, em vez de usá-los em forças bélicas e investi-los em exércitos, esquadras e armas.

É isto que é espiritual; é isto que é importante e é isto pelo qual devem lutar todos os homens. A Hierarquia espiritual do planeta está interessada essencialmente em descobrir os homens que trabalharão ao longo destas linhas; está interessada essencialmente na humanidade, compreendendo que os passos que ela dará no futuro imediato condicionarão a nova era e determinarão o destino do homem. Será um

destino de aniquilamento, de guerra planetária, de fome e peste mundiais, de uma nação contra a outra e de completo colapso de tudo que faz a vida digna de ser vivida? Tudo isto pode muito bem acontecer, se não forem feitas as mudanças fundamentais e com base na boa vontade e na compreensão amorosa. De outro lado, podemos ter um período (difícil, mas útil por ser educativo) de reajustes, de concessões e de renúncias; podemos ter um período de correto reconhecimento da oportunidade compartilhada, de um esforço unido para implementar corretas relações humanas e de um processo educacional que ensinará a juventude de todas as nações a atuar como cidadãos do mundo e não como propagandistas do nacionalismo. O que precisamos ver, acima de tudo – como resultado da maturidade espiritual – é a abolição dos dois princípios que causaram tanto mal no mundo e que se resumem em duas palavras: Soberania e Nacionalismo.

Desunião Mundial

O que, neste momento, parece obstar a unidade mundial e impede que as Nações Unidas cheguem aos acordos necessários que o homem comum está esperando tão ansiosamente? Não é difícil encontrar a resposta, e envolve todas as nações: nacionalismo, capitalismo, rivalidades, ganância cega e estúpida. É um intenso nacionalismo emocional que converte a nação polonesa em um membro tão difícil da família de nações; é o materialismo e o medo, além de uma falta de interesse espiritual, que convertem a França em uma obstrutora tão constante e a levam a trabalhar contra uma ação mundial unida; é a adesão fanática a uma ideologia e a imaturidade nacional que tanto movem as atividades da Rússia; é um capitalismo prevalecente que faz dos Estados Unidos uma das nações mais temidas, além das demonstrações do seu poder armamentista; é o imperialismo, em rápido desaparecimento, que hoje incapacita a Grã-Bretanha, como também sua fixação às responsabilidades e aos territórios que, como hoje está se dando conta, bem poderiam ser entregues às Nações Unidas; a esperança da Grã-Bretanha reside em suas tendências socialistas, que a habilitam a tomar o “caminho do meio” entre o comunismo da Rússia e o capitalismo dos Estados Unidos. É a ganância petulante das nações que escaparam da guerra que está detendo o progresso; são as ações sub-reptícias dos judeus e o ódio que cultivam que também tendem a solapar a esperança de paz; é o caos na Índia e na China que está complicando o trabalho dos bem-intencionados; é o tratamento anticristão e antidemocrático conferido aos negros nos Estados Unidos e na África que está contribuindo para a agitação; é a inércia cega e a falta de interesse das massas dos povos que permitem que os homens errados estejam no poder; é o medo do resto do mundo que faz com que os dirigentes russos mantenham suas populações em total ignorância do posicionamento das outras nações sobre os assuntos mundiais; é o uso errado do dinheiro que colore a imprensa e o rádio na Grã-Bretanha e mais ainda nos Estados Unidos, assim ocultando grande parte da verdade ao povo; é a convulsão da classe trabalhadora em todo lugar que fomenta os tumultos e impõe sofrimento desnecessário ao público; é a grande desconfiança política e internacional, a propaganda mentirosa e a apatia das igrejas que complicam ainda mais o problema. É – acima de tudo – a recusa desse público de enfrentar a vida como ela é e de reconhecer os fatos tais como são. A massa de homens tem que despertar para perceber que o bem é para todos os homens igualmente, e não só para uns poucos grupos privilegiados, e para aprender também que “o ódio cessa não pelo ódio, mas que o ódio cessa pelo amor”. Este amor não é um sentimento, e sim boa vontade prática, expressando-se nas comunidades e entre as nações por meio dos indivíduos.

Tal é o triste e lamentável quadro do mundo hoje, e só os cegos e os indiferentes o negariam. Somente uma arguta compreensão da situação e da origem dos transtornos servirão para impulsionar o gênero humano para empreender a ação necessária. Há outra perspectiva, porém, e há o que equilibrará o mal, embora ainda não o compensará nem o neutralizará totalmente.

Hoje os homens e mulheres de todas as partes – de posição elevada ou modesta, em todas as nações, comunidades e grupos – estão apresentando uma visão de corretas relações humanas que devem

constituir a norma para a humanidade futura. Por todas as partes estão expondo os males que devem ser eliminados e incessantemente instruindo todos com que fazem contato nos princípios da Nova Era. São esses homens que importam. Na política há grandes e sábios estadistas que estão se esforçando para guiar sabiamente as pessoas, mas ainda têm muito o que enfrentar; entre eles, Franklin D. Roosevelt foi o destacado exemplo moderno, pois deu o melhor de si mesmo e morreu servindo a humanidade. Há educadores, escritores e conferencistas esclarecidos em todos os países, que estão procurando mostrar às pessoas o quanto é prático o ideal, o quanto a boa vontade está disponível na humanidade e o quanto é fácil aplicar estes ideais quando há homens e mulheres de boa vontade em número suficiente no mundo para sustentar esta questão. É este o fator importante. Há também cientistas, médicos e agricultores que dedicaram a vida à melhoria da vida humana; há membro das igrejas de todas as crenças que seguem sinceramente os passos do Cristo (embora não sejam os dirigentes) e que repudiam o materialismo que arruinou as igrejas; há incontáveis milhões de homens e mulheres humildes que veem verdadeiramente, pensam com clareza e trabalham arduamente em suas comunidades para estabelecer corretas relações humanas.

Todos desejam segurança, felicidade e relações pacíficas. Porém, até que as Grandes Potências, em colaboração com as nações pequenas, tenham resolvido o problema econômico e compreendido que os recursos da Terra não pertencem a nação alguma, mas a toda a humanidade, não haverá paz. O petróleo do mundo, a riqueza mineral, o trigo, o açúcar e os grãos pertencem a todos os homens, de todos os lugares. São essenciais para a vida diária do homem comum.

O verdadeiro problema das Nações Unidas é duplo: implica na correta distribuição dos recursos do mundo, a fim de haver a liberdade de se viver sem sofrer necessidades, e também em viabilizar uma real igualdade de oportunidades e de educação para todos os homens, em todas as partes. As nações que têm abundância de recursos não são seus donos; são guardiãs das riquezas do mundo e as administram em confiança para seus semelhantes. Inevitavelmente chegará o momento em que – em prol da paz e da segurança – os capitalistas das diversas nações serão obrigados a compreender isto e também obrigados a substituir o antigo princípio da posse gananciosa (que os regeu até agora), pelo princípio da partilha.

Houve um tempo – há cem anos ou mais – em que uma distribuição justa da riqueza do mundo teria sido impossível. Isso não é válido nos dias de hoje. Há estatísticas, cálculos foram feitos, as pesquisas penetraram em todos os campos de recursos da terra e as pesquisas, os cálculos e as estatísticas foram publicados e estão à disposição do público. Os homens no poder em todas as nações sabem exatamente quais são os alimentos, minerais, petróleo e outras necessidades que estão disponíveis para uso mundial, em linhas justas e equitativas. As nações envolvidas, porém, reservam estas mercadorias e as usam como “temáticas de debates e negociação”. O problema da distribuição deixará de ser difícil quando o alimento do mundo se desvencilhar da política e do capitalismo; também é preciso lembrar que há meios adequados de distribuição por mar, terra e ar.

Nada disto ocorrerá, porém, até que as Nações Unidas comecem a falar em termos de humanidade como um todo e não em termos de fronteiras, objetivos técnicos e medos, em termos do valor de negociação do petróleo, como no Oriente Próximo, ou na linguagem de desconfiança e suspeita. A Rússia desconfia do capitalismo dos Estados Unidos e – em menor grau – da Grã-Bretanha; a América do Sul está aprendendo rapidamente a desconfiar dos Estados Unidos, em razão do imperialismo; tanto a Grã-Bretanha como os Estados Unidos desconfiam da Rússia, com base em seu discurso, uso do veto e ignorância sobre o idealismo ocidental.

Contudo, devemos lembrar que há estadistas na Grã-Bretanha, nos Estados Unidos e na Rússia que estão se empenhando em trabalhar para o homem comum e falar em seu nome nas cúpulas de nações. Até agora, porém, a oposição egoísta vem inutilizando este trabalho e os interesses monetários de muitos

países invalidaram seus esforços. A Rússia não tem interesses monetários, mas tem vastos recursos em homens e armas e os põe contra os interesses capitalistas. Assim a guerra prossegue e o homem comum espera desesperado por uma decisão que levará à paz – uma paz fundamentada na segurança e em corretas relações humanas.

Para complicar mais o problema, tenhamos em mente que o Oriente e o Ocidente abordam a vida de ângulos diferentes. A perspectiva oriental é negativa e subjetiva; a ocidental é positiva e científica e, portanto, objetiva. A complicação aumenta com o fato de que a Europa ocidental e a Europa oriental encaram a vida e os problemas modernos de ângulos totalmente diferentes; isto dificulta a cooperação e complica definitivamente os problemas que enfrentam as Nações Unidas. A Igreja e o Estado não estão em harmonia; o capital e o trabalho estão em guerra constante; o homem comum paga o preço e espera justiça e liberdade.

Unidade Mundial

Não há nenhum parecer de perfeição a dar ao mundo nem uma solução que traga alívio imediato. Para os líderes espirituais da raça, certas linhas de ação parecem corretas e garantem atitudes construtivas.

1. A Organização das Nações Unidas, através da Assembleia e Comitês de Segurança, deve ser apoiada; ainda não há outra organização à qual o homem possa recorrer com esperança. Portanto, ele deve apoiá-la, mas, ao mesmo tempo, levar ao conhecimento dos líderes mundiais o que é necessário.
2. O público em geral, em cada nação, deve ser instruído sobre as corretas relações humanas. Acima de tudo, é preciso que as crianças e os jovens do mundo aprendam a manifestar boa vontade para todos os homens em todas as partes, independente de raça ou credo.
3. É preciso dar tempo para os devidos ajustes e a humanidade deve aprender a ser inteligentemente paciente; deve enfrentar com coragem e otimismo o lento processo de construção da nova civilização.
4. É preciso desenvolver, em todos os países, uma opinião pública inteligente e cooperativa, e este desenvolvimento é um dever espiritual de grande importância. Exigirá muito tempo, mas se os homens de boa vontade e se as pessoas espirituais do mundo se tornarem deveras ativos, será possível fazê-lo em vinte e cinco anos.
5. O conselho econômico mundial (ou qualquer organismo que represente os recursos do mundo) deve se desvencilhar da política fraudulenta, da influência capitalista e seus tortuosos métodos; deve liberar os recursos da Terra para uso da humanidade. Será uma longa tarefa, porém possível, havendo uma apreciação melhor da necessidade do mundo. Uma opinião pública iluminada fará com que as decisões do conselho econômico sejam práticas e viáveis. Partilha e cooperação devem ser ensinadas, em vez de ganância e rivalidade.
6. Deve haver liberdade para viajar por todas as partes, em qualquer direção e em qualquer país; por meio do livre intercâmbio, membros e ramos da família humana podem se conhecer melhor e se apreciar mutuamente; passaportes e vistos devem ser descontinuados, pois são símbolos da grande heresia da separatividade.
7. Os homens de boa vontade de todas as partes devem se mobilizar e definir o trabalho; de seus esforços depende o futuro da humanidade; existem milhões deles em todas as partes e – uma vez organizados e mobilizados – representam um vasto setor do público pensante.

Por meio do constante, sólido e bem organizado trabalho dos homens de boa vontade em todo o mundo, será promovida a unidade mundial. No presente, esses homens estão apenas em processo de organização e tendem a sentir que o trabalho a realizar é tão incomensurável e as forças contrárias tão grandes que seus isolados esforços – atualmente – são inúteis para quebrar as barreiras de ganância e ódio com que se confrontam. No entanto, entendem que ainda não há uma difusão sistemática do princípio de boa vontade que contenha a solução para o problema do mundo; até agora, não têm nenhuma ideia da força numérica dos que pensam como eles. Levantam as mesmas perguntas que agitam as mentes dos homens de todas as partes: Como se pode restabelecer a ordem? Como pode haver uma distribuição justa dos recursos mundiais? Como as Quatro Liberdades podem se tornar efetivas e não apenas belos sonhos? Como a verdadeira religião pode ser ressuscitada e os caminhos da verdadeira vida espiritual reger os corações dos homens? Como uma verdadeira prosperidade, que resultará da unidade, da paz e da abundância pode ser estabelecida?

Há um só caminho verdadeiro e há indícios de que é um caminho para o qual estão se orientando muitos milhões de pessoas. Unidade e corretas relações humanas – individuais, públicas, nacionais e internacionais – podem ser produzidas pela ação unida dos homens e mulheres de boa vontade em todos os países.

Estes homens e mulheres de boa vontade devem ser encontrados e organizados e, assim, a sua potência numérica ser descoberta – pois ela está ali. Devem formar um grupo mundial, endossando as corretas relações humanas e instruindo o público na natureza e no poder da boa vontade. Desta maneira criarão uma opinião pública mundial que será tão potente e tão explícita em favor do bem-estar humano, que os dirigentes, os estadistas, os políticos, os homens de negócio e os religiosos serão obrigados a ouvir e a se adequar. Com firmeza e regularidade, o público em geral será instruído no internacionalismo e na unidade mundial baseada na simples boa vontade e na interdependência cooperativa.

Não se trata de um programa místico ou impraticável; não funciona com procedimentos de delação, sabotagem ou ataque; ressalta as novas políticas, isto é, as políticas baseadas no princípio de promoção das corretas relações humanas. Entre os explorados e os exploradores, entre os promotores da guerra e os pacifistas, as massas e os governantes, este grupo de homens de boa vontade se sustentarão, organizados em milhões, sem se inclinar nem para um lado nem para o outro, não demonstrando nenhum espírito partidário, sem fomentar qualquer distúrbio político ou religioso nem nutrir ódios. Não será um organismo negativo, mas um grupo positivo, interpretando o significado de corretas relações humanas, apoiando a unicidade da humanidade e a fraternidade prática, não teórica. A propagação destas ideias por todos os meios disponíveis e a difusão do princípio de boa vontade produzirão um poderoso grupo internacional organizado. A opinião pública será obrigada a reconhecer a potência do movimento; oportunamente, a força numérica dos homens e mulheres de boa vontade no mundo será tão grande, que eles influenciarão os eventos mundiais. Sua voz unida será ouvida em prol das corretas relações humanas.

Este movimento já está tomando impulso. Em muitos países, este plano de formação de um grupo de pessoas formadas na boa vontade e que possuem uma clara percepção nos princípios que deveriam reger as relações humanas nos assuntos mundiais, já passou da etapa de projeto. O núcleo deste trabalho já está presente hoje. Suas funções se resumiriam como segue:

1. Restabelecer a confiança mundial, possibilitando que se conheça o quanto de boa vontade – organizada e não organizada – há hoje no mundo.
2. Instruir as massas nos princípios e na prática da boa vontade. A expressão “boa vontade” é amplamente utilizada neste momento por todos os partidos e grupos, nacionais e internacionais.

3. Sintetizar e coordenar em um todo atuante todos os homens e mulheres de boa vontade no mundo que reconhecerão estes princípios como seu ideal orientador pessoal, e que procurarão aplicá-los nos eventos mundiais ou nacionais atuais.

4. Em todos os países, criar listas dos homens e mulheres de boa vontade com os quais se possa contar para apoiar a unidade mundial, as corretas relações humanas, e que – em seus próprios países – procurarão propalar esta ideia, por meio da imprensa, palestras e rádio. Oportunamente este grupo mundial deveria ter seu próprio jornal ou revista, e por meio dele poderá intensificar o processo educativo, descobrindo-se que a boa vontade é um princípio e uma técnica de cunho universal.

5. Dotar todo país, e finalmente toda cidade grande, de um escritório central que disponibilizará informações sobre as atividades dos homens e mulheres de boa vontade em todo o mundo; das organizações, grupos e partidos que também estão trabalhando em linhas similares de compreensão internacional e corretas relações humanas. Assim, muitos descobrirão quem quer colaborar com eles em seu particular esforço de promover a unidade mundial.

6. Trabalhar, como homens e mulheres de boa vontade, com todos os grupos que tenham um programa mundial que tenda a conciliar as diferenças mundiais e as disputas nacionais e a pôr fim às distinções raciais. Quando tais grupos trabalharem construtivamente, sem lançar mão de modos de ação agressivos e difamatórios, impulsionados pela boa vontade para com todos os homens e destituídos de um nacionalismo agressivo e de partidarismo, a cooperação dos homens de boa vontade pode ser ofertada e prestada livremente.

Não é preciso um grande esforço imaginativo para ver que, dedicando-se a este trabalho de difusão de boa vontade e de educação da opinião pública em todo seu potencial e, se for possível, descobrindo e organizando os homens de boa vontade em todos os países, muito bem poderá ser feito (inclusive no transcurso de cinco anos). Milhares de pessoas podem se reunir nas posições dos homens de boa vontade. Esta é a tarefa inicial. O poder de um grupo assim, respaldado pela opinião pública, será imenso. Pode alcançar resultados extraordinários.

Como usar o peso dessa boa vontade e como empregar a vontade para estabelecer corretas relações humanas é o que despontará gradualmente do trabalho realizado e dará conta da necessidade da situação mundial. O uso treinado do poder do lado da boa vontade e em nome das corretas relações humanas será demonstrado como algo possível e poderá mudar o atual estado lamentável dos assuntos do mundo. Isto não se fará por meio das correntes medidas bélicas do passado nem pela imposição da vontade de algum grupo agressivo ou rico, mas pelo peso de uma opinião pública treinada – uma opinião que estará baseada na boa vontade, na compreensão inteligente das necessidades da humanidade, na determinação de fomentar corretas relações humanas e no reconhecimento de que os problemas que a humanidade enfrenta hoje podem ser resolvidos mediante a boa vontade.